

O GUARANI

de JOSÉ DE ALENCAR

ADAPTAÇÃO E ROTEIRO DE

JOSÉ ROBENS SIQUEIRA

O GUARANI

DE JOSÉ DE ALENCAR

ADAPTAÇÃO E ROTEIRO DE JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

SÃO PAULO, AGOSTO 1975

REGISTRO NO INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA Nº . . . . .

## O CENÁRIO

Um plateau no alto de um rochedo. As paredes de pedra se projetam quase verticalmente para a selva tropical lá embaixo. Um pequeno rio se projeta em cascata para o sopé do precipício e lá embaixo continua o seu curso sinuoso, *oculto entre as árvores.*

No centro desse aberto da mata, sôbre o rochedo, há uma grande casa, baixa, de sólida construção, circundada por uma varanda. Um pequeno lance de escadas conduz à entrada principal. Sua colocação foi hábilmente planejada. Duas de suas paredes sobem como prolongações do precipício, tornando inacessíveis os seus flancos. A frente e um dos lados dão para um pequena praça, de chão batido e liso que se estende até o rio.

Uma ponte estreita sobre o rio comunica essa pequena fortificação com o território circundante.

Aos fundos, de um dos lados da casa, ~~há~~ a certa distância, dois longos barracões de ~~construção~~ construção mais rústica e dimensões ~~maiores~~ maiores, servem de muralha e moradia.

Toda a organização segue de certa maneira a planta de um feudo medieval. O castelo central, com suas muralhas e fortificações, residência do senhor, do rei.

E isso é exatamente o que é essa casa. Aí vive D. Antônio de Mariz, senhor da vastas extensões de terra em torno. Nessa terra estão espalhadas várias famílias, que pertencem à sua sesmaria, ao seu feudo. Que lhe prestam obediência e serviços. Vivem isoladamente a certa distância da casa. Na fortificação vivem D. Antonio e sua família, além de agregados próximos. Nos barracões ao fundo vivem os servidores imediatos, quarenta homens que constituem um pequeno exército, de "aventureiros."

~~Organização social em 1604, princípios da colonização do Brasil~~

## A ÉPOCA

A ação se passa em 1604, princípios da colonização do Brasil.

Se Portugal, em parte por sua localização geográfica, já apresentava na época, um certo atraso de desenvolvimento em relação ao resto da Europa, esse atraso, em relação ao Brasil, era ainda mais notável. Os costumes vigentes são, pois, ainda nitidamente medievais. Não apenas na organização social dessa pequena comunidade, em tudo semelhante a um feudo, mas também na moda das roupas e nos recursos técnicos disponíveis. Mesmo as músicas que esses homens rudes cantam são ainda velhas baladas medievais.

Seus hábitos são rudes, primitivos. O isolamento na floresta, cercados de índios de costumes inteiramente estranhos a eles, provoca um choque. A abertura aos hábitos ~~portugueses~~ nativos, característica da colonização portuguesa, se faz sentir. Todas as atividades do grupo são mescladas

de técnicas européias e indígenas. Mesmo na mesa dos fidalgos, baixelas e travessas de prata se misturam a cabaças e cumbucas fornecidas diretamente pela natureza e cujo uso foi aprendido dos indígenas.

As roupas são confeccionadas em tecidos trazidos da metrópole, mas evidentemente, parte dos tecidos é de confecção local e <sup>por</sup> portanto, rústico.

Em suma, a rudeza e primitivismo medievais se mesclam à selvageria do novo ambiente, resultando num comportamento forte, agreste e inteiramente novo e original. A proximidade da natureza, o clima quente determina um certo relaxamento nas regras rigorosíssimas do catolicismo vigente. O corpo é parcialmente descoberto, sem pejo, pela necessidade determinada pelas circunstâncias.

A presença do índio, ~~em~~ inteiramente nu, entre pessoas vestidas é aceito por eles com naturalidade, constituindo porém, para o filme, num elemento de sensualidade ativa. ~~Sua presença é o elemento detonador de todos os choques de culturas.~~

## ABRIR NOVA PÁGINA

### OS PERSONAGENS

#### A família:

- D. Antonio de Mariz - fidalgo português de 60 anos, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro. Longas barbas e cabelos brancos. É um tipo forte, majestoso, imponente, vigoroso, afeito à dura vida de soldado e colonizador.
- D. Lauriana, sua mulher - 55 anos, dama paulista muito rígida e religiosa, com todos os preconceitos da fidalguia daquela tempo, mas com bom coração apesar de ~~ser~~ egoísta.
- D. Diogo de Mariz - 22 anos, herdeiro dos títulos, honras e possessões do pai. Pálido, refinado, vicioso, mimado pela mãe, tratado com excessivo rigor pelo pai.
- Cecília - 16 anos, loura, olhos azuis, "a deusa desse pequeno mundo". Um anjo atraente, carregado de sensualismo adolescente, travessa, mimosa, faceira e caprichosa.

#### Os agregados:

- Isabel - 18 anos, morena jambo, fruto do início da miscigenação racial que deu origem ao tipo brasileiro. Sensual, apaixonada, fegosa, filha ilegítima de D. Antonio e uma índia.
- Álvaro de Sá - 23 anos, nobre, sensível, puro, forte e honrado, órfão de companheiros de D. Antonio, a cujos cui-

- Aires Gomes - dados foi entregue, tendo sido criado como um filho adotivo da família. o escudeiro de meia idade, antigo companheiro de armas de D. Antonio. Sua origem humilde é compensada por uma extrema honradez que o torna rígido, levando todas as ordens ao pé da letra. Isso o torna uma espécie de Sancho Pança, quase cômico, um pouco parvo em seu excesso de zelo. Merece a confiança absoluta de seu senhor.
- D. Ana Dias - sua espôsa, governanta da família há muitos anos. Ela devotou a maior parte de sua vida, colocando-a antes mesmo de seus filhos e marido. Madura, sãca, uma réplica imperfeita e simplória de sua senhora, 50 anos.
- Crispim e Silvestre - gêmeos, filhos de Aires Gomes e Ana Dias, companheiros de D. Diogo, de cuja amizade se beneficiam para gozar de alguns privilégios na pequena comunidade. Muito bonitos, meio debochados, a relação entre elas e D. Diogo mantém um certo mistério e dubiedade sexual.
- Martina
- Lêda Miranda
- Leonor Vaz
- Peri, o guarani - Criadas de casa, mestiças de índio ~~crias~~ trazidas para o seio da família pela caridade cristã. Ocupam-se dos afazeres mais rústicos sob as ordens rigorosas de D. Ana Dias. Mantêm-se à parte em seu pequeno mundo e servem, obviamente, às necessidades sexuais do pequeno exército de aventureiros. ~~Essas criadas nascem antes da 30 anos.~~ 20 anos, "um deus brasileiro", o tipo índio perfeito em toda a sua beleza natural e selvagem. Inteligente e ingênuo a um tempo, de uma vivacidade animal, sem contudo perder o primitismo de sua raça.
- Os aventureiros:
- Loredano/Frei Ângelo di Luca - 30 anos, fascinante e vigoroso, de um sensualismo evidente e explosivo, longamente contido pela vida monástica, seculoso de riqueza e poder, sem escrúpulos, maquiavélico, mordaz e ousado. *Italiano, com forte sotaque.*
- Rui Soeiro - astuto, silencioso, sempre em guarda como um gato, capaz de crueldade e violência, braço direito de Loredano. 30 anos.
- Bento Simões - segundo assecla de Loredano. Musculoso, sangüí-

neo, apaixonado e explosivo. Sua extroversão o torna ruidoso, agitado e violento. 25 anos.

O exército de aventureiros é composto de homens das mais variadas idades e tipos físicos. Desde meninos até velhos de cabeças brancas. São os habitantes das terras de D. Antonio, que no momento de necessidade são convocados a se aquartelarem e servirem ao senhor, nos limites de sua casa. Uma parte deles vive nos barracões aos fundos da casa, servindo às tarefas mais imediatas de manutenção. Este é o grupo principal que serve de permanente pano de fundo à ação da história. São eles:

1. Pedro Ianês
2. Góes de Braga
3. Coutinho Taques
4. Fernandes Loureiro
5. Gabriel Cruz
6. Tomé Terceiro
7. Maurício Pereira
8. Lopez Menendez
9. Gil Cabral
10. Diego Guillén
11. Benito Sanchez
12. Nuno Gonçalo de Souza
13. Felício Duarte
14. Dario Ledo
15. Terêncio Gomes
16. Venâncio Gomes
17. Julião D'Almeida
18. Gumerindo Dó
19. Jerônimo Domingos Velho
20. Gastão Ribeira
21. Raimundo Çapaio
22. Simão Raposo
23. Joaquim Cristóvão
24. Viriato Bezerra
25. Vicente Sá
26. Solano Brisco
27. Narciso Manrique
28. Lemos Vasconcelos
29. Veloso Calvo
30. Vidal Soares
31. Amador Cêro
32. Geraldo Abrantes
33. Valério Marques Rebelo
34. Serafim da Cunha
35. Domício Pez
36. Paio Sanchez
37. Braz Carrasco

38. João Feio  
39. Martin Vaz  
40. Vasco Afonso

## Outros:

- Mestre Nunes - Fidalgo empobrecido, antigo companheiro de armas de D. Antonio, afeito à vida mais confortável e cômoda perto da cidade. Gordo, honesto e leal, êle administra uma pousada e taberna à beira da estrada. 50 anos.
- Fernão Aines - homem rude que, ao morrer passa a Loredano o fabuloso mapa das minas de prata de Robério Dias.
- Lucinda  
Graciana ciganas itinerantes que servem aos interesses de quantos homens encontrarem pelas estradas. São dançarinas, roupas ~~xxx~~ coloridas e olhos brilhantes, muito bonitas apesar de sujas e gastas nos seus jovens vinte anos.
- ~~Caravajão~~ MÃE NORICA velha de seus 70 anos, extremamente gorda, "tia" e "administradora" das ciganas Lucinda e Graciana.
- Pepe garoto de 15 anos, cigano, brinco de ouro na orelha. Valentão e puerilmente viril é o condutor do burro de carga que conduz a velha e "defensor" das ciganas.
- Cacique dos Almorés- Extremamente feio, um tipo pré-histórico, marcante, de figura impressionante, ~~magro e colérico por sua extraordinária força e ferocidade~~. Idade indefinível.
- Índia aimoré 1 muito jovem e extraordinariamente bonita.
- Índia aimoré 2 velha, encarquilhada e feia
- Índio aimoré 1 jovem, forte e rude
- Índio aimoré 2 velho, mas ainda ágil e vigoroso

## Os almorés:

150 a 200 índios "da mais feroz catadura", primitivos, selvagens, afeitos à guerra. Canibais. O grupo inclui mulheres, jovens, velhos e crianças.

## SEQUENCIA 1 - EXT NOITE

1. Durante um tempo a tela negra, em silêncio. De repente, um raio cruza o céu, acompanhado de trovão forte e ruído de chuva torrencial. A ~~XXXXXXXX~~ CAM começa a descer, revelando uma casa rústica à beira de uma trilha, na selva. Sobre a porta uma tabuleta: HOSPEDARIA NOVO MUNDO oscila no vento e na chuva, rangendo. A CAM faz um TRAV contornando a casa até a parte de trás, onde há um pequeno pátio. No centro uma árvore muito grande. Protegido da chuva por uma capa que lhe cobre a cabeça, um homem urina no tronco. Um raio clareia tudo de novo. Atinge a árvore numa explosão de fumaça e faíscas. O homem fica paralizado. A árvore ~~XXXX~~ ~~XXXXXX~~ cai, estalando, em cima do homem. Ele grita. Uma parte do tronco está em chamas, iluminando a cena.
2. Caído no chão, com a cabeça numa poça de água, o homem está esmagado pelo tronco que caiu em cima de seu peito. Ele grita de dor e de medo. E desmaia.
3. Uma porta se abre na hospedaria: dois vultos, também cobertos por panos saem correndo e chegam até a árvore caída.
4. Debaixo da chuva forte ele tentam com esforço levantar o tronco com gestos rápidos e agitados. Um deles sustenta o tronco enquanto o outro arrasta o corpo do homem.
5. Um dos vultos segura debaixo dos braços, o outro pela pernas. Caminham até a porta, entram e fecham a porta.

## SEQUENCIA 2 - INT NOITE

6. Um quarto na de hospedaria: um catre rústico, uma pequena mesa, uma cadeira com roupas, um crucifixo na parede. A porta se abre. Os dois homens entram e colocam o ferido sobre a cama. Ele já recobrou os sentidos e geme, dizendo sem cessar:

- Castigo do céu, castigo do céu...



7. Sua cabeça afunda no travesseiro, molhado, os olhos esbugalhados. É um homem de seus quarenta anos, rústico, ~~XXXXXXXXXXXX~~ seu peito está ensanguentado, êle agoniza repetindo:

- Castigo do céu, castigo do céu...

8. De pé, ao lado da cama, um dos homens tira a capa de pano- tem cêrca de trinta anos, uma bela cabeça, hábito de religioso. Sem desviar os olhos do moribundo êle estende a capa molhada para o outro homem que está um pouco atrás dêle: Mestre Nunes, o hospedeiro, gordo, amedrontado. Durante um instante êles observam o homem que geme. Por fim, o Frei se ajoelha ao lado da cama, saindo de quadro. Mestre Nunes faz o sinal da cruz, caminha até a porta e sai.

9. Com os cotovelos apoiados no colchão  
Frei Ângelo reza: ~~XXXXXXXXXXXX~~

- Pater noster qui es in caelum, sanctificatur nomem tuum, regnum tuumm...

Sem parar de mover os lábios, mas já quase sem fala, o moribundo vira a cabeça e olha para o Frei um instante. O frei reza, de olhos fechados. Finalmente o moribundo fala:

- Padre... padre...

Frei Ângelo abre os olhos, atento;  
o moribundo continua:

- ... não tenho perdão...

Frei Ângelo:

- Calma, irmão. Calma.

10. O moribundo ~~XXXX~~ contrai o rosto, num espasmo de dor. Tem as mãos espalmadas sôbre o peito ensanguentado. Com esforço êle fala:

- Eu matei, padre... matei... ah... meu cunhado e a mulher... era homem bom... era... mas êle tinha o mapa, padre, o mapa da maior mina de prata, a maior que já se viu...

11. Frei Ângelo ouve. Seus olhos começam a mostrar curiosidade pela história.

12. O moribundo continua:

- Um índio mostrou para Robério Dias o lugar da mina... êle... êle escreveu o roteiro, desenhou o mapa... mas meu cunhado roubou ... o segredo... o tesouro...

O homem geme, retorce o corpo de dor.

Fica um momento respirando e continua:

- ... meu cunhado me convidou para explorar a mina... junto com êle... mas eu matei, padre... eu matei... e roubei.... quem rouba ladrão, quem rouba ladrão tem cem anos de...

Êle ri, mas a risada se transforma num gemido. Êle se imobiliza um instante, ~~XXXXXXXXXX~~ sem sentidos.

13. Ao lado da cama, o Frei já não tem o aspecto tão piedoso. Seus olhos brilham de curiosidade. De cobiça. Êle coloca a mão no rosto do moribundo,
14. dá-lhe um tapinha no rosto. O homem acorda assustado e continua:

- ... \* perdão, padre, o perdão... O perdão de Deus...

Êle olha para o Frei, segura a sua mão e tenta se levantar:

- Robério Dias morreu, padre... mas a mulher dele ainda está viva... na Bahia. Eu quero que o senhor leve o mapa para ela... Meu nome é Fernão Aines... Fernão Aines... O senhor me promete, padre... ~~me~~ promete que devolve o roteiro... o mapa da mina de prata para ela...

Êle cai deitado de novo. Suas forças estão no fim. Com um resto de voz êle diz:

- Assim, eu tenho o perdão de Deus.

E perde os sentidos.

15. Frei Ângelo está confuso, seu rosto está transtornado. Êle hesita um instante, por fim não se controla.
16. Sacode o homem que morre, pelos ombros, violentamente. \* Fernão Aines abre os olhos. Frei Ângelo ~~fixa~~ se curva sobre êle e fala junto do seu rosto:

- O mapa, Fernão, onde está?...

17. Fernão Aines está morrendo, com os olhos quase fechados êle repeta, muito baixo:  
- O senhor promete, padre,... o perdão de Deus...

18. Frei Angelo não consegue mais contar a sua ambição, ~~ele~~ sacode o homem:  
- Onde está o mapa? Onde? Fala, homem, parla... Parla...

Fernão Aines solta um longo estertor e todo seu corpo se relaxa. Frei Angelo deixa-o cair sôbre a cama, senta-se ao lado dela, olhando fixamente para o homem que êle julga morto, passa a mão pelo próprio rosto, afogueado de emoção. De repente, Fernão Aines se senta na cama, com os olhos arregalados, olhando o vazio com uma expressão de profundo terror. Com suas últimas forças êle grita:

- A cruz!

~~em~~ Numa convulsão ~~ele~~ vomita violentamente um ~~o~~ jôrro de sangue, e cai, morto.

19. Sentado à beira da cama, Frei Angelo protege o rosto com a mão, mas umas gôtas de sangue caem em sua face. Êle fecha os olhos com força, dominando os próprios sentimentos, apertando os maxilares.
20. PLANO GERAL DO QUARTO: Frei Angelo olha durante um longo momento o homem morto na cama. Depois, volta a cabeça e olha para a parede oposta.
21. Um trovão ilumina a parede do outro lado do quarto. Pandurada no centro uma cruz de madeira com a imagem do Cristo em metal. A zoom fecha sôbre a cruz.
22. Close de Frei Angelo. Êle compreende tudo lentamente.
23. De um salto ~~ele~~ se põe de pé, atravessa o quarto em dois passos.
24. Arranca a cruz da parede, com um gesto agitado ~~ele~~ quebra o crucifixo no joelho dobrado.
25. A imagem do Cristo de braços ~~abertos~~ cai no chão de terra batida.
26. Frei Angelo olha para os dois pedaços de cruz que tem nas mãos. Do interior de um deles sai uma ponta de papel. Muito agitado e nervoso êle tenta quebrar a madeira, com as unhas, com os

dentos. Machuca o lábio, mas consegue retirar o papel.

27. Suas mãos, nervosas, abrem o pergaminho, onde se lê: "Roteiro verídico e exato que fêz Robério Dias, o pai, em o ano da graça de 1587 às paragens de Jacobina, onde descobriu com o favor de Deus, as mais ricas minas de prata que existam no mundo; contendo a suma de tôdas as indicações de marcos, balizas e linha equinocial onde demoram aquelas ditas minas; começado em ....

A câmara sobe para mostrar Frei Angelo: êle lê com a yidez, rapidamente, dominado por uma emoção selvagem, seus olhos se enchem de lágrimas. Êle aperta o papel no peito, joga a cabeça para trás e ri violentamente.

28. Parado, de pé, no centro do quarto, Frei Angelo domina suas emoções. Vira a cabeça, olha para o morto ensanguentado na cama. Aproxima-se.
29. Com os dedos esticados êle fecha os olhos do morto e faz um sinal da cruz diante do rosto morto.
30. ~~Volta~~ Volta a olhar o papel. Dobra-o e enfia na abertura do hábito, no peito. Olha para a porta fechada. Pensa um momento, anda de um lado para o outro, sem saber exatamente o que fazer.
31. Close: uma idéia lhe ocorre, êle vira a cabeça, os olhos ~~brilham~~ brilhando.
32. Frei Angelo apanha os pedaços de cruz do chão, caminha rapidamente até a cadeira.
33. Apanha as roupas que estão penduradas ali, enrola a imagem de Cristo e a cruz, fazendo uma trouxa. Olha em volta para ver se tudo está em ordem. Passa a mão pelos cabelos, recompõe a roupa, ajeltando o papel no peito, arma uma expressão solene e caminha para a porta.
34. No corredor, Mestre Nunes, encostado à parede, se volta quando a porta se abre, Frei Angelo surge, muito sério e diz: - Consumatus est, irmão!  
Mestre Nunes faz o sinal da cruz:  
- Deus tenha sua alma.

35. Frei Ângelo está visivelmente ~~XXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXX~~ perturbado, mas consegue repre-  
sentar ainda seu papel de religioso:
- Eu espero ter fôrças para cumprir  
a sua última vontade. Uma reparação.
36. Mestre Nunes tem ainda as mãos cruzadas  
diante da bôca, seus olhos se arregalam:
- De um pecado muito grave?
37. Frei Ângelo olha para êle com uma expres-  
são ~~XXX~~ séria e pesada:
- De um crime.
- Êle se volta e caminha rapidamente para a porta.  
Mestre Nunes o segue.
38. Junto da porta de saída, Frei Angelo pára um momento, com a  
mão sôbre o trinco. Vira-se para Mestre Nunes  
e diz, muito solene:
- Talvez eu nunca mais volte de onde  
vou... e nem se saiba mais notícias  
de mim. Adio.

### SEQUENCIA 3 - EXT NOITE

39. A porta da hospedaria se abre. Frei Ângelo  
sai rapidamente para a chuva e caminha depressa,  
até sair de quadro. Mestre Nunes, parado na porta,  
grita, preocupado:
- Frei Ângelo, Frei Ângelo...
- Mas o frade já desapareceu no escuro e na chuva.  
Êle fecha a porta, ~~XXXXXXXX~~
- A CAM faz uma panorâmica para a direção por onde  
saiu o frade e num TRAV rapidíssimo chega até êle.
40. CLOSE de Frei Angelo. Êle caminha depressa pela  
trilha no meio do mato. A chuva ~~XXXX~~ escorre pelo  
seu rosto. Êle ri, com os dentes à mostra, sel-  
vagem, perturbado. De repente, um raio ilumina  
o espaço, caindo perto com um ruído ensurdecedor.  
Êle protege o rosto com a mão.
41. Pára no meio da trilha, no escuro, debaixo da chu-  
va forte e tem uma reação violenta. Atira a trou-  
xa no chão, despe o hábito rapidamente e fica  
nu, com a chuva escorrendo pelo corpo. Levanta  
o braço para o céu, apertando na mão o pergaminho  
do mapa e grita, com voz rouca:
- Fulmina-me! Ma se mi deixa la vita  
saró ricco e poderoso contro la vo-  
luntá di Dio e di tutto il mondo.

Num movimento brusco a CAM sobe para enquadrar o ~~céu~~ céu negro. Um raio cruza o céu com duas listas de fogo branco.

O resto é escuro e ~~silêncio~~ o trovão que ecoa.

SEQUENCIA 4 - EXT DIA

**II**

42. Um riacho corre entre pedras, suavemente. A CAM se afasta para revelar um gramado liso e verde à margem do riacho, formando um círculo rodeado de árvores por um lado e com um alta parede de pedra quase vertical do outro. Espalhada em bancos toscos, feitos de troncos de árvores está a família de D. Antonio. D. Lauriana e Ana Dias, juntas, bordam peças de roupas brancas, sem bastidores. Diogo, Crispim e Silvestre, sentados na relva, jogam dados sobre uma pedra. Cecilia, loura, vestida de branco oscila num balanço pendurado de uma árvore. Isabel, morena, um pouco mais velha empurra-a. D. Antonio, com suas longas barbas e cabelos brancos está sentado em uma cadeira desmontável, mas assim mesmo de espaldar alto. Diogo e os dois rapazes comentam e riem os lances dos dados. D. Lauriana e Ana Dias conversam em voz baixa. Cecilia salta do trapézio e corre pela grama, rindo, Isabel corre atrás dela, riem alto.
43. ~~xx~~ Close de D. Antonio, com os olhos semi-cerrados, na preguiça gostosa de uma tarde de verão, ele segue o movimento das meninas. Sorri por baixo dos bigodes, satisfeito. Encosta a cabeça para trás, mergulha em pensamentos, fecha os olhos. Abre-os de novo, vira a cabeça e olha ao longe.
44. For entre a folhagem das árvores se vê, longe, uma elevação rochosa que se estende de uma lado até a floresta e de outro cai numa parede de rocha lisa e vertical. Sobre a pedra a grande casa da família.
45. D. Antonio observa um instante o seu reino, depois repousa de novo a cabeça e ~~xxxxxxxxxxxx~~ olha em volta.
46. D. Lauriana e Ana Dias bordam.
47. Diogo, Crispim e Silvestre jogam.
48. Cecilia ~~xxxxxxxxxxxx~~ senta-se junto à

pedra, encosta a cabeça, afasta o cabelo do rosto, e vira ~~xxxxxx~~ -se para o sol, de olhos fechados. Isabel sai de perto dela, senta-se na sombra de uma árvore próxima, abre um livro pequeno e lê.

49. D. Antonio sorri satisfeito, por baixo dos bigodes. Fecha os olhos, cobre um bocejo com a mão e encosta-se para dormir. De repente um grito, em voz estranha:  
- IARA!

D. Antonio se levanta de um salto.

50. Espalhados pelo gramado todos suspensos no meio de um gesto, olhando para a mesma direção.
51. A pedra: sentada na relva, olhando de lado, Cecília, confusa pelo grito procura descobrir de onde veio. Uma rápida ~~xx~~ PAN pela pedra acima: no alto, um jovem índio, nu, sustenta uma grande rocha nos ombros. A zoom se fecha rapidamente ~~sobre~~ sobre ele, os músculos tensos, tremendo, molhado de suor com o esforço.
52. D. Antonio reage rapidamente. Corre até Cecília, passa o braço por sua cintura e correm para fora de quadro. Imediatamente a pedra cai e se afunda no chão, exatamente no lugar onde ela estava sentada.
53. No meio do gramado a família forma um grupo estático em torno de D. Antonio que abraça Cecília. Todos estão olhando para cima.
54. No alto da pedra ~~xx~~ o jovem índio espera, como uma estátua sobre um pedestal.
55. D. Antonio faz um amplo sinal com o braço, chamando o índio.
57. Peri salta da pedra para pedra.
58. ~~Ele~~ Chega à frente do grupo e pára diante de D. Antonio. Por trás dele D. Lauriana vira o rosto para não ver a nudez do índio. Diogo e os rapazes colocam a mão sobre a copa da espada. D. Antonio pergunta, em guarani:  
- A que nação pertence?
59. O índio mantém seu porte majestoso, responde sério:  
- Goltacás.
60. D. Antonio:  
- Como se chama?
61. ~~xxxx~~ O índio:  
- Peri, filho de Ararê, primeiro de sua tribo.
62. D. Antonio sente a majestade do índio e fala de igual para igual com ele, sempre em guarani:  
- Eu sou um fidalgo português,

um branco inimigo da tua raça, conquistador da tua terra. Mas você salvou minha filha. ~~Então~~ Te ofereço minha amizade.

Peri:

- Peri aceita. Guerreiro branco já era amigo.

D. Antonio:

- Como assim?

63. Peri olha para a família reunida, correndo o olhar pelo grupo, até chegar em Cecília. Ele fica olhando abertamente para ela.

64. D. Antonio aperta o braço em torno da filha, ela baixa os olhos envergonhada. Por trás dêle D. Lauriana faz o sinal da cruz, seguida de Ana Dias que também faz.

65. Peri: ~~afasta um passo, empina o corpo, olha a cima das cabeças do grupo e começa a narrar num tom de voz cerimonioso:~~

- Ouve a história de Peri.

Ele afasta um passo, empina o corpo, olha a cima das cabeças do grupo e começa a narrar num tom de voz cerimonioso:

- A terra cobriu o corpo de Ararê e as suas armas. Menos o seu arco de guerra. Peri chamou os guerreiros e disse: Pai mor-

~~reu. Aquele que for o mais forte de todos ganha o arco de Ararê. Guerra!~~

reu. Aquele que for o mais forte de todos ganha o arco de Ararê. Guerra!

66. Sem tirar os olhos do índio D. Antonio traduz para a família:

- Quando o pai dele morreu, êle chamou os guerreiros e fizeram uma guerra para descobrir quem seria o sucessor do cacique.

67. Peri ouve atentamente o velho falando a língua estranha. Quando D. Antonio termina êle espera um momento e continua:

- Os guerreiros responderam: guerra! Enquanto o sol brilhava, caminhamos. Quando a ~~lua~~ lua subiu no céu, chegamos. Tôda a noite foi guerra. Houve sangue, houve fogo.

#### SEQUENCIA 4A - EXT DIA

68. Ruínas de algumas casas. Em alguns pontos a fumaça ainda sobe intensa. Pelo chão há muitos corpos de brancos, ensanguentados, com flechas espetadas. ~~Ruínas de algumas casas.~~



69. Uma escadaria de quatro ou cinco degraus, diante da porta da igreja, ainda <sup>está</sup> pé e através da qual se vê as ruínas da igreja. Só o altar-mor ainda está de pé. Peri sobe os degraus, com o corpo suado, sujo de sangue, pintado para a guerra. Ele dá um grito, levanta o arco no ar e baixa o braço num gesto ritual. Sobre a imagem, Peri narra, off:

- Quando Peri baixou o arco de Ararê não havia na taba dos brancos nenhuma cabana de pé, nenhum homem vivo.

Uma velha índia se coloca diante de Peri. A voz de Peri, off:

- A mãe chegou e disse: Peri, filho de Ararê é grande, é forte como seu pai. Tua mãe te ama.

Um grupo de índios se coloca diante dele. A voz de Peri, off:

- Os guerreiros vieram e disseram: Peri, filho de ararê é chefe dos goitacás~~us~~, é o mais valente da tribo. Os guerreiros te obedecem.

Um grupo de índias jovens se coloca diante dele. A voz de Peri, off:

- As mulheres vieram e disseram: Peri, primeiro de todos é belo como o sol, as mulheres são suas.

70. No alto da escada Peri, altivo, olha ao longe. A voz de Peri, Off:

- Peri ouviu e não respondeu.

Peri vira as costas e entra na igreja.

71. No meio dos destroços da igreja, Peri avança e pára, olhando o altar.

72. O altar: no nicho central uma imagem da Imaculada Conceição, loura, olhos de vidro, azuis, vestida de branco e azul.

Sobre essas imagens a voz de Peri, off:

- No meio do fogo Peri viu a senhora, a Iara dos brancos. Branca como a lua, e cor de céu nos olhos, e cor do sol no cabelo, vestida de nuvem,

um cinto de estrêlas.

SEQUENCIA 4 (continuação).

73. Close de Cecília encostada ao pai. CAM sobe para close de D. Antonio, o velho ~~xxxxxx~~ olha ~~xxxx~~ para Peri.
74. Diante dele o índio faz uma pausa esperando que êle traduza. ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~  
~~xxxxxxxxxxxx~~
75. Cecilia levanta o rosto para o pai, curiosa e pergunta:
- O que foi que êle disse?
- D. Antonio parece retornar de muito longe e conta:
- ~~xxxxxxx~~ A tribo dele combateu uma aldeia portuguesa e venceu a guerra. E êle foi aclamado cacique; depois da batalha êle viu na Igreja a imagem de Nossa Senhora.
- D. Antonio faz um gesto para o índio:
76. Peri assume novamente sua pose e continua:
- De noite, Peri sonhou. A Iara apareceu e falou assim: Peri, guerreiro livre, agora é meu escravo. Me acompanha a toda parte, como o sol acompanha o dia.
- Êle para e espera a tradução.
77. D. Antonio sorri, adivinhando o resto. Não traduz e faz um sinal para que êle continue.
78. Peri prossegue:
- O sol chegava no meio do céu, Peri chegou no meio do rio. Viu de longe a tabe grande. A virgem branca apareceu. Peri subiu na pedra. Os olhos estavam na Iara, o ouvido no coração. Mas a pedra rolou e quis matar a Iara. Peri segurou a pedra porque não quer que a Iara volte para o céu.
- Êle olha para Cecilia, fixamente.
79. Cecilia fica envergonhada e olha para o pai. Pergunta:
- E agora, o que foi?
80. D. Antonio, compreendendo tudo, sorri admirando o índio:
- Hoje, êle chegou até o rio e viu a Virgem, a Iara, correndo pelo campo.
81. Cecilia olha para o índio, mas baixa

os olhos e cora, envergonhada, quando entende o paralelo. D. Antonio continua off:

- Ele subiu à pedra para observar, mas a pedra se soltou e ele segurou a pedra, porque... porque não quer que a Iara volte para o céu.

Cecília morde o lábio, solta-se do braço do ~~xxx~~ pai e vai para o lado de D. Lauriana.

82. Diante do grupo, Peri e D. Antonio frente a frente, como dois reis. Peri levanta o braço e estende o arco entre os dois. Ele fala, solene:

- Guerreiro branco, Peri, primeiro de sua tribo, filho de Ararê, da nação goitacás, forte na guerra, oferece o seu arco. Amigo.

D. Antonio estende o braço, e com igual solenidade poussa a mão sobre o arco.

\*\*\*\*\*

A CAM se afasta do grupo, isolando-o no cenário e numa PAN fecha a zoom sobre o riacho que corre entre pedras, suavemente.

ESCURECIMENTO

## LETREIROS DE APRESENTAÇÃO

### SEQUENCIA 5 - INT DIA

83. O gabinete de D. Antonio: dominando o ambiente uma pesada e ampla mesa de madeira, rústica. Sobre ela uma ampulheta grande, uma pilha de livros, algumas folhas soltas de papel, com pedras transparente servindo de peso, um tinteiro de bronze e mármore com duas ou três penas coloridas, alguns rolos de papel, uma cabaga cortada ao meio cheia de cinza usada como mata-borrão, Debaiixo da janela um banco de madeira, no chão uma pele de veado, meio gasta, serve de tapete. A um canto uma estante com a Bíblia encadernada em couro, com letras douradas desbotadas pelo uso. Um tronco fino com algumas tócos de galhos serve de cabide de chapéus, ao lado da porta. Na parede por trás da mesa um grande mapa

→ uma vela grossa de sebo  
em candelabro de prata,  
duas pedrueiras para  
fazer fogo, bastões de  
lacre vermelho.

desenhado e colorido sôbre pergaminho, mostrando a costa atlântica do Brasil, com a sesmaria de D. Antonio assinalada em vermelho. Na parede ao lado da janela uma estante de fabricação doméstica, de tábuas grossas e rústicas, com muitos livros e rôlos de papel, além de alguns objetos europeus. Na parede oposta à janela algumas pistolas e arcabuzes dependurados.

Por trás da mesa, uma ~~cadeira~~ cadeira de espaldar alto, de entalhe português, ostentando o braço da família. D. Antonio está sentado nela, usando óculos de meias lentes, lendo uma longa tira de papel, pena na mão, anotando num livro preto. Uma voz soa ~~off~~ off, êle levanta a cabeça:

- Com ~~licença~~ licença, D. Antonio.

84. De pé, no centro da sala, diante da mesa, Aires Gomes, cerimonioso:

- Aquelle estrangeiro que pediu hospedagem há uma semana, quer uma audiência.

85. D. Antonio pouza o papel, a pena, tira os óculos, encosta-se na cadeira, cruza as mãos no colo, calmo:

- Mandá entrar.

86. Aires Gomes caminha até a porta aberta, sai. Um instante depois, surge na moldura da porta vazia: Frei Ângelo de Luca. Êle avança e pára no centro da sala. Está vestido com roupas ~~comuns~~ comuns. Já não tem nada mais de religioso. A ~~porta~~ ~~porta~~ fecha sôbre ~~êle~~ êle, que sorri.

87. D. Antonio:

- Que deseja, senhor?...

88. Simpático, sorridente êle completa com segurança:

- Loredano.

89. D. Antonio se apóia com os braços na mesa:

- Lhe falta alguma coisa?

90. Loredano-

- Pelo contrário, senhor, estou tão bem aqui que meu desejo é ficar.

91. D. Antonio:

- Pois seja. A nossa hospitalidade não pergunta o nome de quem chega e também não pergunta quando parte.

92. Loredano avança um passo, explica-se:

- Um homem do bando vai embora para

- o Rio de Janeiro, porque a mulher e o filho chegaram de Portugal...
93. D. Antonio:  
- Certo. Ontem êle comunicou a sua partida.
94. Loredano aguarda um momento. Êle percebe que D. Antonio está propondo um jôgo e que êle vai ter de pedir. O valho não fará o convite. Êle prossegue, testando sua força:  
- Portanto, fica faltando um homem.  
Nova pausa. Êle aguarda um pouco olhando para D. Antonio.
95. Em sua cadeira, como num trono, D. Antonio levanta as sobancelhas, esperando que Loredano prossiga.
96. Loredano percebe que terá de pedir:  
- Eu posso ser êsse homem, senhor. Se não houver inconveniente.
97. D. Antonio percebe a ponta de ironia da última frase, mas finge não notar.  
Generoso:  
- Nenhum inconveniente.  
Êle faz uma pausa, olhando fixamente para Loredano:  
- O senhor é italiano?...
98. Loredano controla uma reação de susto:  
- Sim, senhor.
99. D. Antonio se levanta, sorri, demonstrando ter percebido a reação. Levanta-se, e circundando a mesa diz:  
- Não se preocupe. O passado dos meus homens não importa.
100. Loredano parece aliviado, sorri:  
- Posso, então, consider-me admitido?
101. D. Antonio avança até êle, coloca a mão em seu ombro e o conduz até a porta:  
- Aires Gomes, meu escudeiro, vai relatar as condições de contrato. Se concordar é caso resolvido.
- ~~xxxxxxxxxx~~ Diante da porta êles apertam a s mãos. Loredano sai, D. Antonio retorna para seu lugar, saindo de quadro.

## SEQUENCIA 6 - INT DIA

102. Loredano atravessa a sala principal da casa. O ruído de uma porta chama-lhe a atenção e ela pára e vira o rosto.
103. Cecília sai de seu quarto para a sala, ~~XXXXXXXX~~ dobrando um lenço. Sente a presença de alguém, levanta os olhos e se assusta, levando a mão ao peito.
104. Loredano olha fixamente para ela. Seus olhos brilham, a boca forma um sorriso malicioso, ele deseja. ~~Ele~~ Cumprimenta com a cabeça.
105. Cecília, assustada e envergonhada, baixa os olhos e se afasta.
106. Loredano observa um instante a menina que atravessa a sala, ri mais, coloca o chapéu e sai da casa.

SEQUENCIA 7 - ~~XXXXXXXX~~ EXT-INT DIA

107. Sobre a selva começa a surgir o sol, amanhece.
108. Um grande barracão, formando uma única sala. Pelas frestas da parede e do telhado entram os primeiros raios de sol. A CAM desce por eles até revelar os homens ~~que~~ que dormem, ~~XXXXXXXXXXXX~~ os mais jovens no chão, sobre esteiras, no centro do barracão. Junto a uma das paredes uma fila de catres rústicos onde dormem os mais velhos de todos. Na parede oposta uma fila de estacas sustenta as rédes, que são as mais numerosas, onde dorme a maioria dos homens. De uma das rédes sai um homem. Ele se senta, bocejando longamente e se levanta, cabelos despenteados, sem camisa, descalço. ~~Ele~~ Atravessa o barracão e caminha até a porta de entrada. A CAM faz um TRAV para trás acompanhando o homem. Ele chega à porta e toca um sino dependurado do lado de fora da porta. Imediatamente todos os homens despertam. Alguns se levantam imediatamente e saem do barracão, vestindo roupas, outros são mais lentos e demoram um pouco, coçando a barriga, esfregando os olhos. Três dos mais jovens se encarregam

de recolher as esteiras.

SEQUENCIA 8 - INT DIA

109. O outro barracão: tomando todo o centro uma enorme mesa, em torno da qual já estão sentados todos os homens. As três criadas, Martina, Lêda Miranda e Leonor Vaz estão servindo a refeição. ~~At~~ Ao lado de cada uma delas há um dos homens mais moços, carregando caldeirões grandes.
110. A CAM ~~XXXXXXXXXX~~ faz um TRAV pela fila de rostos sentada a um lado da mesa: são homens rudes que mascam pedaços de pão em silêncio. O TRAV estaca sôbre Leonor Vaz, a criada mais velha, que ~~XXXX~~ retira com uma concha um mingau grosso e quente do caldeirão carregado pelo jovem. ~~XXXXXX~~ O TRAV continua, seguindo a mulher. Ela serve os homens de um em um.
- A CAM recua para mostrar o outro lado da mesa: Leda Miranda, mais jovem, faz a mesma atividade. Está servindo um dos homens. A mão dêle sobe por sua perna e aperta-lhe uma nádega. Ela reage vivamente e bate-lhe com a concha na cabeça, derrubando o mingau em seu rosto. O homem se põe de pé com um grito, todos riem. A criada também.
- A CAM gira em seu eixo mostrando a fila de homens que ri com a boca cheia, divertidos.

SEQUENCIA 9 - EXT DIA

111. A praça em frente da casa: uma fila de cavalos selados espera. Alguns burros agrupados de um lado levam grandes cestos. O clima é de agitação e preparativos. Alguns homens sobem e descem a escada da casa, trazendo sacos e pequenos baús da varanda, arrumando-os nos ~~XXXXXX~~ <sup>cestos</sup> dos burros.
112. Na varanda da casa, arrumados lado a lado no chão, víveres empacotados: sacos de farinha e de frutas secas, pequenos baús com pedras preciosas em estado bruto, pilhas de peles de animais, curtidas. Álvaro, com folhas de papel na

mão caminha ao lado dos víveres. De-  
tém um dos homens que carrega um saco,  
examina o conteúdo, o homem parte, Ál-  
varo verifica a lista que tem na mão.  
Aires Gomes se aproxima dêle:

- Tudo em ordem, Seu Álvaro?

Álvaro dobra os papéis:

- Tudo. Estamos quase prontos para  
partir.

Caminham lado a lado pela varanda.  
Quando estão diante da porta Cecília  
e Isabel surgem ~~surpreendidas~~ da dentro.

113. Álvaro pára, olhando para Cecília,  
Aires Gomes continua, saindo de campo.

114. Cecília sorri para Álvaro:

- Não esqueça as minhas encomendas.

115. Álvaro sorri, mas demonstra tristeza:

- Essas eu não consigo esquecer, mes-  
mo que eu queira.

116. Cecília ri, baixando os olhos. Isa-  
bel por trás dela, não sorri, mas  
olha Álvaro apaixonadamente. ~~XXX~~

117. Álvaro não percebe seu olhar, ~~fi~~ por-  
que sua atenção está em Cecília. Uma  
vez off, chama sua atenção, êle se vira:

- Pronto para a viagem, Álvaro?

118. D. Antonio surge na varanda, subindo as  
escadas, coloca-se diante de Álvaro.  
Por trás dêles os homens continuam levan-  
do os víveres. Álvaro responde atento e  
respeitoso:

- Tudo pronto, senhor.

D. Antonio tira do peito do gibão alguns  
envelopes grandes, lacrados e entrega  
ao moço:

- Esta é a correspondência para o  
Reino. Chegando no Rio de Janeiro  
procure Diego Botelho, êle deve ter  
cartas para mim, vindas....

O resto <sup>do</sup> diálogo se perde no ruído dos  
preparativos, ~~que~~ que a CAM revela à me-  
dida que se afasta da varanda para re-  
velar toda a praçinha fronteira. Todos  
os quarenta homens de D. Antonio estão  
ali reunidos. <sup>Quins e delis</sup> ~~os~~ montados, conver-  
sam com <sup>os instantes</sup> ~~os~~ no chão. Alguns terminam  
de fechar os cestos dos burros. De dentro



da casa surgem as mulheres: D. Lauriana, Ana Dias. ~~XXXXXXXX~~ As três criadas vêm também, por um dos lados da varanda e se debruçam para observar o movimento. ~~XXXXXXXXXXXX, o Diogo e o Diogo~~

119. Aires Gomes e Diogo sobem as escadas e se juntam ~~XXXX~~ ao grupo. ~~XXXXXXXX~~ Álvaro cumprimenta as moças com uma curvatura, beija a mão de D. Lauriana, abraça Diogo com tapas nas costas. D. Antonio passa o braço pelo ombro de Álvaro e desce com êle as escadas.
120. Caminham ao lado da fila de cavalos até o primeiro de todos. D. Antonio abraça Álvaro, beija-o dos dois lados do rosto. Álvaro sobe para seu cavalo.
121. O cavaleiro ao lado dele lhe passa as rédeas. Álvaro olha de lado, é Loredano que lhe sorri, como sempre cínico.
122. ~~XXXXXXXXXXXX~~ No centro da praça a extensa fila de montarias, alinhada. Álvaro à frente vira-se para trás na sela, levanta o braço e faz um sinal de partida, gritando:  
- Em marcha!
- Soam alguns tiros que os homens disparam para o ar, a coluna começa a caminhar, lentamente.
123. Na varanda da casa a família reunida acena e ~~XXXX~~ assiste a partida. D. Antonio sobe os degraus e se junta ao grupo.
124. A bandeira atravessa a ponte de madeira e começa a marchar mais depressa, sumindo por trás do mato.
125. A praça: ao fundo, ~~XXXXXXXX~~ na varanda da casa, as mulheres se retiram para o interior. Cecília e Isabel ficam encostadas à balaustrada olhando. D. Antonio e Aires Gomes descem as escadas, conversando. Na pracinha os homens <sup>(que ficaram)</sup> se juntam em grupos que partem, cada um para uma direção, até a praça ficar quase vazia.

PLANO / SEQUENCIA 10 - EXT DIA

126. À beira do rio, sol alto, uma praia de cascalho. dentro d'água um grupo de homens peneira o cascalho, mineirando pedras. Um dos homens aproxima a basta dos olhos, apanha uma pedra, olha e grita para os outros, que se aproximam em volta d'ê-

~~ix~~ le e observam. Um homem avança afastando os outros. Apanha a pedra, examina-a contra a luz do sol, fazendo-a rebrilhar. Ele guarda a pedra numa bolsa de couro pendurada do cinto e faz sinais para que se retome o trabalho. Enquanto os homens voltam à sua ~~ix~~ atividade a CAM começa a descrever ~~xxxx~~ um TRAV circular deslizando sobre a água do rio, muito rente à superfície e começa a se distanciar do grupo, mostrando a margem do rio; abandonando os homens passa por um barranco alto, uma outra praia com vegetação, onde um bando de veados e cotias bebe água à margem, se espantando e correndo para o mato à passagem da ~~xxxx~~ CAM, depois outro barranco, ou folhagens tocando a água, e então a CAM começa a subir para revelar, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ avançando para a margem: extensos campos de cultivo, nitidamente divididos em áreas de diferentes cores e alturas, milho, feijão, mandioca, batata. A CAM gira sobre seu eixo e mostra ~~xxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxxxx~~ mais abaixo um campo de terra, homens empurrando arados rústicos de madeira, puxados por bois de tiro. Atrás do arado garotos com sacos de sementes seguem, preguiçosamente, atirando punhados de sementes. A CAM continua o giro, ~~xxxxxxx~~ passa pelo rio focalizando na outra margem outro grupo de homens, com algumas mulheres, batendo maços de plantas, fazendo saltar ~~xxxx~~ nuvens de sementes pequenas de cereal que brilham contra a luz do sol. Sobre a água desliza um barco longo e largo. A CAM ~~xxxxxxx~~ corrige e começa de novo a se deslocar sobre a água, seguindo o barco. Sobre ele um grupo de seis pescadores puxam uma rede que estala no fundo do barco, espalhando peixinhos pequenos que se debatem. Um dos homens vê algo à beira do rio, aponta com o dedo, chama a atenção dos outros, todos olham, a CAM PAN para a direção apontada: sobre o galho baixo de uma árvore, à margem Peri de pé, nu, com o arco pronto para atirar. A flecha voa para a água,

Peri mergulha em seguida. Zoom fecha na água onde bóia um grande peixe dourado, aspetado na flecha, se debatendo, Peri emerge ao lado, apanha a flecha, e ri levantando-a no ar, mostrando aos homens do barco.

SEQUENCIA 11 - INT DIA

127. A cozinha meio escura: a um canto o fogão de lenha, grande, chamas altas, um enorme caldeirão de ferro fervendo ao lado de panelas também grandes. Leonor Vaz a empregada mais velha, meio índia, mexe o caldeirão com uma colher de pau. Panelas de cobre e metal penduradas das travas baixas do teto. Uma mesa encostada a uma parede, sôbre a qual Martina corta pedaços de carne com uma machadinha. Leda Miranda a seu lado, descasca mandiocas grandes. Ambas estão suadas, os seios meio à mostra pelo vestidos abertos no calor, fios de cabelo escapando dos lenços de cabeça. Peri entra em campo, em primeiro plano, e olha um instante. As moças dão pela presença d'ele e gritam e se abraçam, morrendo de medo. Leonor Vaz entra em campo e avança até o índio, cuidadosa, mas sorridente e simpática, pára à frente d'ele, enxugando as mãos no avental.

128. Deslocado no ambiente da cozinha o índio, nu, arco e flecha numa mão. Com a outra mão êle levanta no ar uma enfiada de grandes peixes dourados, mostrando a Leonor Vaz e atira-a sôbre a mesa central. ~~XXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXX~~

129. Leonor Vaz examina os peixes, faz uma careta de admiração, volta-se para o índio, maternal, fazendo um gesto indicativo do sentido:  
- Comida. Boa.

130. Peri olha, sério, sem compreender. Depois olha os peixes sôbre a mesa e novamente para Leonor.

131. Leonor repete o gesto:

± Comida, boa.

132. Peri abre a expressão, sorri, entende.  
 Repete o gesto e as palavras:  
 - Comida ...boa...
133. Leonor Vaz solta uma gargalhada, satisfeita e olha para as moças. Elas continuam amedrontadas, olhando o índio com olhos arregalados, encostadas uma na outra. Leonor Vaz ~~xxxxxxx~~ faz um gesto de desdém para elas e se volta para o índio novamente. Levanta os peixes no ar e fala:  
 - Peixe...
134. Peri olha para ela, olha para os peixes:  
 - Comida boa...
135. Leonor está disposta a ensinar e repete, levantando um peixe pelo rabo:  
 - Peixe.
136. Peri compreende, ri: - Peixe. ~~Ulllllll~~.  
 Ele olha à volta, apanha uma panela da trava e mostra à velha.  
 A velha ri: - Panela.  
 Peri olha o objeto, virando-o na mão: - Panela.
137. Leonor Vaz ri, as moças atrás dela começam a relaxar o medo. Martina se aproxima um pouco, Leda agarra em sua saia para impedi-la. Leonor diz:  
 - Não, não. Panela. La.
138. Peri repete: - Panela.
139. Leonor Vaz apanha um prato de madeira:  
 - Prato.
140. Peri: - Prato.
141. Leonor caminha rápido até uma cadeira, coloca as mãos no encosto: - Cadeira.
142. Peri: - Cadeira.
143. Leonor acelera o ritmo, bate com as mãos na mesa: - Mesa.
144. Peri bate as mãos na mesa: - Mesa.
145. Martina bate com a cuia num grande pote de barro, entrando no jogo, derrama água da cuia para o pote, grita, rindo:  
 - Água, água.
146. Peri ri alto, repete: - Água, água.  
 Ele olha em volta, agarra um grande facão que está espetado na mesa e sacode-o no ar.



rêdeas. Crispim e Silvestre chegam também e saltam rapidamente. Saem correndo. O homem apanha as rêdeas do outro cavalo também e sai de quadro.

SEQUENCIA 14 - INT NOITE;

158. ~~Diogo~~ O quarto de Diogo: uma cama com dossel alto no centro, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ um grande baú aos pés da cama, uma mesa baixa com duas velas acesas a um canto, duas cadeiras pesadas. Na parede duas cabeças de veado, empalhadas, dois arcabuzes dependurados. Ao lado um quadro de motivo religioso: uma virgem mártir, ~~XXXX~~ nua, amarrada a uma fogueira. Diogo abre a porta, entra rapidamente desamarrando a capa. Crispim e Silvestre entram em seguida, Crispim olha de um lado e de outro e fecha a porta com ar suspeito. Diogo chega a seu lado, ~~xx~~ já sem espada e sem capa, com pedaços de pão na mão. Os dois começam a vedar as frestas acima e abaixo da porta.
159. De pé, sôbre a beirada da cama, Silvestre, com o braço esticado, procura algo sôbre o dossel. Retira um saco de couro, pequeno. Senta-se na cama e abre o saco. Diogo se senta a seu lado, cruza as pernas sôbre a cama. Silvestre retira do saco um cachimbo de barro indígena que entrega a Diogo, e algumas fôlhas grandes de tabaco sêco. Diogo sopra no cachimbo e limpa-o com os ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ dedos. Silvestre amassa uma fôlha de tabaco na mão, moendo o fumo. Diogo olha para a direção da janela.
160. Diante da janela fechada Crispim veda as aberturas com panos. Volta-se e caminha até a cama. Senta-se com as pernas cruzadas ao lado de Diogo. Silvestre entra em campo com uma vela acesa. Diogo acende o cachimbo e tira grandes baforadas de fumaça branca.
161. O cachimbo brilha na penumbra do quarto. Sem trocar nenhuma palavra Diogo passa o cachimbo a Silvestre. Silvestre fuma.
162. Crispim apanha o cachimbo das mãos de Silvestre e com extremo cuidado puxa uma tragada de

fumo. A CAM começa a se afastar revelando o grupo, sentado com as pernas cruzadas sobre a cama. Diogo dá mais uma baforada, abre o peito do gibão e se deita na cama. Silvestre fuma, soltando fumaça e passa o cachimbo a Crispim, tira a camisa e se deita ao lado de Diogo. Crispim fuma, tosse, o calor e a fumaça aumentam. Ele tira a camisa também e se deita.

163. Estendidos na cama, ~~XXXXXXXXXXXX~~, lado a lado os três ficam semi-adormecidos, curtindo, envoltos em fumaça branca.

#### SEQUENCIA 15 - INT NOITE

164. O quarto de Cecília: junto às velas, sobre um aparador, um braseiro de metal, pequeno, queimando incenso <sup>indígena</sup> em um flozinho de fumaça. Sobre a mesa há bonequinhas pequenas, um bauzinho de madeira e metal com jóias, um pente indígena adornado de penas, escovas de cabelos européias. A CAM se afasta para revelar todo o quarto: no centro uma cama de dossel branco com colcha azul, um crucifixo fixo grande de madeira na parede à cabeceira. Dois baús, um deles aberto mostrando as roupas do interior, um vestido atirado sobre tudo. Nas paredes muitas gravuras piedosas, coloridas. Um cêsto no chão cheio de pedras coloridas. Uma porta estreita dá para o jardim lateral da casa. A parte superior está aberta e coberta por uma cortina de rendão desenhado. Debaixo da janela que dá para o precipício lateral da casa uma espécie de divã forrado de cetim claro, mas cheio de penas coloridas e cordões de contas. Aí está Cecília recostada, vestindo somente a camisola de baixo, os cabelos presos no alto da cabeça, se abanando com uma ventarola de palha. A janela aberta deixa ver o céu, quase noite. A seu lado, sentada numa cadeira de braços, sobre almofadões bordados, Isabel, o vestido aberto na frente, por causa do calor, ~~XXXXXX~~ passa a mão pelos cabelos conservando-os em cima da cabeça curvada para a frente. Ela lê, em voz

alta um livro que está aberto sôbre seus joelhos:

- 165. Isabel pára de ler e olha para Cecília, rindo maliciosa.
- 166. Cecília cobre o rosto com a ventarola, rindo envergonhada e maliciosa.

SEQUÊNCIA 16 - INT NOITE

167. ~~Procuramos~~ A sala principal da casa: uma mesa grande domina o ambiente, cercada de cadeiras. Encostada a uma das paredes um móvel longo e pesado, com gavetas, sôbre o qual há candelabros com velas acesas. Uma das paredes da sala tem a marca de uma porta que foi emparedada. Aí está o oratório, com um pequeno altar e muito nichos, com estátuas coloridas de vários santos e vasos de flôres tropicais, criando um contraste. Há duas velas acesas e uma lamparina de óleo. Ana Dias se aproxima do relicário, apaga as velas, mas deixa acesa a lamparina, Aires Gomes se coloca atrás dela. Ana faz o sinal da cruz, Aires também e se afastam. Ela apanha um dos candelabros, âle o outro e se dirige a uma das janelas.



## SEQUENCIA 17 - EXT NOITE

168. A praça deserta. ~~xxxxxx~~ As janelas da casa se fecham. Por trás dos vidros se desloca a luz carregada por Aires e Ana.

## SEQUENCIA 18 - INT NOITE

169. O barracão de soldados: quatro lamparinas de óleo, duas em cada parede, produzem uma penumbra amarelada. Os homens estão todos deitados, na mesma organização da manhã. Alguns já roncam. Um deles se levanta, estendendo novamente a cobertura do catre e se deita novamente. Dois vultos entram em campo caminhando na ponta dos pés. ~~xxxx~~ Procuram entre as rêdes.

170. Ao passar por uma lamparina se vê o rosto dos vultos: são Leda Miranda e Martina, as criadas.

171. Elas param ~~xxxxxx~~ entre as esteiras e as rêdes, olhando em torno. De uma das rêdes um homem levanta o corpo e chama baixo:

- Martina.

Ela se volta e corre cuidadosamente até êle, deitando-se na rede também.

Leda Miranda olha, e começa a procurar entre as esteiras. De repente ela cai, puxada para baixo, solta um gritinho.

Alguns "Shhhh!" são ouvidos. Ela solta mais um risinho e se cala.

Na penumbra só se ouve o ressonar de alguns ~~v~~ suspiros e gemidos alternados das duas mulheres.

ESCURECIMENTO LENTO

## SEQUENCIA 19 - EXT DIA

172. Peri corre pelo mato, seguido de D. Antonio, Aires Gomes e Diogo a cavalo. A CAM os segue num longo TRAV, até que a CAM estaca e gira mostrando o índio e os três cavaleiros que somem dentro do mato, subindo a seguir numa PAN vertical para mostrar o ~~xxxx~~ alto de uma montanha, acima das copas das árvores.

173. Os cabelos pastam, PAN para D. Antonio

~~Acachaco~~ e Aires Gomes agachados ao lado da Peri. ~~XXXXXXXX~~ Diogo, de pé, sôbre uma pedra, olha ao longe, <sup>com um círculo de alcance.</sup> D. Antonio examina uma pedra que tem na mão.

174. A pedra na mão de D. Antonio: filôtes de ouro formam desenhos. CAM sobe para D. Antonio, âle se vira para Aires Gomes:

- É. Ouro mesmo.

175. Peri faz que sim com a cabeça, repete:

- Ouro. Muito.

176. D. Antonio não se admira nem com a descoberta, nem com o português de Peri.

Pergunta em guarani:

- Existe algum rio aqui por perto?

177. Peri se levanta, aponta numa direção,

sem se levantar D. Antonio e Aires

Gomes olham na direção apontada. ~~XXXXXXXX~~ pequeno

Peri diz, em guarani:

- ~~Rio~~ Um rio ~~grande~~ passa atrás daquelas árvores, ~~xxx~~ para o outro lado tem rio grande.

Peri se abaixa de novo ao lado dos dois homens e diz para Aires Gomes, em português:

- Água <sup>Água</sup> grande, rá ronge.

Aires ~~xxx~~ concorda com a cabeça e apanha uma pedra do chão. D. Antonio se volta e chama:

- Diogo.

178. Diogo desce da pedra e se aproxima correndo, tem um saco de pano na mão. Abaixa-se ao lado dos homens, abre a boca do saco. D. Antonio e Aires Gomes colhem algumas pedras que jogam dentro do saco. Sem que âles percebam, Peri se levanta e ~~XXXXXXXX~~ corre para dentro do mato. A CAM o segue numa PAN, âle desaparece entre as fôlhas.

SEQUENCIA DO DIA DIA

179. Um bando de vaquinhos bebe água numa praia do rio, calmamente. De repente uma flecha cai zumbindo no mato âdeles, o bando foge, mas um d'êles fica caído no chão agonizando. Peri salta ao lado do bicho. Com um gesto forte e preciso âle torce a cabeça

179. D. Antonio, Aires Gomes e Diogo montam seus cavalos, olham em torno. D. Antonio chama:

- Peri. Peri.

Aguardam um instante sôbre as montarias inquietas. D. Antonio diz:

- Vamos embora. Ele volta quando quiser.

Elas atizam os cavalos e galopam por uma picada.

180. A margem do rio: pela picada ao longo da água marcha um estranho cortejo. À frente, puxado por um garoto de 14/15 anos um burrico pedrês montado por uma gordíssima dama de seus sessenta anos, vestida com roupas muito coloridas, o rosto maquiado, branco. Atrás, sôbre outro burrinho amarrado ao rabo do primeiro, duas ciganas jovens, com o corpo semi-coberto por roupas tós-cas. Elas riem e fazem graças para alguns homens do bando de D. Antonio que as seguem.

181. Em sentido contrário, na ~~outra~~ margem oposta do rio, vêm D. Antonio, Aires e Diogo cavalgando a passo. Eles olham o cortejo estranho, param os cavalos.

182. O rio no centro, ~~através do rio~~ de um lado as ciganas e os homens, do outro D. Antonio e companhia. Um dos homens do bando se adianta e grita para D. Antonio:

- D. Antonio, estas... estas moças estão de passagem e pedem permissão para acampar nas terras.

Passa-se um longo momento em silêncio.

183. D. Antonio olha através do rio, de cima de seu cavalo. Seus bigodes brancos escondem um sorriso compreensivo. Por trás dele Aires Gomes totalmente perdido só saberá o que pensar depois que o chefe decidir. ~~Diogo~~ Diogo olha interessado e excitado, um sorriso suspenso no rosto. D. Antonio grita:

- Permissão concedida.

184. Os homens do bando todos gritam, contentes e animados, atiram os chapéus para

cima. As ciganas jogam um beijo, a velha gorda sorri e inclina a cabeça com um olhar mimoso, *uma dama.*

185. D. Antonio ri alto, espora o cavalo e segue adiante seguido de Aires Gomes, ~~Riando e falando~~ saindo de campo. Diogo fica parado, olhando fascinado, mas um grito off chama sua atenção:

- Diogo.

É a voz de D. Antonio. Relutante êle atira o cavalo e parte a galope saindo de campo.

#### SEQUENCIA 20 - EXT DIA

186. Um bando de veados bebe água numa praia do rio. De repente, uma flecha cai zunindo no meio dêles. Fogem todos, menos um que, atingido, fica se debatendo no chão. Peri salta do alto a seu lado e com um gesto firme torce sua cabeça para o lado, matando-o instantaneamente. ~~XXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXX~~
187. Peri arranca a flecha, leva a ponta na beira d'água. Enfia o arco no braço, e as flechas no cordão que tem amarrado à cintura. Apanha o veado pelas pernas e joga-o sobre os ombros.
188. Caminha por uma trilha ~~xxxx~~ aberta entre as árvores. Do meio delas um veadinho recém-nascido aparece e começa a segui-lo. Peri vira para trás, sem parar de caminhar, vê o bicho, sorri e continua. O veadinho continua seguindo.

#### SEQUENCIA 21 EXT DIA

189. Na varanda da casa D. Lauriana, Ana Dias, Cecília e Isabel sentadas num círculo bordam as beiradas de uma grande toalha branca. Ana Dias levanta a cabeça e olha casualmente para a praça. Seus olhos se arregalam, ela leva a mão ao peito e diz, aterrorizada:

- Meu Deus do Céu!

Imediatamente as mulheres viram o rosto na direção que ela olha.

190. Caminhando tranquilamente, Peri atravessa a praça, carregando nos ombros a caça morta. Atrás dele o veadinho seguindo sempre. Dois cães vadios latem, seguindo também, alguns homens mais jovens se aproximam, seguindo à distância.
191. Na varanda as mulheres estão de pé, olhando paralizadas. D. Lauriana corre para dentro.
192. Diante dos degraus Peri deixa cair o veado morto e espera, olhando para Cecília. O veadinho nôvo, cheira o corpo do morto.
193. D. Ana Dias tem as mãos juntas no peito, apavorada, Isabel mantém-se arredia, desprezando o índio, Cecília olha fixamente o veadinho, avança um passo lenta e temerosamente. D. Antonio surge na porta, andando depressa, seguido de D. Lauriana. No alto da escada êle para, olha e sorri.
194. Peri olha para cima e nada diz.
195. D. Antonio desce as escadas seguido de Cecília. Êle para diante do índio e bate-lha em ambos os ombros com as mãos. Cecília passa por êlas correndo e sai de campo. Peri a segue com o olhar.
196. Ela se ajoelha ao lado do veadinho e abraça-o pelo pescoço. O bichinho aceita o agrado.
197. Peri e D. Antonio observam. D. Antonio olha para o animal abatido e abaixa-se para examinar, aperta com mão experiente as carnes do bicho:
- Belo exemplar. Macho adulto, boa carne.
- Ainda abaixado no chão êle olha para Peri.
198. O índio olha para Cecília, fixamente.
199. D. Antonio olha na mesma direção, põe-se de pé ~~xxx~~ ao lado do índio, ambos observando Cecília.
200. Abraçada ao bichinho ela fala em voz ~~xxx~~ baixa olhando Peri e depois o pai:
- Posso ficar com êla, pai?
201. D. Antonio ri, satisfeito:
- Claro, filha, Peri trouxe para você.
- Êle se volta para o índio.

Sem tirar os olhos de Cecília, Peri diz em português:

- Ceci contente, Peri contente.

Cecília chega diante dele com o veado no colo, se esforça para vencer o medo que tem do índio:

- Muito obrigada.

Ela baixa os olhos envergonhada e com medo e corre para o jardim ao lado da casa, saindo de campo. Isabel passa pelo grupo atrás dela.

Peri a segue com o olhar, depois olha para a família reunida

202. D. Antonio diante dele, sorri, amigo.

D. Lauriana no alto da escada desvia os olhos carrancuda, Ana Dias ao receber o olhar recua espantada, embrulha a colcha rapidamente e corre para dentro.

203. Peri volta a olhar para D. Antonio, vira-se e sai.

204. Peri se afasta com passos rápidos, sério. Cruza com Aires Gomes que vem subindo correndo, atrasado, reage ao passar pelo índio.

205. D. Antonio segue Peri com os olhos, Aires chega a seu lado, êle mostra o animal no chão, satisfeito:

- Aires, chame dois homens e mande carnear o veado. ~~Um~~ Um quarto pode ser salgado, o resto é para o jantar de hoje. Foi presente de Peri, eu quero guardar a pele.

Airas resmunga um sim-senhor e sai de campo. D. Antonio olha ainda uma vez para a direção tomada por Peri. D. Lauriana desce os degraus e se coloca atrás do marido, furiosa:

- Isso já está passando dos limites. Qualquer dia esse selvagem traz um tigre vivo de presente a vosomecê.

D. Antonio se vira e começa a subir as escadas, olha para o lado do jardim.

206. Cecilia e Isabel correm em volta do bichinho manso e brincalhão.

207. D. Antonio sorri satisfeito, cruza as mãos atrás das costas e sobe. D. Lauriana segue a seu ~~lado~~ lado esperando uma resposta. Paciente êle responde:

-O que mais êsse pobre índio pode dar de presente? Além disso, eu é que sou devedor. Não se esqueça que êle salvou a vida da menina,

No alto da escada êle se volta e ~~olha~~ lança um olhar longo pela praça. D. Lauriana se põe ao lado dele, sem afastar os olhos de seu rosto:

- Salvou uma vez, mas agora é uma ameaça. Sempre rondando a casa. E ainda por cima sem roupa...

Ela se benze.

... nu, como Deus o fêz, se é que isso é obra de Deus.

D. Antonio respira fundo, olha a mulher nos olhos, com energia, mas fala num tom brando e autoritário:

- Peri é amigo.

Vira-se e caminha para a porta.

D. Lauriana o segue com os olhos, mas entende que perdeu. Conformando-se, levanta a ponta da saia e entra atrás do marido.

#### SEQUENCIA 22 EXT DIA

208. Nos fundos da casa, entre a cozinha e o barracão, no chão, dois garotos carneiam o veado. São franzinos de aspecto angelical e infantil, sujos de sangue, mas a tarefa crua lhes é familiar. Um deles enfia a mão na carceça e arranca vísceras enroladas, jogando-as de lado, enquanto o outro separa a pele da carne com gestos hábeis de faca.

#### SEQUENCIA 23 EXT NOITE

209. numa clareira, não longe da casa, uma fogueira muito alta. Em torno dela espetados de pedaços de pau, assam os quartos do veado. Os homens, sentados no chão, pernas cruzadas, batem palmas e riem alegres ao som da canção que o menino cigano toca na guitarra. As duas ciganas dançam em torno do fogo, vestidas de odaliscas, semi-

nuas, suadas. Sentada no meio dos homens, sobre um banco tósco a velha gorda toca o ritmo num tambor entre as pernas gordas.

Os homens gritam os nomes e graças às ciganas:

- Vira Lucinda, vira...
- Vem aqui Graciana, dança em cima de mim...
- Lucinda...
- Graciana...

A CAM faz uma lenta PAN pelos rostos afogueados que riem e gritam, continuando pelo espaço vazio, para mostrar um pouco afastados, Diogo, Crispim e Silvestre que observam interessadíssimos. A PAN continua para mostrar ainda mais longe, quase escondidas no escuro, atrás da tenda cigana, as criadas Martina e Leda Miranda. Elas se entreolham e ~~XXXX~~ trocam uma careta despeitada e ciumenta das ciganas que são o centro das atenções.

210. Em torno do fogo a dança cessa, todos aplaudem, Lucinda e Graciana se sentam no meio dos homens e são assediadas por êles. Um dêles afasta os outros e oferece a cada uma um grande naco de carne sangrenta, elas pegam a carne com a mão e comem com vontade. Os homens avançam para os espetos e cortam pedaços com as facas. Pepe, o garotinho cigano se põe de pé no centro do grupo e anuncia; enquanto isso se passa:

- E agora, Mãe Norica, a grande Maga vai receber na tenda ali ao lado para a leitura de sortes. Dois tostões para saber o seu futuro...

A CAM se afasta rapidamente, mais e mais até que a fogueira é apenas um ponto distante no escuro e os ruídos e vozes apenas um murmúrio.

ESCURCIMENTO

SEQUENCIA 24: EXT DIA

211. ~~XX~~  
Reunida na escada fronteira da casa, toda a família como num retrato posa-



do. D. Antonio e Cecília lado a lado no primeiro degrau. D. Lauriana com Diogo de um lado e Isabel do outro nos degraus acima.

212. Diante deles Peri, sozinho, nu, tendo apenas um cordão fino em volta da cintura e uma pulseira de frutinhas amarelas em torno do ~~braço~~ <sup>braço</sup> direita, pouco <sup>abaixo</sup> ~~debaixo~~ do <sup>ombro</sup> ~~peito~~, arco e flechas na mão, uma cestinha pequena na outra. Seu porte é altivo e solene. Ele diz:

- Peri parte. Volta para terra de Arará.

213. D. Antonio se entristece. Cecilia levanta os olhos e encara o índio. Sua expressão muda lentamente, se abrandando. D. Antonio pigarreia e diz, em guarani:

-Peri salvou minha filha. É amigo e será sempre bem recebido em minha casa.

214. Peri não tira os olhos de Cecilia. Estende o braço com a cestinha para ela.

215. Cecilia olha a cesta, consulta o pai com o olhar.

216. D. Antonio assente com a cabeça.

217. Cecília olha para Peri, apanha a cesta e abre. ~~Uma nuvem de beija-flores coloridos escapa voando da cesta. Peri salta e agarra um no ar. Cecília se assusta, derruba a cesta e cobre o rosto com a mão.~~

218. Em Câmara lenta: uma nuvem de beija-flores coloridos escapa voando da cesta. Peri salta e agarra um no ar. Cecília se assusta, derruba a cesta e cobre o rosto com a mão.

219. Toda a família em posição de alerta, Diogo tem até mesmo a mão na espada.

220. Peri ri alto, estende o beija flor ~~xxx~~ preso em sua mão para Cecilia.

221. Ainda assustada ela hesita, mas não resiste e apanha o bichinho delicadamente, levando-o para junto do resto.

222. Peri olha, ~~xx~~ o sorriso se desmancha em seu rosto, ele se volta para D. Antonio.

223. Diante de D. Antonio, Peri estende a mão num gesto de branco. D. Antonio apertando a mão do índio e diz:

- Peri parte...

224. Cecilia reage imediatamente, olha para o índio e fala sem pensar, se envergonhando depois:  
- Porquê?
225. Peri olha para ela; diz em português:  
- A Iara não precisa de Peri.  
Ela encara o índio, corada, mas se controla e continua:  
- É se a pedra cai de novo da montanha quem é que vai defender a Iara?
226. D. Lauriana pigarreia, coloca a mão no ombro de D. Antonio. O velho finge não notar.
227. Peri olha para Cecilia um longo momento, demorando para entender. Seu rosto se abre lentamente num sorriso. Cecilia diante dele também sorri. Ele diz em português:  
- A Iara manda, Peri fica.
228. D. Antonio ri:  
- Ele te obedece, filha.
- \* D. Lauriana ameaça se retirar, mas D. Antonio rapidamente segura a mão dela e a obriga a ficar. ~~Ele diz em português:~~
229. Plano de conjunto: D. Antonio diz a Peri:  
- Ela só queria ver se Peri obedecia. Mas Peri pode partir para a sua gente.  
Peri encara firmemente o fidalgo e olha de novo para Cecilia:  
- Peri fica.  
D. Antonio tenta ainda uma vez, em guarani;  
- Peri é guerreiro, Peri é chefe. Precisa cuidar de sua mãe e de seus irmãos.  
Sem tirar os olhos de Cecilia, que também olha para ele, Peri diz, em guarani:  
- A nação goltacás tem com guerreiros fortes como Peri. A Iara precisa de Peri.  
E completa em português: - Peri fica.  
Durante um momento tudo se imobiliza em silêncio, Cecilia baixa os olhos para o beija-flor que tem na mão. D. Lauriana é a primeira a reagir, ela se volta e grita para dentro da casa:  
- Ana.

230. A governanta surge na porta da casa com um pano branco na mão, desce as escadas passando pela família, pára diante do índio, o mais longe possível e com muito mêdo estende para êle o pano branco. Peri olha o pano, olha para Cecília, ela sorri para êle.  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Êle poussa o arço no chão, pega o pano, Ana Dias se afasta com mêdo, Peri vira o pano nas mãos até descobrir que é uma roupa, ~~XXXX~~
231. Peri veste a roupa pela cabeça, é uma túnica prêsa nos ombros, abarta dos lados e que cai sôlta até o meio da coxa. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXX  
 XXX~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~ Sòzinho, isolado no espaço da praça ~~XXXXXXXXXXXX~~ vazia atrás dêle, Peri endireita o corpo vestido, sem perder o porte.
232. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Prêso entre os dedos delicados de Cecília o beija-flor se debate.

## SEQUENCIA 25 EXT DIA

233. No meio das árvores floridas, o rio forma um pequeno lago natural entre pedras. ~~XXXXXXXX~~ Dentro da água escura Diego, Crispim e Silvestre brincam com uma índia muito bonita. Eles estão nus e fazem todo um jôgo sensual. A índia, brincando e rindo sai da água e corre para uma picada no mato. Diego salta para a margem rãpidamente, apanha a pistola que está sôbre as suas roupas e aponta para o céu. Silvestre salta sôbre êle, abaixa seu braço, o tiro detona.
234. A índia é atingida nas costas, sangrando e cai entre as árvores.
235. Diego e Silvestre olham paralizados à beira do lago. Crispim, ainda dentro d'água é o primeiro a reagir: sai rãpidamente para a margem, apanha as roupas. Os outros o imitam em seguida e os três correm pela trilha, olhando a índia caída ao passar por ela. CAM corrige enquadrando a índia caída de bruços, sangrando nas costas, Ela tenta fazer um movimento e tomba, morta. Immediatamente surge, ao lado do corpo, Alras Gomes o escadairo, de espada na mão. Êle se aproxima do corpo, toca-o



## SEQUENCIA 26 EXT DIA

246. Pela picada à margem do rio, a bandeira retorna. À frente Álvaro liderando a fila de cavaleiros, com alguns burros carregados na retaguarda. Álvaro volta-se para trás, na sela, olha a fila que marcha a passo.
247. ~~Ele grita para os homens:~~ Ele grita para os homens:  
- Vamos gente. Acelerem o passo que faltam só umas quatro léguas.  
Loredano, cavalgando logo atrás dele atira o cavalo e se coloca a seu lado. Prosseguem caminho. Loredano fala:  
--Com pressa de chegar?  
Ele ri, irônico, insinuando algo.
248. Álvaro olha para ele, vira-se para a frente de novo, um pouco atrapalhado:  
- Estou. É natural para quem volta de viagem.
249. Loredano ri entre dentes, cínico e continua num tom cheio de ~~coitadas~~ insinuações:  
- É. Vamos chegar num dia muito bom. Sábado...  
Ele olha para cima, calculando a hora pela altura do sol:  
- ...mais ou menos às seis horas da tarde.  
Álvaro completa, enfrentando o jôgo:  
- A hora do Ângelus.  
É sempre melhor chegar de dia do que de noite.
- Loredano ri novamente, sarcástico:  
- É encontrar a família reunida na varanda: D. Antonio, D. Lauriana, Cecília...
250. Álvaro vira-se vivamente e pergunta depressa, mas contido:  
- O que é, Loredano? ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~  
~~xxxxxxxx~~ Que é que você quer dizer?
251. Loredano ri mais:  
- Para boa entendedor meia palavra basta.

Durante um momento êlas cavalgam em silêncio, Álvaro não sabe o que responder, ~~xxx~~ aparta os maxilares olhando à frente. Quando se volta para dizer algo, Loredano é mais rápido e diz:

- Entendo por exemplo o que você foi comprar no joalheiro da rua dos Mercadores.

252. Álvaro avermelha de raiva, os olhos fuzilando, mas êle resolve não entregar o jôgo:

- O senhor deve estar enganado. Eu mal tive tempo de tratar dos negócios.

253. Loredano responde em cima:

- É verdade. Desta vez nós só ficamos ~~doze dias~~ cinco dias, quando o normal é dez ou quinze.

254. Álvaro não consegue enfrentar o jôgo de ironias e insinuações. Ingênuo, êle perde o controle e recorre à ~~xxxx~~ sua autoridade para encerrar a conversa:

- Recabi ordens de voltar o mais rápido possível. Além disso, só tenho de dar satisfações a meu senhor D. Antonio. O senhor, Loredano, pode pensar o que quiser.

Êle mata as esperas no cavalo e desvia da trilha, entrando por uma picada entre as árvores. Loredano ~~xxxx~~ ri sarcástico e olha-o afastar-se freando o cavalo. A seu lado a carevana passa, seguindo Álvaro. Êle bate o rebanquo e retoma a marcha.

255. O comboio marcha entre árvores, debaixo da sombra úmida e verde da floresta que encobre o sol. Um rugido forte de onça assusta o cavalo de Álvaro que empina. Êle domina o animal e grita:

- Alto.

Todos atacam, esperando. Novo rugido, ainda mais forte, próximo. No silêncio dos homens Álvaro aponta para dois dos mais próximos e faz com a mão um sinal para que o sigam. Êles cavalgam para dentro do mato.

256. Em cima do galho de uma árvore, a grande onça preta prepara um salto e ruga mais uma vez.
257. Álvaro e os outros aparecem no meio do mato, à beira de uma clareira.
258. A onça olha na direção delas e paralisa o bote.
259. Em cima de seu cavalo Álvaro olha para a onça. Volta a cabeça noutra direção, olhando assustado.
260. No centro da clareira Peri está em guarda, olhando fixamente para a onça bastante próxima à sua frente, esperando o bote.
261. ~~XXXXXXXXXXXXX~~ A onça olha dos homens para Peri e de volta para eles, mostrando os dentes.
262. Um dos homens aponta o arcabuz, ~~XXXXX~~ fazendo pontaria.
263. Sem voltar a cabeça, Peri faz um gesto lento e decidido com a mão, para os homens que estão à sua direita, no fundo da clareira. Lá longe Álvaro compreende e, com um gesto lento, abaixa a arma do outro. Peri baixa o braço, voltando à sua posição, sem desviar os olhos da onça.
- ~~XX~~
264. Sobre seu cavalo Álvaro olha com admiração, hesitando. Por fim decide e ordena, com gestos, que os homens recuem. Eles somem no meio do mato.
265. A onça ruga, voltando-se para Peri.
266. O rosto de Peri tem uma expressão selvagem, concentrada, animal.
267. A onça acomoda as patas de trás e salta sobre Peri.
- Segue-se uma luta agitada, selvagem, sem armas. Finalmente Peri consegue ficar montado nas costas do animal e com os dois braços aparta o pescoço do bicho. Ele trema de esforço, contraindo-se. A onça enfraquece e começa a se acalmar. Peri tira a corda que tem enrolada na cintura e amarra <sup>a boca e</sup> as pernas dianteiras do bicho com gestos rápidos, deita o animal meio tonto, coloca o pé em sua garganta e ~~xxx~~ rapidamente amarra as pernas de trás. A onça se reanima e empina o corpo tentando ficar de pé, Peri cai e fica no

chão. Olha o bicho e ri, satisfeito.

268. A onça amarrada se debate.

269. Pari se levanta, apanha a ponta da corda que sobrou, atira-a ~~XXXXXXXXXX~~ por cima de um galho e puxa. Lentamente ~~■~~ ele levanta a onça dependurada viva, se debatendo violentamente. Amarra a ponta da corda ao tronco e admira a presa, orgulhoso, ligeiramente ferido pelas garras.

270. Dependurada da árvore a onça se debate.

#### SEQUENCIA 27 EXT DIA

271. D. Antonio e Aires Gomes vindo dos barracões ao fundo, ~~XXXXXXXXXX~~ descem pelo lado da casa, atravessando o jardim. D. Antonio parece preocupado e fala em tom grave;

- Você concorda, Aires Gomes?

- Não digo que não, D. Antonio. Diogo cometeu uma... imprudência matando essa índia.

D. Antonio:

- Imprudência, humph!... Foi uma loucura, uma barbaridade.

Elas passam ao lado de Cecília que dorme na rede do jardim. Aires Gomes vai dizer alguma coisa, mas D. Antonio faz sinal de silêncio e indica com a cabeça a menina deitada. Eles caminham um pouco em silêncio até se distanciarem.

272. D. Antonio prossegue:

- Um fidalgo que mata uma criatura indefesa comete uma ação baixa. Você me conhece há mais de trinta anos, Aires. ~~com~~ Sabe <sup>como</sup> ~~que~~ a minha espada ataca os inimigos, mas ela me cairia da mão se eu ameaçasse uma mulher.

273. Aires, sempre com sua pose importante, tenta abrandar o velho:

- Uma índia, D. Antonio, uma índia...

274. D. Antonio pára um instante, vira o corpo para encarar o amigo. Aires perde o jeito e aguarda. D. Antonio continua a cozinhar dizendo:

- Entende o que você quer dizer, Ai-



res, mas eu não concordo com essas idéias dos meus... companheiros. Para mim, os índios, quando nos atacam são inimigos para combater; quando nos respeitam, são vassallos de uma terra que nós conquistamos. Mas são homens, Aires, são seres humanos.

Aires Gomes caminha olhando o chão,

D. Antonio olha ao longe. Aires:

- Seu filho não pensa assim, talvez. E pelos princípios que D. Lauriana ensinou a êle...

D. Antonio tem um gesto irritado:

- Minha mulher estraga esse menino...

Dois passos em silêncio, Aires Gomes pigarreja e retoma o assunto:

- Han... é ... Eu não vejo as coisas tão negras assim. Os índios respeitam o senhor, D. Antonio. Não acho que êles sejam capazes de atacar.

D. Antonio está preocupado, apesar da conversa êle continua pensando:

- Engano seu, Aires. Os selvagens são vingativos.

Aires:

- Isso lá são.

~~Ex~~ Chegam diante da varanda da casa,

D. Antonio olha em torno, para a praça, Aires

sobe ao primeiro degrau e aguarda. D. Antonio:

- Êles respeitam, mas na hora que se sentirem ofendidos, passam por cima de tudo e atacam.

275. D. Antonio se vira e começa a subir os degraus, rapidamente. Êle já deu por encerrado o assunto, mas Aires não percebe e tenta continuar, subindo atrás dele:

- O senhor tem mais experiência do que eu, e porisso...

No alto da escada D. Antonio interrompe Aires e diz:

- Procure Diogo e diga que eu estou esperando no meu gabinete.

Sem esperar resposta êle entra na casa.

Aires fica perdido um instante, volta-se

e desce novamente as escadas. X Isabel sai

da porta, pára no alto dos degraus, olha na direção do jardim, sorri e desce as escadas, jovial. CAM acompanha seu trajeto numa PAN

SEQUENCIA 28 EXT DIA

276. Cecília, dormindo na rêde, suspira.

Uma pena roça seu rosto, ela abana a cabeça pensando que é uma mósca. A pena roça outra vez, ela leva a mão ao rosto para afastar o inseto, descobre a pena, paga-a, abre os olhos, olha para cima e ri. Isabel entra em campo, rindo, senta-se na beira da rêde. Esfrega-lhe a pena no nariz:

- Preguiçosa.

Cecília se acomoda melhor. As duas estão sentadas lado a lado, uma para cá outra pra lá na rede. Cecília:

- É mesmo, já está quase de noite.

Isabel:

- E desde o sol alto que você está dormindo.

Cecília deixa-se cair deitada outra vez:

- Não, não dormi nada. Não sei o que eu tenho hoje. Estou triste.

Isabel se admira:

- Triste?? Eu nunca te vi triste...

~~Está cansada de viver aqui, longe de tudo.~~ Já sei, você está cansada de viver aqui, longe de tudo. É isso?

277. Cecília se admira, pergunta intrigada:

- Tudo o que?

278. Isabel, sem perceber, revela o que ela própria sente:

- A vida da cidade, bailes, festas, a agitação da rua, ~~xxxxxxx~~ gente nova, a igreja no domingo.

279. Cecília passa a mão pelo cabelo de

Isabel e diz, preguiçosa:

- Não. Nada disso. Eu só conhaço é isto aqui. As árvores, o rio, as pessoas...

280. Isabel se vira vivamente para ela:

- Então eu já sei porque é que você está triste?

Cecília:

- Porque? Nem eu sei...

Isabel olha em torno, virando o corpo na rêde; fazendo suspense:

- Olha ali o teu bichinho querendo agrado.

281. O veadinho pasta na grama. Cecilia entra em campo, senta-se ao lado dele e abraça-o pelo pescoço.
282. Isabel levanta-se da rede, passa por baixo dela e vai sentar-se ao lado de Cecilia:  
 - Mas você está sentindo falta é do teu outro bicho selvagem.
283. Cecilia se vira para ela, demora um instante para entender e se sobressalta:  
 - Peri. É mesmo Isabel. Já faz dois dias que ele saiu. Ele nunca ficou tanto tempo longe da casa.
284. Cecilia e Isabel sentadas lado a lado. O veadinho deitado entre elas, acomoda a cabeça no colo de Cecilia: Isabel diz:  
 - Vai ver que ele sentiu saudade da vida antiga, correndo pelo mato feito bicho bravo.
- Cecilia deixa passar um momento olhando Isabel e pergunta de repente:  
 - Isabel... porque é que você não gosta de Peri?
285. A expressão de Isabel se endurece. Ela desvia os olhos e diz com voz perturbada:  
 - Como é que eu posso gostar de um selvagem de pele escura. Sua mãe mesmo diz que índio é a mesma coisa que um cavalo ou um... um cachorro.
286. Cecilia ~~XXXXXXXXXX~~ <sup>inclina o corpo,</sup> assustando o bichinho que corre para fora de quadro:  
 - Isabel!
287. Isabel continua:  
 - É isso mesmo, Cecilia. Só você é que não liga para a cor da minha pele. Pensa que eu não percebo a maneira que me tratam?
- Cecilia entra em campo e encosta a cabeça no ombro de Isabel:  
 - Impressão tua.
- Ela continua:  
 - Você sabe que não é. D. Lauriana...
288. Cecilia se levanta, segurando ambas as mãos de Isabel:  
 - Minha mãe não sabe o que diz quando fica zangada. Eu gosto de você, papai, Diogo, Álvaro...
- Isabel reage imediatamente ao nome,

estremecendo, mas Cecília não percebe e continua:

- ... todo mundo gosta de você. E eu não quero que você fique triste.

Isabel se levanta, Cecilia a beija no rosto. Ela diz:

- Mas era você que estava triste agora pouco.

Elas riem, se abraçam e saem de campo.

SEQUENCIA 29 INT DIA

289. No centro do gabinete de D. Antonio, Diogo de pé, ansioso.

290. Por trás de sua mesa, na cadeira de espaldar alto D. Antonio olha severamente para êle:

- Apesar das minhas ordens o senhor ofendeu um desses selvagens e colocou em risco a vida da sua família e de homens dedicados. Está satisfeito com a sua obra?

291. Diogo ampalidece, engole em seco:

- Pai...

~~292~~ A voz de D. Antonio, off, corta sua fala:

- O senhor cometeu um crime, uma ação...

292. Atrás da mesa D. Antonio se põe de pé, furioso:

- ... indigna do nome que lhe dei. Isso mostra que ainda não sabe fazer uso da espada que eu mesmo coloquei no seu cinto.

293. Diogo segura a copa da espada, levanta a cabeça, altivo como o pai:

- Mereço castigo, pai. Mas o senhor está me rebaixando.

294. D. Antonio avança para êle, muito sério, mas não mais violento:

- Não sou eu que rebaixo, mas o ato que você praticou.

Frente a frente os dois se olham um momento. Diogo não resiste e baixa os olhos, ajoelha-se diante do velho.

295. D. Antonio curva a cabeça para olhar o filho, Por um instante seu olhar se abrande e entristece, mas êle se controla e continua, duro:

- Assim que chegar a expedição do

Rio de Janeiro o senhor vai embora.

296. De cabeça baixa, Diogo reage, levanta o resto para o pai.

297. Diante dele D. Antonio de pé, vira as costas, circunda a mesa enquanto fala:

- Vou escrever a Diogo Botelho para que ele lhe dê serviço nas descobertas.

D. Antonio se deixa cair em sua cadeira. Diante da mesa, Diogo se põe lentamente de pé, perplexo. D. Antonio prossegue:

- Você é português e vai trabalhar pelo seu pai legítimo na conquista da terra.

298. Com a cara fechada D. Antonio olha o filho, mas seus olhos tremem a dor que está sentindo.

299. Diogo, perplexo, tenta reagir contra a emoção, os olhos molhados, encarando o pai.

300. D. Antonio prossegue ainda:

- Até a hora da partida o senhor não arreda pé desta casa sem a minha ordem. Agora pode ir.

301. Ele se levanta e estende a mão sobre a mesa. Diogo avança um passo, beija a mão do pai. D. Antonio prende a mão do filho na sua e ~~se diz~~ diz em voz baixa, falando rapidamente para ~~lembrar-se de não~~ não sucumbir à emoção:

- Lembre-se que eu tenho sessenta anos e que logo, logo, sua mãe e sua irmã vão precisar de um braço forte.

Diogo se emociona ainda mais, mas antes que possa se tornar ~~mais~~ dramático, D. Antonio fecha de novo a carranca, tira a mão da mão do filho e faz um gesto ríspido:

- Pode ir.

302. Diogo hesita um instante, olhando o pai, volta-se e sai correndo da sala, deixando a porta aberta. No espaço da porta surge D. Lauriana, ela olha para o corredor para a direção que Diogo seguiu, olha

para dentro da sala, arma-se de coragem e entra.

303. Sentado à mesa D. Antonio parece esgotado. Ele passa ambas as mãos pelo rosto, esfrega os olhos.

304. D. Lauriana observa o marido um instante. Com voz dura ela diz:

- Você não vai fazer isso, Antonio de Mariz. Desterrar seu próprio filho da casa paterna?!

305. D. Antonio não está com paciência para a dramaticidade da mulher, olha para ela, volta o rosto para a janela, irritado:

- Quem falou em desterro, mulher? Diogo não pode passar a vida amarrado na sala da mãe.

306. D. Lauriana avança e fala enquanto dá volta à mesa para se colocar ao lado do marido:

- Eu sou mãe. E não posso viver longe de um filho, sem saber o que acontece com ele.

Sua voz aguda, gritada, impulsiona D. Antonio. Ele se levanta e sai pelo outro lado da mesa:

- Assim é que vai ser porque eu decidi.

D. Lauriana sai atrás dele, seguindo-o até a porta:

- Mas isso é crueldade.

307. Na porta D. Antonio se vira, falando baixo e firme em contraste com os gritos da mulher:

- Não, não é crueldade. É justiça

Seus olhos faíscam, enérgicos.

308. D. Lauriana encara um momento.

309. D. Antonio ~~XXXXXXXXXXXX~~ continua, olhando firme a mulher, falando muito baixo:

- Diogo cometeu um erro, matou uma mulher.

310. D. Lauriana já sabe que perdeu, mas tenta manter sua posição. Fraca, ela diz desdenhosas:

- Uma índia...

311. D. Antonio, furioso, faz um gesto de enfado, grunhe um:

- Ah!

e sai rapidamente para o corredor.

312. Sòzinha, D. Lauriana fraqueja, leva a mão ao rosto. E chora.

SEQUÊNCIA 30 EXT NOITE

313. O céu vermelho e dourado, o sol se põe.  
Fogos de artifício estouram com clarões.  
A PAN desce para mostrar a praça fronteira à casa. Todos os homens correm em direção à ponte de madeira por onde cruza a fila de cavaleiros que chega. Alguns dão tiros para o ar. Os homens a pé se agrupam em torno dos cavalos que avançam, formando um bôlo agitado e ruidoso. Desse grupo se destaca um cavaleiro que cruza a praça a galope em direção à CAM. Aires Gomes surge em campo, em plano próximo. Álvaro chega até êle, freia o cavalo e desmonta antes mesmo que êle pare. O escudeiro toma as rédeas, bate amigavelmente no ombro do moço. D. Antonio entra em campo agitado, abraça Álvaro longamente, paternal. Álvaro, com o braço às costas de D. Antonio faz um gesto amplo e amigo para a varanda da casa.
314. A família reunida na varanda: Cecilia e Isabel lado a lado, ~~ela~~ Ana Dias, risonha; um pouco afastadas as criadas. Leonor Vaz de braços cruzados, contente e risonha, Martina e Leda Miranda assanhadas, espichando o pescoço para reconhecer os homens que chegam. Crispim e Silvestre se colocam atrás de Cecilia e Isabel. Diogo desce correndo os degraus.
315. Ao pé da escada êle abraça Álvaro. Álvaro olha para cima.
316. Cecilia sorri para êle, mas desvia os olhos para a praça.
317. Álvaro olha para a praça também. ~~Ex~~ Aires Gomes, Diogo ~~ela~~ e D. Antonio olham na mesma direção. D. Antonio ri alto, satisfeito com a festa ruidosa.
318. A praça, cheia de gente. Homens desmontam, se abraçam, tapam nas costas, risadas, fogos de artifício, os burricos que acabam de chegar e começam imediatamente a ser descarregados, ruído, agitação. Subitamente um sino toca freneticamente. Tudo se imobiliza, silên-

cio, todos olham na direção da varanda.

319. No alto dos degraus, D. Lauriana, com os olhos vermelhos de chorar, bate o sino loucamente, jogando nisso a sua raiva. Ela pára, ajoelha-se, faz o sinal da cruz e no silêncio ainda paralizado que se formou começa a rezar:

- Ave Maria gratia plena, dominus tecum...

Atrás dela as mulheres reagem prontamente, se ajoelham, fazem o sinal, juntam as mãos, contritas.

- ... benedicta tu in mulieribus...

320. Dois homens circulam silenciosamente, distribuindo alguns tochas acesas entre os homens. Todos ~~xx~~ tiram os chapéus e se ajoelham lentamente. Loredano avança alguns passos e se ajoelha. A PAN prossegue para mostrar, a poucos metros, D. Antonio, Aires Gomes, Diogo e Álvaro que se ajoelham

fructus

- ... benedicto ~~fructus~~ ventris tui, Iesu.

~~XX~~  
~~XX~~  
~~XX~~

~~XX~~  
~~XX~~  
~~XX~~

~~XX~~  
~~XX~~

321. Em close ~~XXXXXX~~ D. Antonio reza, de olhos fechados. A PAN passa por Aires Gomes a seu lado, Diogo, Álvaro. Ele levanta os olhos e olha apaixonado.

~~XX~~  
~~XX~~ **TODOS:** Santa Maria, mater Dei, ora pro nobis...

322. Cecília olha, sorri, baixa os olhos fazendo-se difícil. A correção de foco revela no segundo plano, Isabel que abre os olhos, levanta a cabeça e olha, apaixonada.

... peccatoribus, nunc et in ora ...

323. Iluminado por uma tocha próxima Loredano não reza. Apenas devora com os olhos, lábios entrecertos, narinas dilatadas.

- ... nostris nostra.



324. Espalhados pela praça, todos ajoelhados, iluminados pela luz das tochas sob o céu ainda vermelho do crepúsculo, os homens terminam a oração:

- Amen.

No segundo seguinte estão todos de pé, agitados e ruidosos de novo. D. Antonio, Diogo e Álvaro sobam os degraus, as mulheres entram para a casa, Cecília espera. Aires Gomes se mistura com os homens, na praça.

325. Alheio ao movimento Loredano observa a casa. Caminha até os degraus e sobe.

326. Diante da porta de entrada D. Antonio caminha entre Álvaro e Cecília, com os braços nos ombros dos dois. Loredano entra em campo e diz:

- D. Antonio...

Os três se voltam. Cecília se sobressalta, ~~para~~ Álvaro desmancha o sorriso. D. Antonio sorri ainda e interroga com a cabeça.

327. Loredano olha fixamente para o velho, mas sua atenção está em Cecília:

- Perdoo se importuno mas tenho um assunto a tratar...

328. D. Antonio:

- Podemos deixar para amanhã?...

329. Loredano insiste:

- É coisa breve.

D. Antonio deixa Álvaro e Cecília e segue Loredano para fora de quadro. Cecília e Álvaro continuam olhando para eles. Álvaro desvia os olhos para Cecília. Pergunta:

- Não quer saber se trouxe as encomendas?

330. Cecília se volta para ele:

- É mesmo. Trouxe tudo que eu pedi?

331. Álvaro:

- Tudo... e mais.

332. Cecília sorri:

- Mais o que?

333. Álvaro:

- Uma coisa que você não pediu.

334. Cecília:

- Essa não quero.

335. Álvaro enfia a mão no peito do gibão:

- Mas já é tua. Uma lembrança.

336. Cecília, rápida:

- Então guarda para você.

Ela se vira para entrar, mas torna

a olhar para Álvaro, rindo:

- E guarda bem.

337. Álvaro fica olhando ela ir embora, sorri ao breve momento. Lembra-se de Loredano e olha para trás.

338. No extremo da varanda Loredano entrega



344. No extremo oposto da mesa, D. Antonio reage: à mesa êle é submisso à mulher. Troca um olhar com Álvaro a seu lado. Tomam uma colherada em silêncio.

345. Álvaro levanta os olhos para Cecília.

346. Cecília lhe dá apenas um relance e continua comendo de olhos baixos. PAN:

~~XXXX~~ a seu lado Isabel olha abertamente para Álvaro, em silêncio. PAN:

a seu lado Diogo limpa os lábios no guardanapo e diz, controlando a emoção da voz:

- ~~Ninguém~~ Álvaro, o pai resolveu me mandar para a capital.

Uma pausa incômoda em que só se ouve o ruído dos talheres pousando nos pratos.

Diogo continua, ainda mais emocionado:

- Eu vou embora.

347. D. Lauriana funga, tomando a sopa. Levanta um olhar ressentido para o marido sentado à frente dela. A CAM PAN pela fila de rostos: Ana Dias, Aires Gomes que comem de olhos baixos, alheios, como se não tivessem ouvido, terminando em Álvaro e D. Antonio. Álvaro olha perplexo para Diogo, surprêso e sentindo a tensão que se formou. D. Antonio demonstra irritação no olhar que lança para a mulher, depois para Diogo. Êle pigarreja e diz um pouco alto demais:

- E a viagem, como foi? Por esta época as trilhas ainda estão sêcas, mas depois das chuvas o caminho vai ficar difícil.

Álvaro se anima com a possibilidade de quebrar o clima pesado:

- O chão está sêco, bem batido. E o mato não avançou muito.

Êle ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ estende o prato para a mão de Ana Dias que entrou em campo e continua:

- Ah... eu ia me esquecendo de contar uma coisa.

Álvaro lança um breve olhar a Cecília e volta a D. Antonio. Diz:

- Há umas quatro léguas daqui encon-

tramos Peri.

348. Cecília levanta a cabeça imediatamente, interessada:

- Ainda bem. Faz dois dias que êle sumiu.

349. Aires Gomes, carinhoso com Cecília:

- Êle está acostumado com o sertão. Não tem perigo nenhum,...

Álvaro a seu lado interrompe, olhando para êle:

- Mas o que êle estava fazendo era bem perigoso.

350. D. Antonio, curioso:

- O que era?

351. Álvaro olha para Cecília:

- Estava brincando com uma onça-

352. Cecília grita assustada, cobrindo a boca com a mão:

- Meu Deus!

353. D. Lauriana, servindo um prato que Ana Dias sustenta, interrompe e volta-se prontamente para a filha:

- Que é isso menina?

A CAM se afasta para revelar todo o lado da mesa, ~~xxxxxx~~ de D. Lauriana a Cecília.

Isabel olha para a prima, Diogo, indiferente e deprimido não come nem olha, brincando com o garfo na beira do prato. Cecília vira-se para a mãe:

- Mas êle pode estar morto a esta hora.

D. Lauriana volta a servir a comida e diz olhando para o prato que serve:

- Não se perde grande coisa.

Cecília está quase chorando:

- Mas se êle morrer, a culpa é minha.

D. Lauriana vira-se para ela. Até Diogo olha para a irmã.

354. D. Antonio coloca a mão sobre o braço de Cecília:

- Como assim, filha?

PAN para close de Cecília, olhos cheios de lágrimas:

- Quinta feira eu estava conversando com Isabel e ela contou que tem muito medo de onça. Eu fiz uma brincadeira e disse que queria ver uma onça viva, Peri escutou e ...

355. D. Antonio sorri satisfeito, encosta-se em sua cadeira:

- E êle foi buscar uma para te agradecer. É incrível esse índio. ~~xxxxxxxx~~

...

356. Cecília se levanta chorando e corre para fora do quadro. A voz de D. Antonio continua, off: - Desde que êle ~~xxxxxx~~ apareceu por aqui...
357. D. Lauriana segue a filha com um olhar de censura. D. Antonio, off: - ... dedica a vida para Cecília.
358. Álvaro também olha preocupado para onde Cecília foi. D. Antonio, off: - Ela quis ver uma onça...
359. Isabel se levanta para ir consolar Cecília: - Com licença. ela murmura e, recolocando a cadeira no lugar, lança um olhar apaixonado para Álvaro, vira-se e sai. D. Antonio, off: - ... êle foi buscar.
360. Álvaro ~~xxxxxxxxxx~~ recebe o olhar, pela primeira vez percebe o sentimento de Isabel e fica perplexo. Vira-se para D. Antonio. PAN para êle que continua: - Êsse Peri tem alma de fidalgo português em corpo de selvagem.
361. No outro extremo da mesa, D. Lauriana levanta a cabeça e olha com ódio para o marido. Levanta-se e sai da mesa. A seu lado Diogo fica, caído na cadeira, inerte.
362. D. Antonio segue o trajeto da mulher com o olhar, incômodo. Álvaro, também incômodo, brinca com o talher no prato, olhos baixos. Ana Dias se levanta, apanha duas travessas e deixa a mesa. Aires Gomes, sem nunca entender nada muito bem, se levanta: - Com licença, D. Antonio. E sai da mesa. O jantar gorou.
363. Num extremo da mesa, Diogo, deprimido, alheio a tudo. No outro Álvaro ~~xxxxxxxxxx~~ prisioneiro de uma situação desagradável, D. Antonio. O velho balança a cabeça, irritado, dá um murro na mesa, solta um: - Ah!  
irritado e sai da mesa também.

## SEQUENCIA 32 - INT NOITE

364. No barracão dos aventureiros o clima é outro: fim de festa, restos de assados espetados na mesa grande em torno da qual ainda resta um pequeno grupo de aventureiros sentado. O ambiente é ainda ruidoso e alegre:
365. Loredano contrasta com o grupo, sentado muito quieto, pensando enquanto palita os dentes com um gravato.
366. O grupo próximo se volta para êle:
- Bento Simões: - Como é Loredano? Está aí muito quieto.
- Vasco Afonso: - Comeu demais. Ou então está triste porque não viu as ciganas.
- Martim Vaz: -Vai ver que é alguma moçoila que êle andou conquistando lá pelo Rio de Janeiro.
- Rui Soeiro: - Loredano não é homem de chorar por causa de mulher...
- Vasco Afonso: - Todos nós calçamos o mesmo sapato. Só que para uns aperta mais, pra outros menos.
- Todos riem.
367. Loredano sorri, atira fora o palito e se apóia na mesa com os cotovelos. Olha para o jarro de vinho à sua frente.
- Bento Simões aproxima o rosto:
- Vamos lá Loredano, conta o que aconteceu na viagem.
- Martim Vaz curva o corpo sobre a mesa:
- Nem precisa perguntar. Ele está mesmo apaixonado.
- Loredano sorri, tolerante, alheio.
- Bento Simões: - E por quem será? Por quem será?
- Martim Vaz: - Olha só que olhar ardente. É pelo jarro de vinho, é pelo jarro de vinho.
368. O grupo estronda numa gargalhada. Até mesmo Loredano ri e dá uma palmada amigável na cara de Martim Vaz. Aires Gomes se aproxima da mesa e grita com voz que êle tenta fazer anérgica:

- Vamos lá. O barulho está muito alto. Já é tarde.

Rui Soeiro:

- É dia de chegada, seu Aires Gomes. Dia de alegria.

Aires se senta à mesa, ao lado de Rui, agarra um ~~espato~~ espato e abocanhando um grande naco de carne. De boca cheia êle diz para dois homens na ponta da mesa:

- Vocês dois aí. É hora de revesar as sentinelas.

Os dois se levantam e saem resmungando, arrestando os pés.

Martim Vaz:

- Algum problema, seu Aires?

369. Aires continua comendo com a boca muito cheia, demora a responder para ser mais importante:

- Vamos redobrar a guarda, pode ter barulho.

370. Loredano está em frente a êle, no lado oposto da mesa. Olha interessado, os outros homens também se juntam mais para perto de Aires Gomes. Bento Simões se anima:

- Ah, ah. Chega em boa hora. Eu já estou cansado de só atirar em pacas e parcos do mato.

Rui Soeiro:

- E porque é que vamos ter barulho?

371. Aires Gomes engole o bocado, bebe um gole de vinho:

- O que mais podia ser? Os índios.

372. Loredano se excita imediatamente:

- O que foi? Os índios vão atacar?

Rui Soeiro e Bento Simões, um de cada lado de Loredano, olham para êle. Êle olha ~~para~~ de um para o outro.

373. Aires Gomes, importante e animado:

- Ainda não se sabe, mas é bom estar preparado.

Êle morde com vontade mais um pedaço de carne.

374. Loredano se levanta e sai do quadro. Rui e Bento se entreolham e saem atrás dele. Aires Gomes fica cocendo sozinho na mesa já deserta. Só no outro extremo um ~~homem~~ soldado, dorme e ronca, caído sobre a mesa suja.

SEQUENCIA 33 - EXT NOITE

375. Diante da porta do barracão Loredano espera parado na noite. Rui Sociro e Bento Simões saem da porta e estacam diante d'ele.

376. Loredano olha de um para o outro e diz simplesmente, como uma ordem:

- Amanhã!

E sai de campo.

SEQUENCIA 34.- EXT NOITE

377. O precipício ~~está~~ ao lado da casa.

De um lado a parede da casa sobe como uma continuação da rocha íngreme, tornando a casa inacessível. Do outro a floresta, uma árvore gigantesca estende um dos galhos sobre o abismo, chegando a roçar a parede da casa do outro lado, formando uma espécie de ponte natural. Sobre esse galho as folhas se agitam, um vulto se movimenta, surge à luz da lua: é Peri. Ele está nu, com a túnica amarrada na cintura como uma faixa branca, o peito com a marca das ~~suas~~ garras da onça. Ele se deita no galho e observa.

378. Do seu ponto de vista: na parede fronteira ~~há~~ uma janela acasa. A zorra fecha sobre ela: através do vidro meio opaco vê-se Cecília e Isabel. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ No chão há dois baús pequenos ~~fazidos~~ pela bandeira. Cecília estica uma peça de tecido que sai de um deles e coloca-a na frente de Isabel. As duas ~~se~~ admiram as fazendas. Isabel boceja, beija a prima no rosto e sai, fechando a porta. Cecília se senta no chão examinando o conteúdo do baú.

379. Do alto do galho Peri observa e sorri. De repente algo chama a sua atenção para o lado ~~da~~ <sup>franja</sup> da casa. Ele vira a cabeça, olha:

380. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Álvaro chega até a esquina da parede, espicha o pascoço para olhar a janela de Cecília. Olha o precipício, estuda o terreno.

381. Do alto ~~de~~ seu galho Peri observa e sorri. Mas algo chama sua atenção do outro lado, nos fundos da ca-



sa.

- 382. Loredano também se aproxima para olhar a janela, mas vê Álvaro do outro lado e se esconde atrás da parede, fica observando. PAM pela parede, passa pela janela até Álvaro. Ela experimenta a resistência de uma estaca do jardim, dá-se por satisfeito, tira do peito do gibão um saquinho de sêda amarrado com cordéis, segura a estaca e com um movimento de corpo se atira sobre o precipício, deposita o presente na janela de Cecília e com o impulso natural do corpo retorna à terra, perde o equilíbrio e cai sentado.
- 383. Peri assiste da árvore, atento. Olha para o lado de Loredano. O italiano está escondido pela quina da parede, sem tirar os olhos de Álvaro.
- 384. Álvaro se levanta, bate o pó das roupas, dá mais uma olhada para a janela, olha de ambos os lados e se afasta.
- 385. Loredano surge detrás da parede, olha a janela. Sem pensar muito arranca a faca do cinto, apanha um pedaço de pau no chão, procura com o pé uma saliência da rocha rante da parede, o mais próximo possível da janela, estica o braço, crava a faca na parede e se equilibrando perigosamente consegue alcançar o presente com a ponta do galho e derrubá-lo no precipício. Retorna à terra, arranca a faca da parede. Olha para baixo rindo, contente.
- 386. Do alto de seu galho Peri ~~xxxxxxx~~ também olha para baixo. Levanta a cabeça olha para o italiano, ri e olha de novo a janela.
- 387. Ao lado da cama Cecilia acaba de despir o vestido ficando só com uma camisola branca que usa por baixo, apaga a vela na mesa de cabeceira.
- 388. No galho Peri se levanta e some entre as folhas.
- 389. Alta no céu, a lua brilha.

SEQUENCIA 35 - EXT DIA

390. A praça diante da casa. Manhã muito cedo. Dois bostas estão sentados junto à ponte de madeira. Loredano se aproxima deles, lembra o que está

dormindo. Ele se levanta assustado, arma de prontidão. Loredano lhes transmite ordens que não se escuta com clareza. Os dois se espreguiçam da longa noite de vigília e caminham praça acima. Loredano aproveita e atravessa a pontezinha, rapidamente. Dos fundos da casa vem descendo um grupo de quatro homens que cruzam com os que sobem, trocam palmadas nas costas, risos, saudações. Chegam até a cabeça da ponte. Dois deles colocam as armas no ombro, param, os outros dois são Rui Soeiro e Bento Simões que cruzam a ponte, ~~ixpx~~ despedindo-se dos outros com grandes gestos, risos.

Lá ao longe, Cecília e Isabel saem da casa carregando panos e chapéus nas mãos, descem as escadas e atravessam a praça na direção oposta ao precipício. Um dos sentinelas chama a atenção do outro e os dois ficam olhando as moças que caminham.

391. No meio do mato Loredano espera. Bento e Rui surgem ao lado dele na trilha e os três caminham para dentro do mato, liderados por Loredano.

SEQUENCIA 36 - ~~IXX~~ INT DIA

392. Na cozinha, <sup>Martina</sup> ~~xxxxxxxx~~ abana o fogo <sup>Leda Miranda</sup> ~~o~~ coloca mais algumas achas de lenha. Em primeiro plano D. Lauriana dá as ordens para Leonor Vaz que escuta atenta:

- ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Apesar de ser domingo hoje é dia de abstinência, ~~xx~~  
 - Coutinho e Serafim já saíram para pescar, sim senhora...

Leonor Vaz:

Por trás delas Martina e Leda se cotucam, inquietas e envergonhadas, olhando para D. Lauriana de soslaio. A senhora não olha na direção delas. Leonor Vaz continua:

-... mas acho que os homens não vão gostar de ficar sem carne não.  
 - Pois então sirva para eles aquela quarto de veado salgado. Fica com a

D. Lauriana:

consciência deles cumprir ~~um~~ o manda-  
mento.

Ela se volta para as moças ao fundo.  
Mesmo sem olhar ela percebeu a agita-  
ção das moças:

- O que foi, meninas? Querem alguma  
coisa?

393. Encostadas ao fogão, lado a lado, se  
protegendo elas baixam os olhos, tími-  
das enrolando as mãos nos aventais.  
Martina tem mais coragem:

- A gente está com um pouco de medo,  
dona.

394. D. Lauriana levanta as sobrancelhas,  
interrogativa, nada diz.

395. Martina continua:

- Parece que o Peri, o índio, vai  
trazer onça viva de presente para a  
manina.

396. D. Lauriana reage imediatamente, sua  
boca se abre sem que ela possa contro-  
lar. Leonor Vaz faz um muchocho de re-  
provação, mas D. Lauriana se vira e sai  
da cozinha correndo, segurando as saias.

#### SEQUÊNCIA 37 - EXT DIA

397. As janelas da casa se fecham com estrondo  
uma depois da outra. D. Lauriana surge no  
alto da escada, estufo<sup>da</sup> e grita:

- Aires Gomes. Aires.

Ela toca o sino algumas vezes.

398. Alguns homens se juntam diante da casa.

Um rapazinho sai correndo, mas ao chegar à  
esquina dá de encontro com Aires Gomes que  
já vem vindo, esbaforido também. Ele se põe  
diante de D. Lauriana olhando para cima.

399. Apavorada D. Lauriana fala rapidamente:

- A onça, Aires, a onça.

400. Os homens todos olham para cima sem entender.

401. D. Lauriana se controla um pouco:

- O diabo do índio vai trazer uma  
onça viva para a casa. Junte os ho-  
mens e bata os matos.

Ela se volta e entra remungando:

- Era só o que faltava. Onça viva.

402. Solene como se partisse para uma cruzada Aires Gomes, de espada na mão, aponta para os homens próximos:

- Você, você, você e você, Vasco, peguem as armas, vamos procurar esse bicho.

Os homens se agitam e correm para os baracões na possibilidade de aventura.

A praça fica vazia.

#### SEQUENCIA 38 - EXT DIA

403. Peri caminha silencioso, se equilibrando sobre um galho de árvore, senta-se junto ao tronco, olhando para baixo. Tem um tacape pequeno na mão, a túnica amarrada na cintura.

404. Lá embaixo, no laguinho que o rio forma entre as pedras, Cecília e Isabel terminam de tirar os vestidos. Com a camisola muito fina, branca e sem mangas que usam por baixo elas entram na água de mãos dadas.

405. Peri assiste, satisfeito, incógnito.

406. Cecília e Isabel nadam no lago, os cabelos extremamente longos formando duas listas paralelas na correnteza do rio: uma loira, outra morena. As roupas molhadas, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ transparentes revelam seus corpos jovens. Elas riem, brincando, atirando água uma na outra.

~~XX~~

Cecília passa um pente indígena, adornado de penas pelos cabelos de Isabel que flutuam na água. Ela diz:

- Isabel, porque é que ~~XXXXXX~~ você não fala com Álvaro?

Isabel estremece, põe-se de pé, ~~XXXXXXXXXX~~ enrola os cabelos escondendo o rosto.

Diante dela Cecília começa a pentear os próprios cabelos:

- Eu já reparei que você não responde nem quando ele cumprimenta a gente.

Isabel joga os cabelos para trás, o olhar ardente:

- Cumprimenta você...

Cecília não percebe a expressão, continua:

- Você não gosta dele.

Isabel baixa a cabeça deixando cair o cabelo sobre o rosto novamente. Cecilia olha para ela:

- ~~XXXXXXXX~~ Porque?

Ela espera, depois ri:

- Se você não responder, eu vou pensar que é outra coisa, hein?...

Isabel joga os cabelos para trás e salta sobre Cecília. Ela ri e cai dentro d'água, as duas brincam, rindo, atirando água uma na outra.

- 407. No alto do galho Peri ri, olha de lado, estica o braço, apanha uma enorme orquídea roxa e deixa cair na água.
- 408. Ponto de vista de Peri: a flor cai na água e é levada pela correnteza ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ PAN acompanha o trajeto da flor e revela na margem do lago, escondidos por trás de um arbusto, os dois índios de arcos armados, prontos para atirar.
- 409. Peri se põe de pé, em guarda.
- 410. Cecilia caminha para ~~XXXXXX~~ apanhar a flor que está exatamente na direção do índios escondidos no mato. Eles preparam o tiro.
- 411. Peri grita e salta.
- 412. As duas moças ficam paralizadas olhando para cima. Peri passa no ar e mergulha entre os arbustos.
- 413. Peri cai diante dos índios. Uma flecha se espeta no seu ombro a outra passa perto da sua cabeça.
- 414. À margem do lago Cecilia e Isabel saindo da água, a flecha cai perto de Cecilia e afunda no chão.
- 415. Sem tirar a flecha do ombro Peri desce um golpe de tacape na cabeça do índio mais velho que cai, morto. Ele se coloca diante do outro, mais jovem. Por um momento âles se encaram, mas Peri frequeja.
- 416. Com uma careta Peri arranca a flecha do ombro, cai de joelhos.
- 417. O índio jovem aproveita, hesita um instante, vira-se e sai correndo para dentro do mato.
- 418. De quatro no chão Peri ~~XXXXXXXXXXXX~~ geme, sangrando. Ele levanta a cabeça e olha em volta.

Engatinha na direção da uma árvore.

419. O grosso tronco da árvore com filetes de uma resina grossa que escorre. Peri entra em campo, abraça o tronco e beija a madeira sugando a resina.

SEQUENCIA 39 EXT DIA

420. Diante do barracão um grande grupo reunido em torno da onça morta, dependurada de uma trave do telhado. D. Antonio examina o animal, Aires Gomes ao lado de arcabuz na mão. D. Lauriana atrás d'êla.

D. Antonio: - Belo animal!

D. Lauriana: - Belo animal! Obra daquela excomulgado.

D. Antonio ri: - É mesmo. É a caça de Peri, Álvaro contou.

D. Lauriana: - E o diabo do índio ainda trouxe viva, como se fôsse uma paca.

D. Antonio examina o animal: - Impossível.

D. Lauriana está furiosa: - Pois Aires Gomes teve de ir procurar o bicho. ~~xxxx~~ Foi êle que matou.

D. Antonio: - É verdade. O corpo ainda está quente. Mas não ~~xxxxxxx~~ tem nenhum buraco de bala.

Êle olha para Aires Gomes.

421. Aires Gomes, meio envergonhado:

- O bicho já estava enforcado numa árvore. Vai ver que foi Peri mesmo que matou.

422. D. Lauriana puxa D. Antonio pelo braço.

Os homens abrem passagem e continuam olhando a onça. Êle se afasta depressa do grupo seguida de D. Antonio, vira-se para êle:

- Êsse ~~xxxxxx~~ bugre não pode continuar aqui. Vosmecê não queria acreditar, mas aí está o resultado.

D. Antonio desvia os olhos da mulher, ainda interessado no bicho. D. Lauriana prossegue:

- A família toda ameaçada. Minha filha sem saber do perigo, foi tomar banho no rio.

D. Antonio se sobressalta, olha rapidamente

para a mulher, vai sair correndo, mas estaca.

423. Cecília e Isabel vam correndo, segurando os vestidos ainda meio abertos, cabelos molhados. ~~xxxxx~~ D. Antonio abraça ~~xxxxxx~~ Cecília, as moças, assustadas olham na direção do grupo, mas não conseguem ver a onça. D. Lauriana prossegue:

- Amanhã êle inventa de trazer um jacaré, uma gibóia. E a gente acaba comido vivo por causa dos presentes desse índio renegado.

Cecilia olha para a mãe:

- O que é que aconteceu?

D. Antonio:

- Sua mãe está muito zangada.

D. Lauriana interrompe:

- ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Você foi dizer coisa sem juízo e o danado do capeta desse seu escravo índio trouxe uma onça viva.

Cecília e Isabel olham na direção do grupo, tentando ver a onça. Os homens começaram a dispersar e por entre alguns corpos elas enxergam o bicho preto dependurado. D. Lauriana continua:

- Se não fôssa Martina ter me contado, a essa hora a onça já podia ter matado todo mundo. Eu não quero mais êsse bugre perto da casa. Essa gente, que nem gente é, só vive direito nos matos.

Ela se vira para sair, Cecília fala:

- Mas é só falar com êle que êle entende. Pai, êle não faz mais isso.

D. Lauriana dá um passo.

424. Isabel, com um estranho olhar, misto de ódio e necessidade de agradar a família, ~~xxxx~~ diz, num jato:

- E o que êle fez agora pouco?

425. D. Lauriana vira-se violentamente-

- O que foi, menina? O que mais que esse diabo aprontou?

426. D. Antonio olha para Cecilia, ela baixa os olhos e levanta-os novamente para censurar Isabel. Mas Isabel conta:

- No meio do banho Peri pulou de uma

árvore e depois atirou uma flecha do meio do mato. Caiu pertinho de Cecília.

427. D. Lauriana leva a mão ao pescoço, solta um grito:

- Meu Deus do céu! Está ouvindo isso D. Antonio?

428. D. Antonio baixa os olhos, fecha o resto, preocupado. Cecília se apressa:

- Ele não fez por mal, tenho certeza.  
- Pode ser, mas isso tudo é muito grave. E sempre pode acontecer de novo.

D. Antonio ~~ex~~, grave:

Ele olha para a mulher, decidido, mas triste com a própria decisão:

- Peri vai embora.  
- Ela vai ficar muito triste.  
- Nós também.

Cecília:

D. Antonio olha para ela: e nós quer dizer êle e Cecília. Ela compreende, ~~se afasta~~ se afasta com Isabel, sem de quadro. D. Antonio se volta para a mulher:

- Hoje mesmo Peri vai embora desta casa. Mas vai porque eu vou pedir para êle que vá embora. Não admito que ninguém enxote um amigo de minha casa. Entendido?

D. Lauriana recebe a ordem com um pequeno sinal de cabeça. D. Antonio se vira para o grupo, <sup>em segundo plano,</sup> Aires Gomes conversa com dois únicos remanescentes do grupo.

D. Antonio: - Aires.  
Aires Gomes vem imediatamente, os dois homens se afastam. D. Antonio:

- Procure Peri. Diga que preciso falar com êle.

D. Lauriana se volta e sai de campo. Aires vai partir, mas D. Antonio o segura pelo braço:

- E manda curtir a pele desse bicho. Eu quero ficar ~~XXXXXXXX~~ com ela.

Aires diz um "sim ~~XXXXXXXX~~ senhor" e se afasta. D. Antonio caminha até a onça e alisa o pelo preto do bicho.

*XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX*





- Vou cumprir a promessa que fiz.  
A riqueza está aqui, perto de nós.

435. Rui e Bento trocam um olhar e se viram  
de nôvo para Loredano. Rui:

- Onde?

436. Loredano sorri da ingenuidade dos dois:

- Não é assim também. Falo em sentido figurado. Temos de seguir os planos até o fim, e doppo, o tesouro.

437. Rui e Bento se entreolham novamente.  
Não parecem satisfeitos. Rui:

- Acho muito arriscado.

438. Uma pausa, Loredano, diante dos homens, espera. Eles se acomodam novamente. Rui:

- Deve haver outra maneira. Sem precisar matar ninguém.

Loredano diz calmamente:

- É tarde para voltar atrás. Mesmo que eu fique sozinho D. Antonio vai ~~XXXXXXXXXXXX~~ saber de vocês dois.

Ambos reagem. Bento é mais impulsivo:

- Como?

439. Loredano prossegue calma e friamente:

- Quando voltaí do Rio de Janeiro entreguel a D. Antonio o meu testamento.

Bento impaciente, off:

~~R~~ - E daí?

Loredano prossegue:

- O testamento conta todos os planos em detalhe. Citando dois nomes: Rui Soeiro e Bento Simões.

440. Rui e Bento se colocam em guarda.

Bento não se controla, levanta-se de um salto, tira o punhal da cinta e investe para Loredano. Rui passa a perna em sua frente, êle cai aos pés do italiano. Rui ajuda-o a se sentar. Olham ambos para Loredano.

441. Ele ~~XXXXXXXXXXXX~~ se põe de pé, furioso: - ~~XXXX~~. ~~XXXX~~ Prende <sup>te</sup> il pugnale e m'attacc<sup>te</sup>. Veddrai quello que ~~x~~ te succede.

442. Senta-se novamente. Os dois escutam, perturbados, mas temerosos. Loredano continua:

- Se lo desapareço tres dias. D. Antonio ha l'ordine de aprire il docu-

cumento.

Bento Simões solta um rugido e atira o punhal, que se crava no chão. Rui Soceiro tenta pensar depressa:

- Calma. Agora já está feito.

Olha para Loredano um tempo:

- Então, seu italiano, estamos nas suas mãos. Onde está a riqueza prometida?

443. Loredano sorri satisfeito:

- Já ouviram falar de um tal de Roberto Dias?

444. Rui, calmo:

- Já. Ele descobriu umas minas de prata, lá pelos lados da Bahia.

445. Loredano:

- E que mais?

446. Rui:

- Parece que ele tentou vender o mapa para o rei da Espanha, mas quando chegou lá tinham roubado o segredo. Se não me engano ele morreu uns tempos depois.

447. Bento Simões está se recuperando da raiva:

- Ninguém sabe se era verdade. Mapa do tesouro... Parece história da cachincha.

448. Loredano ri alto, enfia a mão no buraco com um gesto grande. Retira uma ~~xxx~~ pequena urna de cerâmica lacrada com cêra, levanta-a no ar com outro gesto teatral, atira-a no chão.

449. A urna se quebra de encontro a uma pedra, entre os cacos surge o ~~xxxx~~ pergaminho com o mapa e o roteiro escrito em letras tóscaas.

450. Os três olham. Rui Soceiro se recupera e agarra o mapa com um gesto rápido.

451. Rui lê com olhos ávidos, a febre de riqueza imediatamente incendiada, Bento Simões também lendo por trás de seu ombro, igualmente ávido.

452. Loredano cruza os braços e observa os dois com um olhar seguro e superior, um meio sorriso no canto da boca.

453. Rui levanta os olhos do papel para Loredano. Bento ainda lê. Olha para Loredano também. Diante deles Loredano estende a mão, segura. Rui entica o papel e lhe entrega. Loredano

dobra-o lentamente e guarda-o no peito do gibão:

- Agora vocês já sabem o poder e a riqueza que nos esperam. E eu, eu quero um juramento. Juram que não vão recuar quando chegar a hora.

454. Rui Soeiro e Bento Simões olham de olhos vidrados, um certo medo, repetem maquinalmente. Primeiro Rui:

- Juro.

Depois Bento, em voz muito baixa:

- Juro.

455. Loredano se põe de pé. Olha de um para o outro enquanto diz:

- Juram que a minha palavra é lei e que vão seguir as ordens sem vacilar.

456. De pé diante do dois homens Loredano tira o punhal da cinta, lentamente. Rui Soeiro se põe sobre um joelho, Bento ainda sentado hesita, observando o amigo, por fim se ajoelha também. Loredano coloca a ~~xxx~~ cruz do punhal diante dos lábios de Rui.

457. Rui olhando para Loredano parece pensar e ponderar, mas decide:

- Juro

e beija a cruz da lâmina. PAN acompanha o movimento de Loredano que a ~~xxxxx~~ coloca a gora diante de Bento. Ele olha para o italiano, olha para o amigo ao lado, de novo para Loredano e com voz muito baixa:

- Juro.

mas baixa o rosto e não beija a cruz. O punhal na mão de Loredano, se aproxima mais. Bento levanta a cabeça, beija rapidamente a cruz, ~~xxxxix~~ limpa a boca com a mão, baixando a cabeça.

458. Loredano vira o rosto para esconder um sorriso cínico de satisfação e desprezo pelos homens. Guarda o punhal na cinta e volta a sentar-se diante dos dois que também se acomodam. Loredano:

- Eu cansai de esperar e resolvi a ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ aproveitar a primeira oportunidade. Aires Gomes o escudeiro falou es luta, parece que os índios vão atacar. É uma boa hora.

Fazse uma breV pausa. Loredano continua:

- Rui, quais são os homens que estão do nosso lado?

\* Rui tira uma tira de papel de dentro

do cinto, desdobra e lê:

- Góes de Braga, Coutinho Taques, Gabriel...

459. ~~XXX~~ Correndo por entre as árvores Peri de repente pára, olhando de lado. Avança mais devagar, caminhando pelo mato. A zoom abre para revelar a clareira do espinheiro. Peri sai do meio do mato e avança para cruzá-la. Um tamanduá procura formigas nas tôrres abandonadas dos formigueiros. Peri passa perto dela, ouve-se um murmúrio de vozes que some em seguida. Peri estaca, aguça o ouvido.

460. Peri inclina o corpo para frente e para trás. O ruído de vozes ~~ouviu-se~~ aparece e desaparece. Ele olha de lado, para o chão.

461. Com gestos silenciosos e bruscos ele espanta o tamanduá que sai correndo e <sup>Peri</sup> aproxima o rosto do ~~XXX~~ buraco do formigueiro.

462. Encosta o ouvido. O formigueiro que se estende para dentro do espinheiro funciona como um sistema sonoro natural. Peri ouve distintamente a voz de Rui Socieiro que diz (off):

- ... Cruz, Lopes Menendez, Gil Cabral, Dario Ledo, Nuno Gonçalo de Souza, não êsse não. Ele desistiu ontem. Parece que vai pedir dispensa e voltar para o Rio de Janeiro.

A voz de Loredano, off:

- Quem mais?

Peri ouve atentamente, surpreso.

463. Dentro do espinheiro, nas mesmas posições. Os três homens. Rui prossegue:

- Veloso Calvo, Amador Cârro, Domício Pez, Falo Sanchez, Bras Carrasco, João Feio, Vasco Afonso e Martin Vaz.

Loredano:

- Caterze. E você tem certeza que se pode confiar nesses?

464. Rui Socieiro encolhe os ombros dobrando e guardando sua lista:

- Até agora só fizemos combinação de bôca. Mas, mostrando o sapa é quase certo que nenhum deles vai voltar atrás. Esses homens são aventureiros, a maior parte delas tem algum

crime nas costas.»

465. Loredano mantém-se impassível numa pausa de suspense. Com voz baixa e grave êle diz: - ~~Meu~~ Nós não vamos mostrar mapa nenhum.
466. Bento Simões e Rui se entreolham, surpresos, perplexos; Bento explode: - ~~Esse homem~~ E você acha que todos esses homens vão matar o chefe e a família inteira só pela promessa de cavar uma mina de prata? ~~Esses homens~~ ~~vão trabalhar na mineração,~~ ~~o~~ ~~lugar~~ ~~é~~ ~~um~~ ~~esconderijo~~ ...
467. Loredano interrompe, duro, inflexível: - Isso é com vocês. E ninguém vai matar a família inteira. É bom ficar claro desde já. Esses homens são uma garantia. Eles vão trabalhar na mineração, a troco de bom soldo. A família é trabalho nosso. Ninguém vai ser morto sem necessidade. Nós só precisamos de garantia para a retirada.
- Rui Soeiro pergunta, off: - E os índios? Se eles atacarem a gente não escapa.
- Loredano prossegue: - ~~Meu~~ Se houver guerra é melhor para nós. Na confusão tudo fica mais fácil...
468. De lado de fora Peri, ~~surpreso~~ ajoelhado diante do formigueiro escuta como num alto falante: - D. Antonio devia ficar para mim, mas você, Rui, pode cuidar dele. Eu só quero Álvaro de Sá, o nobre cavalheiro. Bento cuida de eliminar o tal de Alvas Gomes, o escudeiro.
- A voz de Bento, ~~ziz~~ cúcido, off: - E as moças?
- A voz de Loredano, enérgico: - Cecília é minha, a parte do leão.
- Peri reage imediatamente ao nome de ~~meu~~ Cecília, põe-se de pé, curvado sobre

o formigueiro, começa a bater lentamente o pé no chão, como fazem os índios quando têm raiva. Enquanto isso a voz de Loredano prossegue, off:

- Quem chegar perto dela é um homem morto. A outra, a mestiça...

Rui Soeiro, off:

- Isabel...

- ... fica para um de vocês, por sorteio.

469. Loredano continua, os olhos brilhando, animado com o começo dos preparativos:

- Os homens devem estar de sobreaviso para a retirada. Eles só entram em ação se os outros resistirem.

470. Rui Soeiro, frio, mas animado:

- Então é só tocar fogo na casa.

471. Loredano:

- Isso.

Ele sorri, felino:

~~uma~~ Mais alguns dias e vamos ser ricos e poderosos, como reis.

472. Peri está já em posição de guarda, ouvindo ainda, mas ansioso por fazer algo.

Loredano prossegue, off:

- Você Bento Simões, pode ser o barão de... o barão de Paqueta.

Risos divertidos.

E você Rui, você vai ser um duque. O duque de Minas.

Mais risos.

Eu... o que é que eu vou ser... vediamo... eu vou ser um...

Peri enche os pulmões e aproxima a boca do formigueiro, grita com voz forte:

- TRAI...

473. ~~Loredano~~ Loredano paralizado no meio de um gesto. A voz sos profunda, parecendo vir da terra:

- ... DOR.

474. Rui e Bento se põem de pé, lívidos, atarrados.

475. Peri se põe de pé e sai correndo sumindo no meio do mato.

PAN para o ~~espigão~~ espigão, no alto do qual surge o vulto de Loredano subindo o cipó. Ele olha para todos os lados, mas o que se vê é apenas o tamanduá ~~parado~~ <sup>parado</sup> numa das torres.

## SEQUENCIA 41 + INT DIA

476. Cecília e Isabel atravessam a sala, entram para o estreito corredor que dá para os quartos. Álvaro surge na sala e chama:

-Cecília

~~Rixxxx~~ As duas se viram para olhar, Isabel prossegue o caminho. Cecília:

- Agora não Álvaro.

477. Álvaro:

- O que foi que eu fiz para você me tratar mal?

478. Cecília estaca, olha Isabel que abre a porta de seu quarto, olha para Cecília e entra. Cecília se volta, já diante da porta de seu quarto:

- Desculpe. É que estou triste. Você não fez nada.~~tx~~

Álvaro entra em campo, para na frente dela:

- Só desobedececi a tua vontade.

479. Cecília sorri, intrigada:

- Desobedeceu?

480. Álvaro:

- Desculpe. Mas eu não podia deixar...

481. Cecília interrompe:

- Álvaro, do que é que você está falando?

482. Ele sente que está fazendo papel de bôbo:

- Lembra que ontem você me mandou guardar uma lembrança que te trouxe do Rio de Janeiro?

483. Diante dele Cecília espera o resto:

Álvaro continua:

- Pois ela está na sua janela, esperando...

Cecília se excita, mas se domina:

- Pois eu não vou abrir aquela janela ~~xxxx~~ enquanto o presente estiver lá. Quero que você guarde para você. Uma lembrança minha. É triste.

Álvaro:

~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

- Quando será que ela vai ser alegre?

Cecília baixa os olhos, sorri, maliciosa e ingênua:

- Um dia quem sabe... é doce esperar.

Ela abre a porta e entra.

484. Álvaro olha para a porta fechada, sorri, deliciado com o namoro e sai de quadro. Por trás dele a porta de Isabel está entreaberta e ela olha pela fresta,



escondida. Abre a porta, cruza o corredor e entra no quarto de Cecília.

SEQUENCIA 42 : INT DIA

485. ~~XXXXXX~~ Isabel fecha a porta e se encosta nela.

486. Parada no meio do quarto Cecília olha a janela. Volta-se lentamente para Isabel.

- Você ouviu?

487. Encostada à porta Isabel está perturbada, a respiração em suspenso. Ela faz que sim com a cabeça.

488. À frente dela Cecília cobre a boca com as mãos, pensando no que fazer, olha de novo a janela.

489. A janela fechada.

490. Cecília se decide. Vira-se para a prima:

- Isabel, abra a janela.

Isabel dá um passo e hesita. Depois, decidida ~~ela~~ atravessa o quarto.

491. Isabel abre a janela: vazia, não há nada no parapeito.

492. A janela aberta: do lado de dentro, em primeiro plano Isabel, ao fundo, no centro do quarto, Cecília. Isabel sorri aliviada e deixa escapar:

- Graças a Deus!

Imediatamente tapa a boca com as mãos e vira-se subitamente para Cecília.

493. Cecília franze as sobrancelhas, olha a prima, aproxima-se dela lentamente, começando a entender a paixão da prima.

494. Com as mãos nas faces, corada de vergonha por ter revelado seu segredo Isabel encara Cecília.

495. Cecília olha a prima um instante, entende tudo:

- Isabel...

Isabel entra em campo e chora no ombro de Cecília. Cecília olha à frente pela janela aberta, boca aberta, sem saber o que fazer; ~~carrega~~ num carinho distraído <sup>agrada</sup> o cabelo da prima. Isabel se solta do abraço e sai correndo do quarto.

496. Parada no meio do quarto Cecília está perplexa diante da janela. Geminha alguns passos lentos

apóia o joelho no sofá embaixo da janela.

497. Ela está extremamente confusa, ~~isto~~ acaba de perceber que Isabel ama Álvaro, de repente algo lhe chama a atenção lá fora.

498. Sobre o galho da árvore, em frente à sua janela, aparece Peri, vestido com a túnica branca. Ele acena para ela.

499. Ainda perturbada <sup>ela</sup> responde o aceno num gesto meio perdido.

500. Peri caminha pelo galho até a ponta, pendura-se nela com ~~xxxx~~ ambas as mãos e ~~deixa~~ <sup>pende</sup> o corpo sobre o abismo. Balança-se algumas vezes para tomar impulso e finalmente salta para o parapeito da janela de Cecília. Santa-se ali ao lado dela:

- Peri veio trazer o que Ceci quer.

Cecília surpresa:

- O que eu quero?

Peri:

- O que éle ta deu?

Cecília:

- Éla quem?

Peri:

- ~~xxxxxx~~ Álvaro.

501. Cecília se perturba, vai recuar, mas fica.

502. Peri retira das costas, do cinto, o saquinho de seda que Álvaro tinha posto na janela, e estende-o para Cecília.

- É da Ceci.

Ela se aproxima, pega o presente, olha,

olha para o índio:

- Porque você me chama de Ceci?

503. Peri não responde, olha ao longe.

504. Cecília:

- É um nome da tua língua?

505. Peri:

- É.

506. Cecília:

- Nome de qua?

507. ~~xxxx~~ Peri:

- Peri não diz.

508. Cecília:

- Peri, e Iara pede. O que quer dizer Ceci?

509. Peri se volta para ela:

- Ceci: machucar.

Com um movimento brusco éle sai da campo.

510. Cecília se ~~xxxx~~ debruça na janela:

- Peri.

Segue com o olhar o caminho do índio precipício abaixo. Lembra-se do presente que tem na mão.

511

511. ~~xxx~~ Com dedos nervosos ela desata os cordões, abre o saquinho de seda. Dentro há um estojo de couro vermelho. Ela abre: uma pulseira de pérolas. PAN para close do seu rosto. Ela admira a jóia, sorri, encantada, mas um pensamento lhe ocorre. PAN de

volta para suas mãos. Ela ~~xx~~ fecha o estojo,  
enfia no saquinho e fecha.

512. Decidida ela cruza o quarto e sai.

~~511. xxx~~

SEQUENCIA 43 - INT DIA

513. Sentada na cama, Isabel enxuga os olhos.

514. A porta se abre, Cecília entra e olha para a prima.

515. Isabel olha Cecília.

516. Cecilia olha Isabel, sai de campo.

SEQUENCIA 44 - EXT DIA

517. O corpo da onça no chão. Um dos homens abre a barriga do bucho com uma faca afiada. De cócoras a seu lado D. Antonio acompanha a <sup>o</sup>operação. Aires Gomes chega a seu lado. D. Antonio se põe de pé para ouvir. Aires:

- D. Antonio...

Ele está ofegante, cansado de correr.

D. Antonio:

- Encontrou Peri?

518. Aires:

- Não senhor. ~~xxxxx~~ Encontrei coisa pior.

Ele se volta e aponta, com o braço estendido na direção do outro lado do rio, além da praça. D. Antonio olha.

519. Lá longe, sôbre a floresta um bando de urubus voa em círculos.

520. D. Antonio olha para ela. Aires:

- Um índio morto. No mesmo lugar onde estava o corpo da índia. Mesma tribo, mesmas côres.

D. Antonio:

- Arma de fogo?

Aires:

- Não, senhor. A cabeça está ~~xxxxxx~~ aberta, ferida profunda...

D. Antonio:

- Enterre esse também, Aires.

Aires:

- Ah, D. Antonio, esqueci de dizer. Quando fomos enterrar a índia o corpo tinha sumido.

521. D. Antonio se volta para ela, extremamente perturbado.

- E esse é da mesma tribo?

Aires, off:

- Sim, senhor.

D. Antonio:

- Sabe o que isso quer dizer, Aires?



531. D. Antonio pigarreia, incômodo, x.  
~~Antônio~~ êle fala em guarani: - Peri, acredita que D. Antonio é teu amigo?
532. Peri responde em português:  
 - Guerreiro branco, amigo de Peri, índio.
533. D. Antonio prossegue, em guarani:  
 - Acredita que D. Antonio de Mariz te estima?
534. Peri responde em português:  
 - Acredita porque guerreiro branco mostrou.
535. D. Antonio avança um passo e coloca a mão no ombro de Peri. Em português:  
 - Pois bem, Peri, D. Antonio de Mariz, teu amigo, pede que você volte para tua tribo.
536. Peri reage imediatamente, mas quase não demonstra nada em seu rosto. Êle diz:  
 - Porque pede isso?  
 - Porque é preciso.
537. D. Antonio:  
 538. Peri olha em volta.
539. A CAM PAN pela família reunida. Isabel, Cecília chorando mansamente, Álvaro comovido, Diogo e até D. Lauriana olhando o índio com alguma humanidade, ~~mas~~ a PAN termina sôbre Peri que olha de nôvo para D. Antonio à sua frente: - Peri entende.
540. D. Antonio, abalado, vira as costas para êle, caminha até a mesa, apanha o rôlo de pergaminho e volta a se colocar diante de Peri:  
 - O que eu te devo Peri, não se paga. Mas quero que aceite isto. Você é forte e corajoso, mas se algum dia, na guerra, te prenderem, êste papel te salva a vida e a liberdade, em nome da Iara e de D. Antonio de Mariz.
- ~~539~~ Peri olha o papel, olha para D. Antonio;  
 - Peri mora no mato. Peri caça, Peri come. Peri não usa roupa. Peri ~~tem~~ tem arco, ~~tem~~ tem frecha, tacape. ~~Peri~~ Peri perde, Peri morre. Paper não sarva Peri.

541. D. Antonio se decepciona, olha Peri logamente tentando entender o orgulho e a nobreza do índio.
542. Peri olha em volta, para Cecilia.
543. Cecilia, emocionada, encara Peri com os olhos molhados.
544. Peri olha novamente para D. Antonio:  
- Peri parte.  
Ele caminha até Cecilia, pára diante dela.
545. Cecilia, sentada, olha para cima, para Peri.
546. Peri: - Iara manda Peri embora?
547. Cecilia mal consegue conter as lágrimas. Ela desvia os olhos para ter coragem de dizer:  
- Sim.
548. Peri se decepciona, Recua um passo, olha em volta.
549. Em torno dele a família está em suspenso. A PAN passa de um rosto a outro terminando em D. Antonio, também comovido.
550. No centro do grupo Peri se vira para sair, lentamente. D. Antonio dá um passo:  
- Peri.  
O índio se volta. D. Antonio prossegue:  
- Peri sabe que nós temos um Deus que mora lá em cima, que nós amamos, respeitamos e obedecemos.  
Peri assente com a cabeça. D. Antonio:  
- Esse Deus, Peri, ~~мне не нравится~~ também pode ser teu. E então você seria um cavalheiro, igual aos brancos.
551. Peri se ofende, fica ainda mais ativo e distante: ~~мне не нравится~~:  
- Peri também tem um Deus. Deus de Peri ~~мне не нравится~~ manda ~~мне не нравится~~ ficar com a tribo, com a mãe, com ~~мне не нравится~~ irmãos guerreiros. Peri desobedece para seguir a Iara. Peri não precisa Deus dos brancos. Passarinho sem asa, cai. Peixe sem ~~мне не нравится~~ água-água, morre. Peri sem Deus de Peri, ~~мне не нравится~~ não Peri. Deus da Iara, da Iara. Deus de



lia, curiosa e ansiosa espera a tradução. D. Antonio passa a mão pelo rosto:

- Minha gente, ~~Peri~~ mais uma vez este índio mostrou que é amigo. Os ~~paix~~ parentes da índia aimoré, que Diogo alvejou, assistiram a cena. Isso explica porque o corpo desapareceu. Depois o pai e o irmão dela quiseram matar Cecilia e Isabel no banho. ~~Respondeu o índio dizendo que não queria explicar o que aconteceu aqui e que não podia falar mais nada. Peri disse que não queria saber mais nada e que não queria falar mais nada. Então o índio disse que não queria falar mais nada e que não queria falar mais nada.~~

Uma das flechas caiu perto de você, filha, mas a outra atingiu Peri. Ele matou o pai da índia. Aires encontrou o corpo agora pouco. Mas o irmão fugiu e nós vamos ser atacados pelos aimorés. Temos de ...

566. Peri interrompe:

- Guerreiro branco já sabe tudo, não precisa ~~de~~ Peri. Peri parte.

567. Cecilia se levanta, rápida:

- Peri! Fica. A Iara manda.

ela se volta para o pai, emocionada, suplicando com o olhar.

D. Antonio, perturbado pelas notícias, toma consciência da situação:

- É verdade. ~~Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada. Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada. Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada. Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada.~~ Minha mulher, este homem acaba de salvar, pela segunda vez, a vida de nossa filha. ~~Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada. Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada. Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada. Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada.~~ Acha que podemos enxotar um ~~amigo~~ amigo que sozinho <sup>(inteiro)</sup> nos defende mais que ~~todo~~ um bando de homens?

568. D. Lauriana está convencida e arrependida.

Ela se levanta, acompanhada de Diogo e avança para o índio falando:

- Não, eu também tenho a minha dívida para pagar. Agora sou eu que peço: Peri, fica.

Ela coloca a mão no ombro do índio, olha-o no rosto. ~~Peri não quer ficar aqui e não quer falar mais nada.~~



~~XX~~  
~~XX~~

569. Aires Gomes entra correndo:

- D. Antonio, o índio...

Na porta, êle estaca, sem entender a cena que assiste.

A CAM recua para mostrar todo o grupo reunido em torno do índio. D. Antonio vai até Aires Gomes, passa o braço em seu ombro e o traz para diante de Peri enquanto diz:

- ~~XXXXXXXXXXXX~~ Vem cá, Aires Gomes, ~~XX~~ quero que você aperte ~~X~~ a mão de um amigo.

Aires olha de D. Antonio para o índio sem entender nada. Olha em torno.

A família reunida, aliviada, espera.

Ainda sem entender nada Aires Gomes estende a mão para Peri. Peri ri, aperta a mão de Aires, ~~XX~~  
~~XX~~ ridículo, sem entender nada. A família em torno ri disfarçadamente.  
~~XX~~

570. D. Antonio sorri, assistindo a cena, divertido. Mas sua expressão se transforma, fica pesada e preocupada com a lembrança da guerra.

~~XXXXXXXXXXXX~~

~~XX~~  
~~XX~~

571. D. ~~XXXXXXXX~~ Lauriana sai da sala enquanto os outros se juntam em torno de Peri. Álvaro o abraça, Cecilia e Isabel se aproximam, Diogo passa o braço pelos ombros do índio. Peri sempre sério, simplesmente serve de objeto e se deixa levar para fora da sala. Aires assiste.

D. Antonio o chama:

- Aires...

Aires se volta e acompanha D. Antonio que se dirige à sua mesa dizendo:

- ... vamos ser atacados. Peri descobriu...

SEQUENCIA 46 : IME DIA

572. Pelo corredor seguem Peri, com Diogo ~~X~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~ braço sobre seu ombro, de um lado, Cecilia do outro. Eles passam e saem de campo. Atrás vem Isabel e atrás

dela Álvaro. Ele chama:

- Isabel.

Ela se volta, Álvaro avança, os dois ficam frente a frente na penumbra do corredor. Ela baixa os olhos, envergonhada, ele embaraçado não sabe o que dizer.

- Isabel...

Ela levanta os olhos para ele, baixa os olhos de novo, perturbada, levanta o braço ~~XXXXXX~~ com a pulseira:

- Só agora é que eu entendi... Desculpe, Cecília me enganou e me disse que isto era um presente do pai. Mas se eu soubesse...

Álvaro:

- Que era meu? Não aceitava?

Isabel levanta os olhos, ferosa:

- Nunca!

Ela se perturba, Álvaro insiste:

- Porque?

Ela olha para ele, olha para o bracelete, gira o bracelete no pulso, nervosamente, olhando para baixo. Diante dela Álvaro já desconfia e insiste em voz mais baixa:

- Porque?

Ela levanta os olhos, encara Álvaro ~~in-~~ tensamente e fala de repente:

- Porque eu te amo.

E sai correndo.

Álvaro fica sôzinho a CAM se aproxima até close de seu rosto, boca aberta, perplexo, ele demora para se refazer. As vozes de D. Antonio e Aires Gomes se aproximam, eles vão sair do gabinete. Álvaro desperta e sai, andando rapidamente pelo corredor.

SEQUENCIA 47 - EXT ~~47~~ DIA

573. Álvaro sai da casa, desce as escadas da varanda e caminha em direção da CAM pela praça. Peri surge diante dele:

- Álvaro.

Ele ~~xx~~ estaca diante do índio, ainda se recuperando do choque. Peri:

- Tem uma coisa que Peri não contou.

Álvaro:

- O que?

Peri:

- Vem.

Os dois seguem pela praça na direção

da ponte de madeira, para a floresta.

SEQUENCIA 48 - EXT DIA

574. À beira do rio, Loredano, ~~XXXXXXXX~~

~~XX~~ Rui Soeiro

ro e Bento Simões. Bento ainda apavorado:

Loredano:

- Quem será que foi?

- Seja quem for é um homem que sabe o nosso segredo e pode denunciar.

Bento:

- Um homem?

Loredano:

- É. Um homem, Ou você acha que foi uma sombra?

Bento:

- Uma sombra não, mas um espírito.

Loredano ri, ~~XXXXXX~~

- Os espíritos tem mais o que fazer. Vamos pensar no que...

Bento:

- Não, Loredano, ninguém ~~XXXXXXXXXX~~ podia ouvir o que a gente dizia, nós ~~XXXX~~ experimentamos, ~~você~~ viu. E além disso não tem voz humana que saia da terra.

Loredano:

- Muito bem, então não ouviu, Mas ~~XXXX~~ não era espírito e a esta hora já pode ter denunciado o plano. Nós só temos duas saídas. Ou entramos na casa ou fugimos daqui mesmo.

Bento:

- Eu acho que devemos fugir o quanto antes e andar dia e noite, sem parar.

Loredano se volta para Rui. Rui Soeiro

se senta, calmamente, tira as botas,

enquanto diz:

- Eu não acho. Fugir é se denunciar. Perder. Três homens sòzinhos nesse sertão não vão conseguir escapar.

Loredano se ~~XXXXXX~~ <sup>agacha</sup> ao lado dele. Rui

enfia os pés na água do rio. Loredano:

- O que é que você propõe, então?

Rui:

- O homem que gritou não pode ter ouvido nada. Só desconfia. Eu acho que nós devemos entrar na casa como se nada tivesse acontecido. Se já ~~XXXX~~ descobriram tudo, a gente pode se defender, ninguém tem provas.

Loredano completa:

- E se não descobriram estamos feitos.

Amanhã de noite entramos em ação.

Bento se senta ao lado de Rui, tira as botas êle também.

- E agora?

Loredano olha em volta:

- Vamos esperar. De noite a gente volta, ~~камеэззкэкэззздиэззкэтекэзззкэкэззкэ~~  
~~кэзззкэтекэзззкэкэзззкэтекэзззкэкэззкэ~~  
quando todo mundo estiver dormindo.

Bento, pés dentro d'água tira a camisa:

- E porque não fazemos tudo hoje mesmo?

575. Loredano se encosta a uma árvore:

- Não. Temos de preparar tudo com cuidado, amanhã, o dia inteiro. E de noite...

#### SEQUENCIA 49 - EXT DIA

574

576. Peri caminha rapidamente pelo mato, seguido de Álvaro ainda curioso e surpreso. Êle segura Peri pelo braço:

- Vamos Peri, fala, Já estamos longe da casa.

Peri:

- Não. Vem.

Êles continuam caminhando. Começam a ouvir vozes, risos para os lados do rio. Peri se abaixa e começa a andar escondido por entre os arbustos, Álvaro o imita. Peri pára, olha entre as fôlhas e aponta: Álvaro olha e vê:

577. Por entre as fôlhas, do outro lado do rio, a certa distância, Loredano está ~~xxxx~~ reclinado no tronco de uma árvore, comendo uma fruta silvestre. Rui Soeiro e Bento Simões tomam banho no rio, ouvem-se as suas vozes indistintas que conversam e riem ocasionalmente.

578. Álvaro toca o braço da Peri, vai falar, mas a mão do índio tapa sua boca. Álvaro cai, fazendo ruído.

579. Do outro lado do rio Loredano se levanta, arma na mão, grita: - Quem está aí?  
Na água Rui e Bento olham, paralizados.

580. Peri surge do meio do mato, acena com a mão

para eles.

581. Dentro d'água Bento grita:

- Ha! Está assustado, seu italiano.  
É só o danado do índio.

Loredano volta a se sentar, mas olha desconfiado na direção de Peri.

Rui e Bento voltam a nadar, rindo.

582. Peri caminha um pouco pela beira do rio, depois some entre as fôlhas.

583. Peri ~~XXXXXXXX~~ corre pelo meio do mato e alcança Álvaro que também se afasta, abaixado, escondido, depressa. Peri o detém, sentam-se no chão. Peri arranca a túnica, diz:

- Inimigos brancos.

584. Álvaro olha assustado para Peri. ~~XXXXXXXX~~

585. ~~XXXXXXXX~~ Peri continua:

- Quer ~~XXX~~ roubar a Iara, matar pai, matar Álvaro, todos. ~~XXXXXXXX~~

586. Álvaro:

- Uma revolta?...

587. Peri:

- O primeiro ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ rouba a Iara, foge. Outro mata Álvaro. Outro mata ~~XXX~~ pai de Ceci. Tem mais.

588. Álvaro:

- ~~XXXXXXXX~~ Não é possível.

589. Peri:

- Acredita Peri. ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~

590. Álvaro se levanta, Peri o puxa e faz sentar novamente:

- Vamos falar com D. Antonio.

Peri:

- ~~XXX~~ Não. Peri defende Ceci. Peri mata traidor. Se Peri morre, Álvaro mata.

591. Álvaro encara o índio um momento:

- Ma tar? Não Peri. Um cavalheiro só mata de frente, num duelo, de frente.

592. Peri:

- Não ama Ceci.

593. Álvaro nada diz, chocado.

594. Peri:

- Álvaro ama Ceci, Álvaro mata até irmão...

595. Álvaro:

- Você não entende. A minha honra...

596. Peri se põe de pé diante de Álvaro. Ele ri irônico, desprezando o branco:

- Peri, só, defende a Iara. Não precisa ninguém. É forte.

Ele se vira para sair, Álvaro o puxa pelo braço:

- Eu entendo o que você quer dizer. E prometo. Se Peri morrer ninguém

vai chegar perto de Cecilia. Eu de-  
fendo a Iara, defendo Ceci.

Estendendo a mão num gesto de branco,  
que Peri aceita, eles fazem um pacto.

SEQUÊNCIA 50 - INT NOITE

595. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ O gabinete de  
D. Antonio tem tochas acesas nas pare-  
des. No chão, ~~na~~ o tapete está enrolado  
e um alçapão aberto para um porão. Dele  
sobem Aires Gomes e D. Antonio. Aires  
fecha a porta no chão. D. Antonio bata-  
lhe no ombro:

- Agora vá e ~~procure~~ chame Álvaro e  
Diogo.

Aires:

- Aviso os homens?

D. Antonio:

- Ainda não. Redobre a guarda da noi-  
te, mas deixe as ~~instruções~~ instruções  
para amanhã de manhã.

Aires:

- Sim senhor.

Ele se vira e sai. D. Antonio vai até  
sua mesa, senta-se, coloca os óculos e  
escreve. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

598. A porta: entram Diogo e Álvaro e param  
diante do ~~xx~~ velho. Diogo:

- Chamou pai?

599. D. Antonio olha os dois moços com uma  
expressão grave, triste. Ela se levanta  
dá volta à mesa e pára diante do moços:

- Santem. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Eles sentam, atentos.

*D. Antonio vai até a porta  
e fecha-a.*

Vamos ter guerra para amanhã ou depois.  
Aires já tem tudo planejado e as or-  
dens vão ser passadas amanhã de ma-  
nhã. Mas tenho um ~~XXXXXXXXXXXX~~ outro  
assunto que só posso tratar com vocês.

600. Diogo olha para Álvaro. PAN rápida  
para Álvaro que olha de Diogo para  
D. Antonio, PAN rápida para D. An-  
tonio que continua:

- Tenho sessenta anos. Estou velho.  
Minha vida na terra nova do Brasil  
me remeçou, mas agora eu sinto que  
já não tenho mais o mesmo vigor. A  
guerra me preocupa. Porisso, acho

*prudente*

~~XXXXXXXXXX~~

604. Diogo, emocionado:

fazer o meu testamento.

- Testamento, pai?

609. D. Antonio:

- Isso mesmo, Diogo. A vida pertence a Deus, mas é dever do homem prevenir o futuro. É costume ter tudo escrito e selado por um escrivão, mas agora isso não é possível. E nem necessário, porque posso confiar a minha última vontade aos meus dois filhos.

603. Diogo e Álvaro olham, mudos, esperando.

604. D. Antonio prossegue:

- Não preciso dizer, Diogo, que a minha fortuna te pertence, como chefe da família. Nem de tua mãe que, quando eu morrer precisará do teu apoio.

A CAM recua lentamente à medi-~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ da que ele fala, até enquadrar, num plano de conjunto os dois moços sentados diante do velho, à luz incerta das tochas na parede.

- Mas tenho duas coisas, sagradas, que mesmo depois de morto tenho de conservar, como um tesouro: minha filha Cecília e a nobreza do meu nome.

Ele deixa passar um tempo e prossegue, num tom carregado e solene:

- A você, Diogo, eu confio a herança de meu pai. Sei que você vai honrar o nome de Mariz por uma causa santa e justa.

A você, Álvaro, confio a felicidade da minha Cecília.

605. Álvaro abra a boca. Tem um movimento para dizer algo, mas estaca.

606. O grupo à luz das tochas:

- Creio que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ é essa a vontade de Deus, desde que você chegou em minha casa, ainda criança.

D. Antonio se põe do pé, Diogo e Álvaro também.

607. O rosto do velho se transforma, ele balza a cabeça.

608. Diante dos moços D. Antonio cruza as mãos nas costas e anda em torno da mesa:

- Tenho mais uma coisa a dizer. Mas

é sempre difícil confessar uma falta .

De trás de sua mesa êle se vira e olha os dois moços. Senta-se pesadamente:

- Eu tenho uma filha natural.

Diogo avança um passo:

- Isabel?...

609. D. Antonio olha o filho:

- É. Isabel é minha filha. Eu sou responsável pela infelicidade da mãe dela. Mas quero compensar a minha indiferença. Quero que ~~você~~ ela seja sempre como uma irmã para vocês.

610. Álvaro se perturba, baixa a cabeça.

Olha para Diogo, PAN para Diogo que olha de Álvaro para o pai. Êle vai falar...

611. Mas D. Antonio se levanta, enérgico:

- Meu filho, amanhã, muito cedo você parte para o Rio de Janeiro.

612. Diogo se assusta, avança um passo, apóia a mão na mesa:

- Pai, eu não posso ir. Justamente agora que estamos em perigo...

D; Antonio:

Justamente agora que estamos em perigo é a hora que eu mais preciso do meu filho e herdeiro. Não é uma espada a mais que vai ganhar a guerra. Começamos agora a correr contra o tempo. Cada hora, cada minuto é precioso. Você vai sair logo cedo, acompanhado de alguns homens.

Álvaro também se aproxima da mesa, interessado no novo assunto: a guerra.

- No caminho pede para Mestre Nunes que venha com ~~os~~ reforços. O quanto êle puder arranjar. Depois, ~~mandar~~ no Rio de Janeiro você entrega esta carta ao governador da capitania, Martin de Sá. Êle vai me mandar mais homens.

Álvaro, interessado:

- Quanto tempo o senhor acha que podemos resistir?

D. Antonio:

- Temos quarenta homens e bastante munição. Tudo depende da força dos





*(confiando n'ele)*  
o cano da arma ~~uma~~ uma escova comprida,  
perturbado pela dúvida ao som da canção  
de Cecília.

## SEQUENCIA 54 - INT NOITE

617. Em seu quarto Isabel, encostada à janela olha a noite, olhos tristes, chorosos, girando no braço o bracelete, ao som da canção de Cecília.

## SEQUÊNCIA 55 - INT NOITE

618. Através da ~~janela~~ porta que dá para o jardim, por trás da cortina fina, Cecí-  
lia, sentada em seu quarto, canta a <sup>sua</sup> ~~canção~~ canção tocando ~~o~~ violão.

## SEQUÊNCIA 56 - EXT NOITE

619- Sentadas à porta da cozinha Leda e Marti-  
na jogam um jogo de pedrinhas com dois dos  
mais jovens do bando, ao som da canção de  
Cecília.

Aires Gomes passa, acompanhado de quatro  
homens. Ele entra para a cozinha, os ho-  
mens seguem seu caminho, de armas nas cos-  
tas, olhando as mulheres. Leda levanta a  
cabeça para olhar, um deles atira um beijo,  
as duas riem.

## SEQUÊNCIA 57 - EXT NOITE

620. Os quatro homens cruzam a praça. Um deles  
assobia acompanhando a canção de Cecília.  
Eles se colocam nos postos de sentinelas:  
dois na cabeça da ponte, dois mais afasta-  
dos, um de cada lado da praça. A CAM prosse-  
gue o TRAV ~~xxxk~~ até uma árvore do outro la-  
do do rio. A zoom fecha sobre um galho, sô-  
bre o qual, sentado, pernas estendidas, en-  
costado ao tronco Peri vela, ouvindo a can-  
ção de Cecília.

A canção termina, ficam os ruídos da noite.

62222222222222

SEQUENCIA 58 - EXT NOITE

621. No escuro iluminado apenas pela lua, ao som dos grilos, Loredano, Rui Soeiro e Bento Simões correm agachados pelo meio do mato. Loredano faz um sinal, eles param. A CAM sobe para uma árvore: escondido entre os galhos Peri assiste.

622. Loredano se levanta ~~xxxxxxxxxxxx~~ surgindo entre o mato, caminha para a ponte, PAN acompanha. Do outro lado as sentinelas se põe em guarda:

- Quem vem lá?

Loredano levanta o braço já caminhando na ponte:

- Sonno io qu'arrivo.

Ele caminha até as sentinelas e fica ali conversando em voz baixa, Rui e Bento caminham sôbre a ponte e se juntam a eles.

623. Do alto da árvore Peri assiste, arco e flecha na mão.

624. Loredano, Rui e Bento se despedem das sentinelas e ~~xxxxxxxxxxxx~~ caminham pela praça deserta em direção ao barracão, a PAN segue os homens, passa pela casa já adormecida, janelas apagadas e sobe para o céu. A luz cheia brilha.

ESCURECIMENTO

SEQUENCIA ~~xx~~ 59 - ~~EXT INT~~ EXT INT DIA

625. O céu escuro lentamente se ilumina de cores brilhantes, sol surge. Amanhece. A CAM desce para mostrar a casa ao fundo da praça deserta. Um galo canta. ~~xxxxxx~~

626. Aires Gomes sai da porta da cozinha, despenteado, arrumando o cabelo, caminha até a entrada do barracão dos homens. Toca o sino da entrada, ~~xxxxxxxx~~ entra e caminha entre os homens que despertam em seus catres, rédes e esteiras, dizendo:

- O sr. D. Antonio da Mariz faz saber a sua vontade e ordem para o dia de hoje: Que ninguém se afaste da casa por nenhuma razão, sem ordem expressa. Quem o contrário fizer que pereça morte natural.

637. A um canto Rui e Bento sentados em rédes lado a lado, despenteados, se apavoram, trocam um olhar, pensando que foram descobertos. Rui se levanta para falar, mas uma voz o interrompe

638. Loredano, já vestido, como quem não dormiu se aproxima de Aires Gomes, por trás:

- Qual a razão dessa ordem?

Aires Gomes se volta lentamente surpreso pelo questionamento de uma ordem:

- As ordens são para cumprir, não para discutir.

Rui se aproxima dele também:

- O que eu e os nossos companheiros não entendemos...

Aires bate palmas:

- Atenção, todos. A postos.

Olha para Rui e Bento, que se aproximou também, ainda sonolentos, aponta os dois:

- Vocês dois, Rui e Bento, fazem a guarda na parte da manhã. Vamos.

639. Aires, sentindo-se importante, cruza as mãos nas costas, levanta a cabeça e sai caminhando militarmente ~~para~~  
~~para a frente, seguido de Rui e Bento, atravessando a fila de homens que se levanta, protestando.~~  
~~Na saída cruzam com Álvaro que entra e se coloca no meio dos homens. Olha em volta, ouvindo os protestos:~~

- Todos vocês conhecem D. Antonio e sabem que ele não ia dar uma ordem sem razão. Estamos ameaçados de sofrer um ataque dos índios, a qualquer momento. Precisamos preparar a defesa.

Ele olha em volta. Os homens param de resmungar e começam a arrumar as camas e rédes. Alguns começam a sair. Álvaro:

- Diogo vai para o Rio de Janeiro agora de manhã. Para trazer reforços. Preciso de quatro voluntários para a viagem. É uma missão perigosa.

Ele espera, olha em volta. Dois dos homens se entreolham e avançam até ele:  
Álvaro:

- Muito bem, Vicente e Geraldo.

Um outro, muito jovem, vem correndo entre as rêdes. Pára ao lado dêles e ri, olhando para os homens mais velhos:  
Álvaro:

- Muito bem, Viriato.

630. Álvaro olha em volta, esperando que mais um se manifeste. Tem uma idéia de repente, vira-se e diz:

- Loredano.

631. Loredano está de costas, dobrando sua rêde. Pára, vira-se:  
~~Álvaro:~~

~~Álvaro:~~

632. Álvaro, meio sorrindo, maldoso:

- Você será o quarto homem.

Ele se vira e sai rapidamente.

633. Loredano mal tem tempo de se refazer da surpresa. Atira a rêde no chão, com raiva. Olha em volta, pensa rápido e sai, quase correndo.

SEQUENCIA 60 - EXT DIA

634. Loredano desce a praça correndo, chega até Rui e Banto que estão de sentinela.  
Loredano:

- Recabi ordem de viajar com Diogo. Vamos partir agora. Mas isso não impede nada. Escutem bem...

~~Álvaro:~~  
~~Álvaro:~~

SEQUENCIA 61 - EXT DIA

635. Na varanda da casa, D. Antonio abraça Diogo, comovido. Álvaro abraça Diogo.

636. D. Lauriana surge na porta, correndo, vestida, mas despeteada, ela estaca



quantidade de varas, amarradas juntas num feixe, coloca o volume na cabeça e caminha rapidamente.

SEQUENCIA 64 - EXT DIA

641. A praça diante da casa. Álvaro lidera um grupo de homens que coloca painéis de esteiras grossas circundando a praça numa espécie de frágil muralha em torno do rio. Peri passa com seu feixe de varas, coloca-o no chão. Álvaro o vê e caminha até ele.
642. ~~xxx~~ Peri: - Traidor partiu. Porque?  
 Álvaro: - Achei melhor mandar Loredano para o Rio com Diogo. Assim não tem perigo de acontecer nada.  
 Peri: - Álvaro não acredita ~~xxx~~ Peri. Os outros ficaram. Traidor volta.
643. Álvaro: - Não, não volta. Ele recebeu ordens, tem de obedecer. Além disso, é muito longe para...
644. Peri: - Traidor volta.  
 Ele olha um instante para Álvaro, recoloca o feixe na cabeça e sai de quadro.
645. Álvaro acompanha-o com o olhar, sacode a cabeça, sem acreditar inteiramente na desconfiança de Peri e volta para o lado dos homens que trabalham.

SEQUENCIA 65 - INT DIA

646. Na penumbra do porão sob seu gabinete, D. Antonio e Aires passam para os homens enfileirados alguns arcabúzes. Outros spanham pequenos barris de pólvora que colocam sobre os ombros. D. Antonio curva o corpo para trás, cansado, ~~xxxxx~~ e sobe as escadas.
647. Ele sai para seu gabinete e caminha para a porta cruzando com os homens que entram e saem. E sai.
648. Peri entra na sala <sup>grande</sup> com seu feixe de varas. D. Antonio entra em campo e chama-o:  
 - Peri.  
 O índio espera, D. Antonio coloca o braço

sôbre seu ombro e leva-o para o corredor.

649. O quarto de Diogo. Peri e D. Antonio entram.  
D. Antonio, em guarani:

- Vamos precisar de você Peri. Mas não tenho coragem de pedir que você lute contra a sua própria raça. Nós...

650. Peri reage orgulhosamente, em guarani:

- Peri, goitacá. Aimoré-branco inimigos de uma guerra só. Aimoré-goitacá inimigos de muitas guerras. Peri combate aimoré, Peri defende Ceci. Guerreiro branco forte, luta sozinho.

651. D. Antonio fica ao mesmo tempo chocado e fascinado pela posição do índio. Gosta de sua força e dignidade:

- Este quarto era de Diogo. Quero que você fique com ele para você.

652. Peri olha em volta, caminha examinando tudo, observado por D. Antonio. Responde em português também:

- Peri fica.

#### SEQUENCIA 66 - EXT DIA

653. Três dos aventureiros mais jovens saem do barracão empurrando carrinhos de mão cheios de bolas de metal que servem de balas de canhão. Correm, rindo e brincando, apostando corrida, alheios à sensação de perigo iminente. Chegam à frente da casa: os homens, orientados por Aires Gomes, colocam, com grande esforço, dois velhos canhões, um de cada lado da escada. Os meninos chegam e começam a descarregar as bolas, formando uma pirâmide. Aires se dirige a dois dos homens:

- Martin, Runo, vão render as sentinelas. Rui e Banto já estão lá desde manhã.

Os dois homens se afastam. D. Antonio passa pelos ~~canhões~~ <sup>canhões</sup> e atravessa a praça, até os homens que constroem a muralha, ~~até os homens que constroem a muralha~~

654. D. Antonio bate nas costas de Álvaro.  
O moço se vira. D. Antonio:

- Como vai indo?



- Álvaro; - Quase pronto, senhor.
- D. Antonio: - Muito bem. Vou para meu gabinete, me encontre lá quando terminar.
- Álvaro: - D. Antonio...
- D. Antonio olha e espera.
- Álvaro continua: - Peri esteve com o senhor?
- D. Antonio ri: - Esteve. Esse índio é ~~xx~~ incrível. É um ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ fidalgo em pele de selvagem. Está no quarto de Diogo, mas acho que vai preferir dormir nos matos.
655. Álvaro sorri, hesita, acha melhor não contar de seu segredo com Peri.
- D. Antonio, off: - Porque? Ele queria falar comigo?
- Álvaro: - Ahn? Não, não, só perguntei para saber onde ele estava.
656. D. Antonio sobe de volta a praça, Álvaro retorna ao trabalho, preocupado.

SEQUENCIA 67 - INT DIA

657. ~~xx~~  
~~xx~~  
~~xx~~  
 Leonor Vaz e Ana Dias arrumam linguças e quartos de caça dependurados de uma vara sôbre o fumeiro. Leda Miranda empilha ovos sôbre uma mesa. ~~xxxx~~ Martina entra correndo, gritando assustada:

- O índio, o índio...

Leonor Vaz sai correndo, seguida de Ana e Leda.

~~xxxxxxxx~~

SEQUENCIA 68 - EXT DIA

658. As três saem, agitadas na porta da cozinha e olhas.
659. Dentro do galinheiro, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ há uma grande agitação. Peri persegue uma galinha, agarra-a pela perna e começa a arrancar as penas do rabo. Sente que é observado, levanta a cabeça e ri. Levanta a mão, mostrando as penas.
660. Na porta as três mulheres assustadas. Leonor Vaz ri, dá palmadas na coxa e entra. As outras a seguem, *rindo e assustadas.*

SEQUENCIA 69 - INT DIA

661. Cecília e Isabel cruzam a sala com trouxas de roupas xxx nos braços. Álvaro entra de repente e pára, ao ver as moças. Cecília reage prontamente. Cumprimenta:

- Boa tarde, Álvaro.

Sem que Isabel possa pensar duas vêzes Cecília tira o volume das suas mãos e se afasta pelo corredor. Isabel fica paralizada diante de Álvaro paralizado. Ela baixa os olhos. Álvaro vai continuar seu caminho, ela chama:

- Álvaro...

Ela pára, olha para ela. Isabel:

- Eu ontem esqueci de te devolver uma coisa...

662. Álvaro:

- Ainda esse malfadado bracelete?

663. Isabel levanta a cabeça vivamente:

- É, esse malfadado bracelete que me fez confessar um segredo.

Ela retirax a pulseira, estende-a para Álvaro.

- Ele é seu.

664. Álvaro se perturba por ter sido rude.

Olha Isabel, se enternece:

- Pois se é meu, eu te dou de presente.

665. Isabel cora, mas não baixa os olhos, apaixonada, baixa a mão, apertando as párolas entre os dedos. Ao mesmo tempo os dois, envergonhados, se afastam um para cada lado.

SEQUENCIA 70 - INT DIA

666. Rui Boalro e Bento Simões estão deitados em suas rédes, descansando. Alguns homens saem do barracão, conversando. Sòzinhos eles se entreolham. Rui:

- Falou com os homens?

Bento:

- Falei. Eles vão esperar as ordens durante a noite. Mas alguns estão com medo. ~~xxxxxxx~~ Acha que os índios podem atacar de repente.

Rui:

- Os índios sempre atacam de repente. O que me preocupa é como escapar daqui depois de tudo feito.

Bento:

- Não sei. Às vezes fico pensando. Da pena deixar o velho depois de quatro anos...

Rui:

- Como diz o italiano: "non pensi tanto que ti crola la testa". Ele sabe o que faz. Em um mês a gente pode estar rico.

Bento, desconfiado, entorta a boca e descansa na rede.

SEQUENCIA 71 - INT DIA

6 67. D. Antonio, Aires Gomes e Álvaro num conselho de guerra, no gabinete:  
D. Antonio:

- Temos as duas colubrinas na frente da casa e a paliçada em torno do pátio. Aires, você orienta os homens para não ~~sair~~ sair das esteiras, porque se os índios conseguem atravessar o rio, entram no pátio com a maior facilidade.

Aires:

- Mas não podemos colocar todos os homens nas esteiras. Sempre tem o perigo delas atacarem também pela porta de trás.

Álvaro:

- O melhor seria deixar todos os atiradores nas esteiras. Quantos arcabuzes nós temos?

D. Antonio:

- Quinze com os homens e mais uns quatro ou cinco para nós.

Álvaro:

- Então. Esses homens perto do muro, das esteiras. Os outros podem ficar mais para dentro.

Aires:

- Precisamos de três homens para cada canhão.

Álvaro:

- Quantos homens, ao todo? *mais os que*

D. Antonio:

- ~~Quarenta e seis~~ do nosso bando, ~~quarenta e seis~~  
*Trinta e seis*

668. Ana Dias surge na porta:

D. Antonio:

Ana Dias:

D. Antonio:

Aires sai acompanhando Ana Dias.

D. Antonio:

- Com licença. Chegaram alguns homens que moram rio abaixo.

- Quantos são?

- Seis, senhor. Trouxeram as famílias.

- Aires, cuide de acomodar essa gente.

- Muito bem, Álvaro. Com mais êsses são quarenta e dois. E acredito que ~~Maria~~ Diogo já deve ter avisado Mestre Nunes. Ela deve chegar ainda hoje.

SEQUENCIA 72 - INT NOITE

669. A cozinha cheia de ruídos e agitação: em torno da mesa as famílias <sup>novas</sup> reunidas, comem os pratos que Leonor Vaz, Martina e Leda servem. D. Lauriana conversa com uma das mulheres, muito velha. Cecília carrega um bebê, brincando com Isabel. A um canto da mesa, Aires Gomes conversa com um dos homens. O homem:

- Foi meu filho João que viu o índio primeiro. Passou no mato, perto da casa. Corremos pros vizinhos, coisa de légua e meia. Os danados já tinham estado lá também, fizeram um estrago com a casa ~~deles~~ daquele ali, Tomás Canjeiro, mataram rês e tudo. Então concertamos todos juntos e resolvemos vir pedir guarida. Olha aí, o senhor pode ver, estamos fortes, bem disposto, até as mulher pode ajudar.

670. Crispim e Silvestre surgem ao lado da mesa. Crispim:

-Mandou chamar, pai?

Ana Dias chega, agrada o cabelo de um deles. Aires diz:

- Filho, vamos precisar de todo mundo. Fiquem vocês dois com o mesqueto e aguardem as ordens. Agora vão render as sentinelas. Vocês ficam no primeiro quarto da ponte, até a hora da instrução.

Os dois se afastam, sorridentes, examinando a arma.

671. Ana Dias olha um momento os filhos se afastarem:

- Aires, não acha que os meninos ainda são muito novos? A vigia é perigosa, de responsabilidade.

672. Aires:

- Não, mulher, eles já estão de idade, não é só brincadeira com Diogo, não? Vamos aproveitar ~~isso~~ para botar os dois no batente agora.

673. Ana Dias não disfarça a sua aflição.

Faz o sinal da cruz e ~~se~~ afasta para atender uma das mulheres que está grávida.

674. Crispim entra correndo de nôvo:

- Pai, chegou Mestre Nunes com mais cinco homens. Diogo já seguiu para o Rio de Janeiro!

Aires Gomes se levanta e sai com o filho pela porta da cozinha.

#### SEQUENCIA 73 - EXT NOITE

675. Diante da casa Mestre Nunes e seus companheiros. Um dos homens do grupo de D. Antonio se afasta com os cavalos. Mestre Nunes está cumprimentando D. Antonio: ~~o outro~~  
~~o outro~~

- Mas há quanto tempo, D. Antonio. Nunca mais que o senhor tem ido para os nossos lados.

D. Antonio conduz o homem ~~XXXX~~ em torno da casa para os fundos. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~ D. Antonio:

- A idade, Mestre Nunes, a idade. Mas me diga de Diogo. Ele chegou bem?

Mestre Nunes:

- Num correria danada. Trocaram os animais para seguir viagem, já devem estar longe.

D. Antonio:

- O senhor veio depressa.

Mestre Nunes:

- Eles cruzaram com muitos índios no caminho. Tudo alorés, dos piores, escondidos pelos matos, vindo para cá. Então, me apurei, reuni estes homens



- Coragem e disciplina é o ~~arcano elemento~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~está~~ ~~no~~ ~~cerne~~ ~~da~~ ~~ação~~ ~~principal~~. ~~De~~ ~~mais~~, só ~~po-~~ ~~dem~~ ~~entregar~~ ~~nas~~ ~~mãos~~ ~~de~~ ~~Deus~~.

Ele se volta e segue na direção da porta acompanhado de Álvaro e Aires. Embaixo, na praça os homens se dispersam, conversando alto. Seis deles se destacam e atravessam a praça na direção dos seus postos.

SEQUENCIA 75 - INT NOITE

- 6 79, No quarto de Diogo, espalhados pelo chão os objetos e utensílios de Peri que a CAM mostra numa PAN, em close: uma grande quantidade de flechas já emplumadas e apontadas ao lado de muitas varas ainda não preparadas, cordéis de ~~XXXXXX~~ amarração, ossos pontudos, faca, uma cabaça de tinta preta, uma de tinta vermelha. A mão dele entra em campo, molha os dedos na tinta vermelha. A PAN acompanha seu gesto sempre em close. Ele acaba de pintar o rosto de vermelho. Apanha tinta preta com a ponta do dedo e pinta com ela alguns desenhos no rosto, no peito e nas coxas.
- 680. Seu arco encostado à parede: Peri entra em campo já preparado para a guerra, carregando uma grande quantidade de flechas, apanha o arco e caminha para a janela. Volta, apaga o lampião pendurado do teto e sai, recortando sua silhueta contra a luz da lua, que entra pela janela.

SEQUENCIA 76 - EXT INT NOITE

- 681. Peri caminha pelas sombras até a entrada do barracão dos aventureiros. ~~XXXXXXXXXXXX~~ Um homem de sentinela caminha de um lado para o outro. Peri espera que ele se volte e corre para dentro do barracão. ~~XXXXXXXXXXXX~~
- 682. Dentro, tudo está escuro, ouve-se o rasso- nar de alguns.
- 683. Oculto na sombra por causa da pintura do cor- po, Peri fixa os olhos, abaixa-se e vê, bem próximo dos seus pés, um homem que dorme.

684. Com a mão leve, cuidadoso, êle toca a ~~XXXXXX~~ lâmina de um punhal, desliza a mão por ela e descobre que o homem está segurando o punhal, pronto para entrar em ação. O homem se ~~XXXXXX~~ mexe, pergunta, muito baixo:

- É você, Rui?

685. Peri ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ se afasta, some na sombra, só se vê o brilho dos olhos. Êle sussurra, muito baixo:

- Sim.

O homem deitado:

- Já é hora ?

Peri:

- Não.

O homem deitado:

- Os homens estão prontos. Os outros dormem.

686. Passa-se um momento em silêncio. O homem se acomoda melhor. Da sombra o vulto de Peri sai, recortando-se contra a abertura da porta, contra a luz da lua.

687. Peri sai da porta e dá dois passos.

Uma voz interrompe:

- Alto! Quem está aí?

688. É o vigia que se aproxima, Peri racua e se esconde na sombra que o telhado projeta na parede. O vigia se aproxima e ao chegar diante de Peri êle vê: é Bento Simões.

689. Peri sai da sombra e surge à luz da lua.

690. Bento se assusta, mas antes que possa fazer qualquer coisa as mãos de Peri se juntam em volta de seu pescoço, ~~XXXXXX~~

691 ~~690~~ Silenciosamente Peri estrangula Bento Simões. Êle se contorce, sem soltar um som e finalmente pára. Peri solta o corpo no ~~XXXXXX~~ chão com cuidado e sai correndo.

#### SEQUENCIA 75 - EXT NOITE

692 ~~700~~ Crispim e Silvestre são os vigias da ponte de madeira. À luz da lua êles estão sentados no chão, um encostado no outro, o mosquetão caído no colo de Silvestre. Os dois dormem, profundamente. Um par de pernas entra em campo e pára diante dêles, observando. Um riso entredentes. As pernas prosseguem caminho, passando calmamente por êles, entrando



na praça. Mas, ao primeiro passo, uma mão entra em campo e puxa o ~~xuxu~~ dono das pernas para o chão.

693. Encostado à esteira, a dois passos de Silvestre e Crispim está Rui Soeiro. Foi ele quem puxou a perna do homem, que ~~cai~~ a seu lado, entrando em campo: Loredano.

Passado o susto, os dois olham para os lados. Loredano não perde tempo, sussurra:

- Quantos são?

Rui:

- Os nossos? Vinta ao todo.

Loredano:

- Bem. A senha?

Rui:

- Prata.

Loredano:

- O fogo?

Rui:

- Pronto.

Loredano:

- Onde?

Rui:

- Nos quatro cantos.

Loredano:

- Quantos sobram?

Rui:

- Só dois.

Loredano:

- Nós.

Loredano olha em volta. Diz: - Venha comigo.

694. A praça vazia, só se vê os vultos dos homens encolhidos na sombra do muro de esteiras. Loredano e ~~xxxx~~<sup>Rui</sup>, dois vultos escuros, atravessam a praça, rapidamente. A casa já está escura, todas as janelas apagadas.

#### SEQUENCIA 76 - ~~XXXXXXXX~~ INT NOITE

695. Na cozinha vazia e deserta, Aires e Mestre Nunes tomam uma caneca de vinho sentados à mesa:

Mestre Nunes:

- Diga lá, Aires Gomes, vosmecê conhece bem esse tal de Loredano que foi acompanhando Diogo?

Aires:

- Pois se conheço. Ele é dos nossos.

Mestre Nunes:

- Quero saber se vosmecê conhece mesmo. Sabe de onde veio, quem era, o que fazia?...

Aires:

- Ah, isso não. O senhor sabe como é D. Antonio: fazer o bem sem ver a quem. Nunca se perguntou nada para ele. Chegou e ficou. Entrou para o bando...

- 696 ~~700~~. Nunes:  
 Ele toma um gole, pensativo:  
 - Sei, sei. ~~Muito~~ D. Antonio contou...  
~~Se os seus filhos fossem como os seus, não~~  
~~respeitavam os pais. Quando foi que~~  
 ele ~~viu~~ veio para cá?
- 697 ~~700~~. Aires pensa um instante:  
 - Foi por esta época, há mais ou me-  
 nos um ano, última vez que eu fui  
 ao Rio de ...
- 698 ~~700~~. Mestre Nunes interrompe:  
 Aires, off:  
 Mestre Nunes:  
 - Mas será possível? Tem certeza, Ai-  
 res?  
 - Certeza absoluta, homem, pois se  
 eu estou dizendo que foi da...  
 - Então esse homem é o filho do cão,  
 um danado. ~~que não se pode esquecer~~
699. Aires Gomes estranha a perturbação  
 do amigo:  
 - Pois conte, Mestre Nunes, conte. ~~o~~  
~~que me conta de mais sobre o~~
700. Mestre Nunes se volta para êle:  
 - Loredano... Humph. Há um ano atrás  
 um homem sofreu um acidente lá na hos-  
~~pedaria~~ pedaria, na Novo Mundo. Era um  
 tal de Fernão Aines que <sup>ta para a</sup> ~~vinhada~~ Bahia,  
<sup>estava</sup> de passagem. ~~em esse tempo~~, Um frade  
 carmelita <sup>que</sup> estava lá, morando com a  
 gente, ~~ele~~ socorreu o homem no últi-  
 mo momento e desapareceu em seguida.  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Foi uma coisa  
 misteriosa, mas no meio da tempestade,  
 com o homem morto no quarto, não li-  
 guei muita importância. Uns tempos de-  
 pois, <sup>mandaram</sup> outro frade, ~~que se foi~~  
 para continuar a catequese na aldeia.  
 Perguntei pelo outro e êle contou que  
 haviam recebido uma carta no convento,  
 dizendo que o primeiro, o Frei Angelo  
 de Luca, tinha morrido martirizado pe-  
 los índios.
701. Aires, apreciando a história, toma  
 mais um gole de vinho:  
 - E então? Que é que isso tem a ver  
 com o nosso Loredano?
702. Mestre Nunes, que acredita ter sido  
 claro, se irrita, furioso:  
 - Pois esse Frei Angelo de Luca é o



Rui:

- Banto está a postos?

Loredano:

- Pronto.

- Segura a prancha e espera. Quando eu sair você ~~XXXXXXXXXX~~ vai e passa a senha. Tem de ser rápido.

Agora, pisa na tábua e cuidado. A minha vida fica nas tuas mãos.

Os dois se colocam em posição. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

~~XX~~

707. Loredano caminha pela prancha, se equilibrando.
708. Rui Soeiro sustenta com o peso do corpo a tábua em cima do abismo. Um pensamento de traição lhe cruza a mente. Ele fecha os olhos com força, suando.
709. Loredano se equilibra na prancha já quase na janela.
710. ~~XXXXXXXXXX~~ Close de Rui, olhos fechados, suando, rápida PAN para seus pés sobre a prancha. Ele hesita, levanta ligeiramente um pé, mas volta-o para o lugar. Finalmente salta de lado e a tábua escapa <sup>YCAL</sup> rápida PAN de volta para seu rosto, ele abre os olhos assustado.
711. Loredano já está no parapeito da janela, olhando a tábua que cai, com algum ruído. Ele ri, entra pela janela já aberta e some dentro do quarto.
712. Rui Soeiro limpa o suor do rosto. Um pio de coruja, éla volta o rosto para olhar. De repente um flecha ~~XXXXXX~~ crava-se em sua boca, atirando-o contra a parede. ~~XX~~  
~~XX~~  
~~XX~~  
~~XX~~
713. Ele se contorce, tenta segurar a flecha, mas antes que sua mão chegue a ela Rui morre, seu corpo ~~se~~ relaxa, mas ~~ela~~ não cai, está pregado na parede. Rápida PAN para a árvore do outro lado do precipício. Sobre o galho grande, Peri, em guarda, prepara novo tiro, na mesma direção.

SEQUENCIA 78 - INT NOITE

714. Dentro do quarto de Cecília, iluminado pela luz

da lua e por uma lamparina de óleo acesa ao lado da cama, Loredano se movimenta rapidamente. Chega ao lado do leito e se curva para olhar. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

716. Cecília está dormindo, muito bonita, a camisola entreaberta mostrando os seios muito jovens.
716. Loredano olha um instante, narinas dilatadas, olhos cúpidos, êle avança as mãos para carregá-la.
717. Sua mão que vai tocar Cecília. De repente uma flecha zunindo se crava em sua mão.
718. Êle é atirado contra a parede, <sup>a mão presada</sup> solta um gemido surdo e contrai o corpo. Imediatamente outra flecha atinge ~~XXXXXXXXXX~~ exatamente o lugar onde estava sua cabeça. Cecília se mexe. Loredano grunhe de dor, arranca a flecha com a mão livre, com a boca, aperta a mão em baixo do braço e sai correndo pela porta do jardim. A CAM acompanha-o numa PAN.
719. Na janela, recortado contra a luz da lua, Peri se balança no galho da árvore e salta para o parapeito, silenciosamente entra no quarto.
720. Chega ao lado da cama, olha Cecília dormindo, os seios quase à mostra. Êle olha em torno, limpa o sangue da parede, caminha silenciosamente até a porta, fecha-a.  
~~XXXXXXXXXXXX~~
- 721 Atravessa o quarto silenciosamente e sai pela porta que dá para o interior da casa.

SEQUENCIA 79.- INT NOITE

722. No corredor deserto êle caminha no escuro. Para diante de uma porta, abre e entra.
723. Na cama alguém dorme, coberto, de costas:  
 Peri ~~XXXXXXXX~~ off:  
 - Álvaro.  
 Imediatamente o vulto se põe sentado:  
 Álvaro: - Peri?  
 724. Quase invisível no escuro, por causa da pintura, Peri diz:

- Vem.

725. Peri abre a porta e sai.  
726. No corredor escuro Peri corre.

SEQUENCIA 80 - INT NOITE

727. Na porta do gabinete Peri pára e olha.
728. ~~xxxxxxx~~ Dentro D. Antonio está dormindo, vestido, no banco sob a janela. Peri entra em campo e pára a seu lado, toca-o no ombro. O velho acorda, volta-se e se põe sentado rapidamente:  
- Peri...
729. Na porta surge Álvaro, arranjando a camisa dentro das calças, despenteado, de arma na mão.
730. Peri volta-se para êle:  
- Traidor vortou.
731. Álvaro caminha para Peri, lívido.  
D. Antonio se põe de pé entre êles:  
- O que é que está acontecendo?  
Ruído de passos na porta, todos se voltam.
732. Aires Gomes chega, apressado, olha de um para outro e chega-se ao grupo reunido no centro da sala. Pela janela, amanhece.

SEQUENCIA 81 - EXT AMANH ECER

733. Loredano, a mão escondida debaixo do braço, sangrando, corre pelo lado da casa em direção aos fundos.
734. Diante do barracão ~~xxx~~ os homens reunidos, tochas acesas, examinando algo no chão. Loredano chega e estaca, paralizado, decepcionado. Caminha lentamente até o grupo,
735. Loredano abre caminho entre os homens e chega até o centro do grupo, olha para baixo
736. No chão Bento Simões está morto, retorcido, olhos esbugalhados, língua roxa, pra fora.
737. Os homens resmungam comentários, mais perdidos. Loredano olha em volta, examina os homens. Anima-se, coloca-se no centro do grupo:

- Sabem o que isso quer dizer? Que temos um assassino entre nós.

Os homens em torno se agitam. Ele continua:

- Olhem, olhem bem a primeira vítima. E olhem a segunda também.

Ele levanta no ar a mão furada, ensanguentada. Os homens reagem:

- E a terceira que já deve ter morrido a esta hora... Onde está Rui Soeiro?

Maiores reações dos homens:

- E depois dele outro e outro até que todos os cristãos tenham morrido, um por um.

Martim Vaz:

- E quem será o assassino, quem?

738. Agitado, suando, fora de si, Loredano prossegue:

- E não é fácil de adivinhar, por Dio? Nesta casa só tem uma pessoa que pode querer a morte dos brancos.

739. Martim Vaz:

- Peri!...

740. Loredano:

- Esse índio vai matar todos, um por um, para se vingar dos inimigos da raça.

Os homens protestam:

- Ah, não vai, não.

- Deixe por minha conta.

- E tem de ser esta noite.

- O corpo de Bento Simões pede justiça.

- ~~XXXXXXXXXXXX~~ Temos de achar esse selvagem. ~~XXX~~

Martim Vaz:

- Agora mesmo. Vamos.

741. Loredano se agita no meio do grupo agitado, sacode as mãos no ar:

- Aspetati, aspetati. Não podemos matar o índio.

742. Os homens todos se paralizam, olham para ele.

743. Loredano continua:

- Ele é o protegido da família.

Martim Vaz, off:

- Mas é assassino.

Loredano:

- Homens:
744. ~~Entram~~ Martim Vaz:
746. Loredano:
746. Martim Vaz:
747. O grupo ruidoso se abre. D. Antonio surge entre êles empurrando os homens, abrindo caminho. Êle pára diante de Loredano e Martim Vaz:
- Um silêncio pesado cai sôbre os homens. D. Antonio olha em volta, detém o olhar sôbre Loredano. D. Antonio:
748. Loredano se anima e fala:
749. Os homens se agitam em tôrno:
- Na rtia Vaz:
750. D. Antonio avança um passo, furioso:
- ~~Nos~~ D. Antonio não vai acreditar. Êle prefere o selvagem. ~~Nós~~  
 Nós é que arriscamos a vida, mas o índio é que vai ser protegido.
- É isso mesmo.
- Isso não está certo.
- D. Antonio que dê contas...
- Vamos pedir a D. Antonio que entregue o assassino de Bento Simões.
- Justo! E se êle não quiser, estamos desligados do nosso juramento e podemos fazer giustizia com nossas próprias mãos.
- Eu vou falar com êle.
- Não precisa ir. Eu vim. Digam logo o que querem.
- E então? O que está acontecendo? Se é uma revolta, eu estou pronto a castigar os culpados.
- Aqui ninguém é culpado. Aqui só tem homens que são tratados ~~como~~ comme cani, ~~sujeitos~~ sujeitos aos caprichos do chefe. Um dos nossos foi morto e nós queremos o assassino. Queremos os nossos direitos.
- Queremos os nossos direitos.
- Não somos escravos.
- Valemos mais que um índio.
- A gente arrisca a vida para defender a sua casa.
- Miseráveis. Arriscam a vida para me defender? Essa é a obrigação de vocês. Mercenários que trabalham pelo melhor preço. Que trabalhem para quem não pergunte do passado, porque



751. Loredano aproveita o clima, grita:

todos têm um passado sujo, de vergonha. Vocês são menos que escravos...

- Não, não somos menos que escravos. Vocês ouviram, vocês ouviram, é assim que ele considera os seus soldados. Somos mercenários, sim, homens valentes. ~~XXXXXXXXXXXX~~ Foi seu filho que matou uma índia, ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ e provocou a guerra. Mas ele agora está protegido, longe. E nós, nós estamos aqui, para ~~XXXXXX~~ lutar no lugar dele, para morrer por causa de um índio sujo. O soldo pode comprar o trabalho, mas não compra a vida dos homens, ~~XXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ D. Antônio de Mariz. Em guarda.

Tomado por suas próprias palavras Loredano arranca o punhal. Os homens em torno gritam, mas à vista do punhal se calam. No silêncio pasado, à luz das tochas, Loredano levanta a arma para D. Antonio.

752. D. Antonio encara Loredano, altivo.

753. Loredano, fremindo, suando, encara o velho, arma levantada, hesita.

754. Calmo, nobre, D. Antonio avança um passo num gesto heróico, abre a ~~peito~~ <sup>frente</sup> da roupa expondo o peito ao golpe.

755. Diante dele Loredano hesita um instante, olha em torno. Antes que possa reagir D. Antonio dá-lhe um violento golpe com a mão fechada, no alto da cabeça. O italiano geme surdamente e cai no chão.

756. D. Antonio olha em volta:

- Dentro de uma hora este homem será castigado na frente do grupo. Para ele não há julgamento. É a morte que vocês ~~mesmo~~ ~~são~~ ter de executar, eu não posso sujar as minhas armas com o sangue de um patife.

7 Ele olha em torno, apreciando o efeito de suas palavras. Os homens silenciosos, olhos baixos. Ele prossegue:

- Vou fechar os olhos para a revolta dos outros. Que a morte dele sirva de exemplo. Mas eu juro, pela minha honra; ~~que~~ qualquer homem que levante a mão contra esta casa, pagará com a vida.

120

Ele se vira e atravessa o grupo de homens que abraça ela.

Em silêncio o grupo olha Loredano e se dispersa, lentamente.

757. Caído no chão Loredano sacode a cabeça, se recobrando do golpe. Martin ajuda-o a se levantar. Em torno delas ficam cinco homens. Martin conduz Loredano até a parede, onde ela se encosta. Loredano, com ódio:

- Procurem Rui Soeiro. Ele está na guarda.

Os dois dos homens se afastam.

758. Loredano tira um lenço e enrola a mão ferida:

- Quantos homens temos ainda?

Martin Vaz entra em campo a seu lado:

- Cinco aqui conosco, mais quatro na guarda, eu e você, onze ao todo.

- Pois então preparem para atacar. Já.

XXXX

759. ~~XXXX~~ Os dois homens retornam correndo, amparando nos ombros o cadáver de Rui Soeiro, arrastando os pés na terra. Depositam o corpo em frente de Loredano. Martin Vaz e os outros três homens.

760. Lado a lado, Rui e Bante mortos, no chão. Rápida PAN para ~~XXXX~~ os homens que olham de pé. Loredano arranca a espada:

- Andiamo.

Eles marcham de armas ao punho saindo do quadro.

761. Um grupo formado por Álvaro, Aires Gomas, um dos homens de Mestre Nunes e Peri sai da varanda e vai descer os degraus. O grupo de Loredano surge na esquina da casa. De repente um ruído ensurdecedor começa a se aproximar. Os dois grupos se imobilizam, Peri trepa rapidamente pela balaustrada até o telhado.

762. Contra o céu que amanhece com muitas cores Peri olha ao longe. O ruído crescendo. Ele grita:

- AIMORÉ

763. No horizonte ao longe, uma linha de índios avança rapidamente, em incrível quantidade.

764. Diante da casa os dois grupos se dispersam. Uma chuva de flechas começa a cair. Alguns homens são atingidos. Os homens correm para suas posições, agitados. Álvaro volta para dentro da casa.

SEQUENCIA 32 - INT DIA

765. ~~XXXX~~ D. Lauriana, Ana Dias, Cecília e Isabel paralisadas em torno da mesa que elas arrumavam para o café da manhã. D. Antonio no meio da sala, também paralisado no meio de um movimento. Todos olham para o teto. O ruído das flechas faz uma batucada surda no telhado. Álvaro entra. Todos reagem, como se despertassem.

D. Antonio vai até Álvaro e caminha para a porta enquanto diz:

- Não abram as janelas e as portas.

Os dois saem, enquanto D. Lauriana, calma e controlada vai até o oratório, ajoelha-se e começa a rezar uma ladainha a Nossa Senhora. Ana Dias, sempre olhando o teto, ajoelha-se atrás dela. As meninas ajoelham onde estão e ficam rezando ao som das flechas que caem do telhado.

SEQUENCIA 83 - EXT DIA

766. D. Antonio e Álvaro chegam correndo e se atiram no chão ao lado dos homens escondidos atrás das esteiras, atirando por aberturas como seteiras. Álvaro estica o ~~xxxxx~~ corpo para olhar.
767. Dois homens puxam as cordas da ponte com esforço. Um deles cai atingido por uma flecha. Imediatamente um outro toma o seu lugar, puxando com grande esforço a corda que segura a ponte. Na margem do rio, ~~xxxxxxxx~~ surge um grupo de índios correndo, sobem à ponte, gritando, nus, com tacapes nas mãos, mas nesse momento os homens conseguem, a ponte cai na água do rio, os índios caem junto e são levados pela correnteza. Os homens correm para se esconder novamente por trás das esteiras crivadas de flechas.
768. Álvaro sai correndo ao lado de D. Antonio. As flechas que caem já são menos numerosas.
769. Eles chegam junto aos canhões na escada. Os homens carregam ~~carabótes~~ rapidamente. ~~xxxxxx~~ Álvaro arranca a tocha da mão de um deles, toca no pavio e o canhão dispara. Um momento depois o outro também atira.
770. A margem oposta do rio. Uma explosão no meio das árvores, alguns índios caem mortos. Um corpo salta no ar. Outra explosão, próxima. Os índios que estão na margem voltam correndo para dentro do mato.
771. Os homens reunidos ~~xx~~ atrás das esteiras, em guarda. O ruído dos índios começa a diminuir se afastando.
772. D. Antonio segura o braço de Álvaro ~~que~~ impedindo-o de detonar outro tiro de canhão. O ruído dos índios se distancia ainda mais.



782. Cecília, olhando o pai, preocupada:  
- E nós?
783. D. Antonio levanta a cabeça lentamente para ela. Sorri, com a cara cansada e faz um afago em sua cabeça.

SEQUENCIA 85 - EXT DIA

784. A praça está movimentada; mas em ritmo lento. Gemidos. Alguns homens conduzem outros, feridos, com as flechas ainda espetadas no corpo, numa confusão de vai e vem. Homens passam correndo de um lado a outro. Álvaro anda por entre os homens procurando Aires Gomes. Vê o escudeiro e sai correndo.

785. Aires Gomes arranca a flecha do peito de ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Silvestre. O menino está morto. Aires chora, abraça o corpo do filho, chorando. Álvaro chega e pára atrás dele, compungido. Toca o ombro de Aires. Ele levanta a cabeça chorando, delta cuidadosamente o filho morto no chão, enxuga os olhos nas mangas do gi-bão, põe-se de pé:

- O que é, Álvaro? D. Antonio está chamando, não é?

Diante d'ele Álvaro não sabe o que dizer. Aires compreende a aflição do moço, sorri engolindo a própria emoção, olha de lado, grita:

Um homem acode, correndo.  
Ele olha para Álvaro:

- Serafim,  
~~XXXXXXXXXXXX~~ <sup>o</sup> menino, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
Melhor não dizer nada para Ana. Ela vai ficar...

Álvaro bate carinhosamente no ombro do escudeiro. Ele suspira, olhando o menino no chão, sacode a cabeça, olha para Álvaro:

- Vamos.

Eles se afastam, enquanto Serafim e outro carregam o corpo.

SEQUENCIA 86 - INT DIA

786. No gabinete de D. Antonio, reunidos em torno da mesa, D. Antonio, Álvaro, Aires. O velho

fala:

- Vamos usar mais os canhões. Foi isso que fez efeito. Os aimorés são muito atrasados, não devem conhecer nossas armas. Ao mesmo tempo, precisamos trazer os muros mais para dentro do pátio. A distância não...

SEQUENCIA 87 - EXT DIA

787. Os homens em fila nos fundos da casa, cuias na mãos caminham lentamente. Na porta da cozinha, aberta só na metade superior Leonor Vaz e duas das mulheres novas distribuem a sopa. Os homens se afastam com a cuia e pedaços de pão na mão. Sentam-se por ali mesmo, no chão, encostados à parede.

788. Diante da porta do barracão Loredano e Martin Vaz meio isolados dos outros comem. Loredano diz:

Martin Vaz:  
Loredano:  
Martin Vaz:

- Podemos atacar antes dos índios.  
- Atacar? Não agora, não podemos.  
- Podemos fugir também.  
- Não tem jeito. Os danados dos índios devem ter cercado tudo. E esses são bravos, ouvi dizer que eles comem gente. Hugh!

789. Loredano <sup>nao quer</sup> se vira calmo, remoendo planos:

Martin Vaz:  
Loredano se põe de pé:  
Martin Vaz:  
Loredano:

- Mas eu quero a menina... Já sei o que nós vamos fazer. Reúna os homens do nosso bando.  
- A esta altura já não temos mais bando. Todo mundo está junto.  
- Reúna os homens. Já.  
- O que que você pretende?  
- Vamos atacar imediatamente.

790. Crispim surge da esquina da casa, desvairado, gritando:

- Estão chegando. Estão chegando. Os índios, os índios comedores de gente.

Ele passa pelos homens que imediatamente se põe de pé, derrubando as cuias







vegetação da margem.

SEQUENCIA 90 - EXT DIA

806. Álvaro corre pela praça e ataca os índios que assolam um dos brancos.  
Ele grita; ~~debandar, debandar~~ - Debandar, debandar.
807. Os homens correm, tentando se livrar dos índios que os agarram.
808. Álvaro corre para o lado do canhão e dá instruções, gritando e gesticulando à medida que os homens movem o canhão. O canhão dispara.
809. A bala explode dentro da praça agora. Da cortina de fumaça, alguns homens de D. Antonio correm em direção à casa. Outra explosão, mais fumaça, mais homens correndo. Os índios avançam agora, correndo praça acima. Alguns, mais temerosos, esperam olhando de trás da fumaça.
810. Os homens do bando ajoelhados em fila junto à parede da varanda da casa, armas no rosto. Um deles grita:

- Fogo!

Atiram todos.

811. Os índios caem, alvejados, em grande número. Outra explosão e mais alguns caem mortos. Outros recuam e correm para a margem e se atiram no rio, mas alguns insistem e correm para cima. Nova explosão, ~~corpo voam~~.
812. A fumaça se dissipa: no silêncio que se forma súbito, pesado, corpos, em grande número juncam a praça, mortos no chão. Ao longe, do outro lado do rio um grupo de índios se retira em silêncio, sumindo como sombras no meio da mata. Depois de um longo e imóvel silêncio ouve-se um primeiro gemido, e outro, e outro. Alguns corpos começam a se mexer, alguns homens começam a, cuidadosamente, avançar pela praça em direção aos feridos.

SEQUENCIA 91 - INT ~~NOVA~~ NOITE

813. ~~XX~~ Lento TRAV pelo corredor: através das portas abertas vê-se cada quarto totalmente modificado. Os móveis amontoados em algum canto, o chão

ocupado por corpos feridos, ensanguentados, as mulheres que se movimentam de lado a outro. Gemidos ~~em~~ enchem o ar. No último quarto a CAM penetra. D. Lauriana enfaixa a cabeça de um aventureiro muito jovem, deitado ao lado de três outros, imóveis, gemendo baixinho, esperando atendimento. A um canto Cecília e Isabel cortam lençóis em tiras. A CAM completa o círculo pelo quarto e mostra a porta: Leanor Vaz~~x~~ entra correndo:

- D. Lauriana, vou precisar de ajuda. A mulher do Manuel está dando a luz.

Ela sai e Isabel sai atrás dela.

SEQUENCIA 92 - INT NOITE

814. Choro de criança. A mulher deitada no chão, cansada, recebe no colo o recém-nascido. Beija-o e mostra ao homem que está deitado ao lado. O homem tem os olhos abertos, mas sem brilho, está morto. A mulher abraça a criança e grita defendendo-a.

SEQUENCIA 93 INT NOITE

815. D. Antonio caminha pelo centro do barracão, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ *a CAM acompanha-o em TRAV pelo corredor* formado de um lado pelos corpos dos índios e do outro pela longa mesa coberta de cadáveres de brancos. Ao fim do corredor ele pára, debaixo de uma das tochas que ardem na parede e se volta. Aires Gomes entra em campo e pára ao lado dele.

D. Antonio:

- Muitas baixas, Aires, muitas baixas.

Aires:

- Quarenta e nove índios só ~~XXXXXXXXXX~~ no pátio. Dos nossos perdemos dezoto e temos catorze feridos, alguns com condição de luta.

D. Antonio olha ao volta e sacode a cabeça:

- Temos de dar um entêrro cristão para esta gente. Assim que os homens

estiverem descansados você...

Uma voz aguda, cantando um Te Deum em latim interrompe a cena. Os dois olham na direção de onde vem a voz. Aires pega a tocha da parede e âles avançam.

816. Um canto escuro da parede. À medida que a luz avança vemos Crispim sentado no chão tendo no colo o corpo de Silvestre, morto. Ela canta, alheio a tudo, olhar perdido, sorrindo, balançando o corpo para a frente e para trás.
817. Aires e D. Antonio olham, perplexos. Aires se descontrola, contrai o rosto e deixa cair a tocha. D. Antonio o ampara.
818. No canto, a tocha caída no chão de terra, Crispim canta, ninando o irmão morto.

SEQUENCIA 94 - INT NOITE

819. O outro barracão. Homens sentados pelo chão, alguns feridos e enfaixados, comentam em voz baixa os detalhes da batalha. A CAM TRAV por entre âles e vai até o fundo do barracão. ~~xxx~~ Sentados no canto, Loredano e Martim Vaz: Loredano:

- Entramos, eu pego a menina. Se você quiser pode pegar a outra.

Martim Vaz:

- Mas as portas estão bloqueadas por dentro...

Loredano:

- Entramos... Reúna os homens. Vamos dividir o grupo em dois. Entramos, matamos todos. Um grupo sai pela frente. Ataca os índios. Nós vamos em outro grupo e atacamos por trás.

Martim Vaz:

- Loredano, os homens são muito poucos. Não temos chance nenhuma...

Loredano está absolutamente perturbado, mas fascina o outro como uma cobra preparando o bote:

- Então não atacamos por trás. Eles seguem pela frente e pulam nos braços dos almorás. E nós, enquanto isso, fugimos. Você leva a mestiça, eu com Cecília.

- Martim Vaz: - Isso é traição. Não podemos abandonar os homens assim...
- Loredano: - Quantos são?
- Martim Vaz: - Doze.
- Loredano: - Todos do nosso lado?
- Martim Vaz: - Sim, mas agora elas...
820. Loredano se levanta, febril, tira do peito o mapa da mina e abana-o diante de Martim Vaz sentado.
- Loredano: - Eu tenho isto. O ~~mapa~~ mapa para a riqueza, para o poder. ~~XXXXXXXXXX~~ Ninguém luta contra este argumento.
- Ele guarda o mapa no peito do gibão:
- Vamos, traga cavalos e avise os homens. Vamos entrar.
- Martim Vaz se levanta e os dois seguem, saindo de campo.

SEQUENCIA 95 - EXT NOITE

821. Peri corre pelo mato no escuro. Corre velozmente, a CAM O acompanha. Ao lado de uma árvore ele estaca, ouve. Trapa na árvore, olha em volta.
822. Ponto de vista de Peri: numa grande clareira os índios estão espelhados em grande número, dormindo. Uma fogueira acesa no centro deixa ver grande quantidade de utensílios espalhados pelo chão.
823. Peri, do alto da árvore observa.
824. Do mato surge um grupo grande de índios ~~XXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXX~~ chegando. ~~XXXXXXXXXX~~ Alguns se levantam para recebê-los.
825. Do alto da árvore, Peri observa.

SEQUENCIA 96 - EXT NOITE

826. À luz de uma tocha que Martim Vaz segura, Loredano ~~ex~~ examina a parede lateral da casa. Junto do chão há uma

viga de madeira <sup>vale</sup> sustentam~~xxx~~ parte da  
~~xxxxxxxxx~~ construção.

827. À luz do fogo, os olhos do italiano  
 brilham. Ele diz para Martim:

- Puxamos a viga e a parede cai.  
 Entramos por aqui, de repente, sem  
 ninguém saber.

Martim Vaz faz uma cara de dúvida.

Loredano continua, febril, louco:

- Traga dois cavalos. Antes do ama-  
 nhacer isto está pronto.

Martim se afasta com a tocha. De fa-  
 ca na mão Loredano começa a raspar a  
 parede, no escuro.

#### SEQUENCIA 97 - EXT NOITE

828. Mestre Nunes sentado no último de-  
 grau da escada, vigia. Uma figura  
 cruza calmamente em frente dela.

Mestre Nunes chama:

- Ê, vosmecê não é do bando do exco-  
 mungado?

O vulto estaca, leva a mão à espada.

É João Feio:

- Sou do bando de Loredano, homem va-  
 lante que não se dobra.

Mestre Nunes se põe de pé, cospe para  
 o lado, enfia a tira de couro da arma  
 no ombro, aproxima-se, matreiro, rindo:

- Um excomungado, filho do diabo. Es-  
 cute o que estou lhe dizendo.

Ele coloca a mão no ombro do homem-  
 zinho. João Feio empina o corpo, em  
 guarda, desconfiado:

- Vosmecê é crante?

829. João Feio:

- Sou cristão, sim senhor. Mas não vou  
 aceitar que insultam meu ...

8x Mestre Nunes aproxima o rosto do homem:

- Pois não sabe o senhor que cris-  
 tãos bons praticantes deviam de an-  
 dar em melhor companhia?

João Feio se impressiona:

- O que é que o senhor quer dizer?

Mestre Nunes, baixando a voz:

- Não sabe o senhor quem é êssa tal de Loredano? O que faz, de onde veio?

João Feio, também cochichando:-

- Pois veio da Itália, segundo me consta.

Mestre Nunes: sussurrando:

- Veio do inferno, isso sim. Êsse homem já morreu. Ou melhor, o que êle tinha de bom já está morto e enterrado.

João Feio, falando muito baixo, junto do rosto de Mestre Nunes:

- Ê?

Mestre Nunes, cada vez mais misterioso:

- Êle cometeu o maior dos sacrilégios.

Suspense:

Há um ano êle era um frade carmelita e se chamava Frei Ângelo de Luca.

João Feio vai reagir, mas Mestre Nunes sacode\_o, já senhor da situação:

- Morou na minha casa, comeu da minha comida. Depois sumiu, inventou que tinha sido martirizado pelos índios. E agora renasce, o bandido, Loredano...

João Feio olha para o MM velho, pisca os olhos, perdido. Uma grande raiva começa a se formar em sua face.

830. Num gesto brusco, grandiloquente, êle se afasta de Mestre Nunes, tira a espada, indignado e cômico:

- Pois que me dê uma prova, senhor. Não se difama assim um homem de bem.

831. Mestre Nunes ri, mostrando os dentes:

- Pergunte a êle mesmo se não me acredita.

832. João Feio fica um momento perdido, hesitando diante do velho, depois se vira bruscamente e sai resmungando:

- Filho de cão, desgraçado. Se êsse homem é um danado dum excomungado eu



pa e parede do outro lado, vozes indistintas se aproximam.

SEQUENCIA 100 - EXT NOITE

841. João Feio e mais seis ou sete homens param diante de Loredano. O italiano se põe de pé. João Feio avança para êle:

- Frei Angelo de Luca.

Loredano reage violentamente, agarra o homem pela roupa:

- Não diga êsse nome, nunca!

João Feio se desvencilha e coloca-se em guarda:

- Vocês viram todos, aí está a prova. Êsse homem é um bandido...

Êle avança para Loredano, lutam. Os outros homens avançam, confusão.

SEQUENCIA 101 - INT NOITE

842. D. Antonio e Peri ouvem os ruídos e as vozes diante do oratório. A porta se abre, os dois se voltam.

843. Álvaro e Aires Gomes chegam à sala.

844. Peri e D. Antonio caminham para êles.

D. Lauriana se levanta, ouve os ruídos.

~~XXXXXXXXXX~~

SEQUENCIA 102 - EXT NOITE

845. Luta ao lado da parede. Os cavalos espantados empinam, tentam correr puxando as cordas.

846. Por entre as pernas dos homens que lutam as cordas puxam a viga que já está metida para fora, mais um puxão.

847. Loredano é atirado contra a parede.

SEQUENCIA 103 - INT NOITE

848. A parede do oratório despenca soterrando ~~XXX~~ santos, flores, velas num monte de rebôco, numa nuvem de poeira. Cecília e Isabel despertam e se põem de pé com um grito. Álvaro, D. Antonio, Aires, D. Lauriana e Ana Dias olham paralizados.

849. A ~~XXXXXX~~ nuvem de poeira se desfaz aos poucos, um vulto se põe de pé e avança. É Loredano, sujo, possesso. Êle olha em

~~VXI~~



volta, vai dar um passo. Os homens entram depressa pela abertura, agarram Loredano. Ele se debate. João Feio avança.

850. Coloca-se diante de D. Antonio:

- D. Antonio, este homem...

D. Antonio interrompe com um gesto:

- Eu sei quem ele é. Esse homem já foi condenado e deve morrer. Agora saiam, saiam todos desta casa.

No silêncio pesado todos imóveis.

D. Antonio:

- Que mais vocês querem?

João Feio avança um passo, se ajoelha na frente do velho:

- Quaremos perdão pela revolta. Nossos braços estão a serviço da defesa do senhor e da sua família.

851. D. Antonio olha o homem a seus pés, olha em volta.

852. Todos imóveis, esperando. Loredano de olhos fixos em Cecília.

853. Ao lado de D. Antonio Cecília baixa os olhos, com medo. D. Antonio olha para o homem,

854. Ela estende a mão, João Feio baixa em silêncio.

855. Loredano escapa dos homens, braços estendidos corre na direção de Cecília, patético:

- Cecília...

856. D. Antonio se coloca na frente da filha, rapidamente. Os homens agarram Loredano. Ele se debate, os homens o arrastam para fora, ele se contorce estendendo os braços para ela, gritando. Os homens saem todos pela abertura.

Por um momento a família fica paralizada, Cecília chora no ombro do pai. Isabel pega-a pelos ombros e leva-a a um canto, enquanto D. Antonio caminha até os destroços.

857. Com a ponta da bota ele examina as pedras caídas no chão da sala. D. Lauriana ~~ex~~

entra em campo ajoelhando-se nas pedras.  
Ela afasta uns cacos e encontra uma imagem  
ainda inteira.

858. D. Antonio levanta a cabeça, vira-se:

- Aires, providencia um jeito de ta-  
par esse buraco. Vamos ter outro ata-  
que de manhã.

Ele caminha até o canto da sala, pas-  
sando por Cecília, sentada no catre, cho-  
rando no ombro de Isabel. Aires Gomes se  
retira. D. Antonio pára ao lado de Álvaro  
e Peri, olha para os dois.

859. Peri:

- Peri viu aimoré. Muitos guerreiros,  
~~XXXXXXXX~~ guerreiro branco perde. Iara  
morre.

860. D. Antonio, tomado de surpresa, per-  
plexo, olha para Álvaro.

861. Álvaro, não menos surpreso, olha para  
Peri

862. Peri continua:

- Peri parte.

863. Álvaro:

- Para onde?

864. Peri olha para êle sem responder. Vira-se  
para D. Antonio e diz em guarani:

- Peri tem um jeito de salvar a Iara,  
salvar todos os brancos.

865. Álvaro e D. Antonio, mudos, olham o  
Índio, Peri continua, em guarani:

- Se guerreiro branco encontrar a ca-  
beça de Peri, ~~XXXX~~ separada do corpo,  
enterra junto com arco de Ararê.

Solene, ôle estende o arco a D. Antonio.

O velho olha o arco, mas não pega.

Cecília entra em quadro, por trás do pai.

D. Antonio diz:

- Peri salvou minha filha, mas não  
pode salvar todos. Peri morre...

866. Peri, em guarani:

- Peri corre, Iara vive. Só Peri po-  
de salvar Iara.

Ele se volta para Álvaro, em  
português:

- Álvaro, ama Ceci.

867. Álvaro baixa os olhos confusos enquanto D. Antonio, a seu lado, diz:
- Não, Peri, isso eu não posso permitir. Vamos morrer todos juntos, quando chegar a hora.
868. Peri:
- Não.
869. Cecília avança e se coloca entre Álvaro e o pai, encara Peri, assustada:
- Peri fica.
870. Peri sorri, olhando para ela.
871. Cecília avança mais, diante do índio:
- Peri é meu prisioneiro.
872. Peri ri:
- Ninguém prende Peri. Peri parte.
873. Num gesto rápido ôle sai correndo, atravessa a sala, arrancando um grito de D. Lauriana ainda ajoelhada no chão ao lado de Ana Dias, e desaparece pela abertura.
- Cecília grita:
- Peri!
- E vai correr, mas D. Antonio a segura. Ela chora.

SEQUENCIA 104 - EXT AMANHECER

874. Peri corre com extrema velocidade atravessando a praça, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
a longa *badina* na mão.

SEQUENCIA 105 - EXT AMANHECER

875. Peri corre com extrema velocidade por entre as árvores. A CAM o segue num TRAV paralelo.

SEQUENCIA 106 - EXT DIA

876. Um lento TRAV circular por trás dos troncos das árvores em torno da clareira: os índios são cerca de duzentos. Há mulheres e crianças pelo meio. Toda é atividade no acampamento. Vários grupos trabalham: ~~preparando~~ preparando flechas, afiando tacapes de pe-



887. Os guerreiros se lançam sobre Peri todos ao mesmo tempo. Peri luta ferozmente, mata vários deles. Aproveitando um momento preciso ele gira o tacape, mantendo os índios afastados, solta um grito selvagem e atira a arma no chão. Os guerreiros se imobilizam. O cacique surge dentre eles e chega até Peri. Peri cai de joelhos diante dele. Os guerreiros se afastam correndo e gritando.
888. Peri de joelhos, levanta a cabeça, trêmulo, olhando o rival. Está vencido, entregué.

SEQUENCIA 107 - EXT DIA

889. D. Antonio anda na varanda, de um lado para outro. Aires Gomes parado no alto dos degraus. Álvaro com um óculo de alcance, espreita a distância.
890. Através de ~~xxxxx~~ luneta: a margem do rio, aproximada pela lente: deserta, nenhum vestígio dos índios.
891. Álvaro fecha a luneta, debruça na balaustrada, olha o céu. \*
892. O sol já vai alto.
893. Aires a seu lado:
- E então?
- Álvaro sacode a cabeça:
- Nada.
- D. Antonio chega e pára ao lado deles, olhando ~~xxxxxx~~ na direção do rio:
- Não entendo. Eles já deviam ter atacado, pelo menos alguns comandos deveriam estar visíveis.
894. Ele se apóia com ambas as mãos na balaustrada, olhando ao longe.
895. Álvaro desce as escadas.

SEQUENCIA 108 - EXT DIA

896. Álvaro inspeciona os homens deitados por trás das esteiras, caminhando lentamente, mãos atrás das costas. A CAM o acompanha num TRAV paralelo: os

homens estão sonolentos, bocejam, jogam dados, limpam a arma, alguns estão feridos. Súbitamente a voz de D. Antonio, off:

- Álvaro.

Ele se volta e corre.

897. Aires e D. Antonio agitados na varanda. Mestre Nunes está junto com elas. Álvaro sobe correndo os degraus. D. Antonio, agitado:

- Meu filho, Mestre Nunes aqui resolveu o mistério. Os índios não atacam por causa de Peri.

Álvaro:

- Não entendo.

D. Antonio vai falar, mas Mestre Nunes interrompe:

- Os aimorés são canibais. Peri deve ter se entregado para ser devorado.

D. Antonio:

- Isso, isso. Era assim que ele queria salvar todo mundo.

898. Álvaro pensa um instante:

- Ainda não entendo. Peri se entrega, mas isso não muda nada na ...

899. Mestre Nunes:

- Muda. Se Peri tomar um veneno, o curare, antes de morrer, todos os guerreiros que comerem a carne dele morrem também.

Um grito agudo, seguido de choro, interrompe a conversa. Todos olham na direção de onde vem o som.

900. A porta da casa, entreaberta deixa ver Cecília que chora.

D. Antonio se precipita para a porta, entra, seguido de Álvaro.

#### SEQUÊNCIA 109 - IMI DIA

901. D. Antonio abraça Cecília. Ela chora convulsamente, agarrada à roupa do pai:

- Pai, pai, você não pode deixar ele fazer isso. Peri não pode morrer, pai.

D. Antonio tenta consolar a filha, abraça-a, leva-a para junto da mãe,

- seguido de Álvaro.
902. Isabel se junta a D. Lauriana que abraça Cecília chorando em seu colo.
903. D. Antonio olha compungido sem poder fazer nada. Álvaro se adianta:
- D. Antonio. Eu vou buscar Peri.
903. Isabel se vira bruscamente, olhando o moço, respiração suspensa, ansiosa.
904. D. Antonio encara Álvaro à sua frente um momento:
- Não, meu filho, não posso permitir. É uma loucura que...
905. Álvaro:
- Não, senhor. Se eu levar alguns homens, com muitas armas, é possível pelo menos chamar a atenção dos amóris. E então alguém pode penetrar no campo deles e salvar Peri.
906. Cecília, ainda chorosa, levanta o rosto do colo da mãe, olhando Álvaro. Isabel a seu lado está trêmula, perturbada. Cecília:
- Álvaro, não vá.
907. Álvaro:
- É a única chance.
908. Cecília:
- Eu sei, mas ao mesmo tempo...  
Ai, meu Deus, é tão difícil de resolver.
909. Álvaro:
- Fiqua tranquilo, D. Antonio, é um risco calculado. Se não for possível nós voltamos, para defender a casa.
910. D. Antonio, concentrado, pensa um longo instante, olhando o moço. Depois, num repente:
- Vou apanhar mais armas.
- Ela se volta e sai de campo rapidamente.  
Álvaro corre para a porta, abra-a.  
A voz de Isabel, off:
- Álvaro.
911. Ele estaca, fecha a porta devagar, volta-se, ela já está atrás dele.
912. Isabel, o rosto abrasado, o olhar apaiço-

nado:

- Toma cuidado.

913. Álvaro sbrri, tentando tranquilizá-la:

- Daqui a uma hora estou de volta.

914. Isabel, séria:

- Eu tenho medo... Tenho medo de não te ver nunca mais.

915. Álvaro. O sorriso murcha no seu rosto. Ele baixa os olhos.

916. Isabel, olhando para êle, intensa.

Ela levanta o braço com a pulseira:

- Mas eu tenho uma lembrança tua, que não vou tirar nunca.

917. Muito próximos, o bracelete entre êles, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ se olham intensamente. Álvaro se curva lentamente

918. Close: os lábios dêlas, muito próximos do ouvido de Isabel. Êle sussurra:

- Eu te amo.

#### SEQUENCIA 110 - EXT DIA

919. Peri amarrado com os braços e as pernas abertas, de pé, entre duas estacas. De um close inicial que enquadra seu rosto e uma pulseira de frutinhas amarelas que êle tem no braço direito, quase na altura do ombro a CAM recua revelando em torno dêla a tribo de aimorés celebrando um rito. Duas filas de homens dançam, ao som de alguns instrumentos.

920. O cacique, a mão enfaixada, suando muito de ódio e de dor, fuma um cachimbo, cercado de alguns velhos. Diante dêlas o pajé dança ~~XXXXXXXXXXXX~~ <sup>agitado</sup>.

#### SEQUENCIA 111 - EXT DIA

921. Loredano amarrado a um poste diante dos barracões, nos fundos da casa. Êle assiste a cena que se desenrola em torno dele:

922. Dois homens passam carregando ~~XXXXXXXXXX~~ o corpo de Silvestre e caminham até uma grande vala ao lado do barracão. Dentro dela já há muitos corpos de índios e al-



guns brancos. Aires Gomes, dentro do buraco recebe o filho no colo, com a expressão dura.

923. Os outros homens dentro da vala, assistem parados, quietos. Aires Gomes caminha pela vala, entre os corpos no chão levando o filho com esforço. Por fim cai de joelhos.

924. Deposita o corpo do menino na terra vermelha e começa a cobri-lo com punhados de terra.

~~925. João e o outro homem se aproximam com~~

~~as achas de lenha.~~

~~Colocam nos pés de Loredano~~

~~as achas de lenha.~~

925. Loredano amarrado ao poste, assiste com o olhar perturbado. Sorri doentamente e baixa a cabeça. Encurva o corpo e olha para dentro da própria roupa.

926. Pela abertura do peito, junto da pele, vê-se o mapa da mina.

927. Loredano ~~xxxxxx~~ fecha os olhos com força, começa a rir, rir, mas pára e dá um arranco com o corpo tentando se livrar das cordas. Inútil. Ele encosta a cabeça no tronco e olha o céu.

João e o outro homem se aproximam com achas de lenha. Colocam nos pés de Loredano. Ele se agita, protesta:

- O que é isso? Pra que essa lenha?  
O que é?

928. João olha para ele, ri e se afasta.

929. Mais dois homens se aproximam com achas de lenha que ~~xxxxxxx~~ atiram nos pés dele. Loredano se contorce, ruga, grita. É obrigado a levantar os pés e pisar nos gravetos que os homens jogam a seus pés.

930. Crispia chega diante dele. Ele pára de se agitar e olha o menino. \*

931. Crispia sorri para ele, doce e abana a mão num gesto de adeus.

SEQUENCIA 112 - EXT DIA

932. Diante de Peri os índios dançam.

933. ~~Álvaro se põe de pé novamente, agarra o~~  
Ponto de vista de Peri: as duas filas de almorés que dançam frente a frente. Lá adiante, no fim da fila o cacique se põe de pé, o pajá, acena, a dança pára.

934. Close de Peri: extremamente tenso, suando, êle inclina a cabeça e arranca uma frutinha amarela da pulseira que tem no braço, segura-a entre os dentes, vai mordê-la. O som da tiros chama a sua atenção.

935. Ainda em suas posições os <sup>índios</sup> ~~almorés~~ se voltam: do outro lado da clareira um dos telhados de palha está em chamas e outro começa a queimar e outro. Os índios correm todos. Ouvem-se tiros.

936. Peri amarrado: êle cospe a frutinha sem ter mordido. Álvaro surge por trás dêle, corta as cordas de suas mãos e se abaixa para cortar as das pernas. Peri fala:

- Não. Peri fica. Peri morre.

~~937.~~ Álvaro se põe de pé novamente, agarra o braço dêle:

- Vamos, por aqui, depressa.

Peri solta o braço, Álvaro se volta para êle. Um tacape vem voando e atinge Álvaro na testa. Peri se volta, apanha o tacape no chão e investe.

O índio se atira para êle, êle golpeia o índio na cabeça. Olha a luta.

937. Toda a tribo está lutando num dos cantos da clareira. Ouvem-se gritos, muitos tiros, gemidos.

938. Peri, abalzado no chão, vira-se para Álvaro. Êle está caído, a cabeça aberta, sangrando muito.

SEQUENCIA 113 - INT DIA

939. Na sala a família reunida: D. Antonio ~~assiste~~ limpando suas armas, D. Lauriana, Ana Dias, Cecília e Isabel sentadas lado a lado, rezando em voz baixa. A atmosfera pesada e silenciosa.

940. A porta se abre de repente, ruidosamente e contra o sol forte que brilha fora, a silhueta de Peri com Álvaro nos braços, morto.
941. Todos se voltam para eles. Cecília cai desmaiada, Isabel tem reação oposta e fica hirta, sem demonstrar nem mesmo susto. D. Lauriana e Ana Dias se põem de pé, amparam Cecília, colocam-na deitada. D. Antonio ~~xxxxxxxxxxxx~~ se levanta lentamente. Peri finalmente entra e avança até o centro da sala. Coloca Álvaro no chão, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ D. Antonio de pé olhando, paralizado, Isabel se ajoelha ao lado do moço e sem um grito, sem um soluço começa a limpar com a saia o sangue de seu rosto.
942. D. Antonio levanta o rosto para Peri.
943. Peri olha D. Antonio.
944. Assim estão num momento silencioso quando se ouvem gritos, o troar dos índios que se aproximam, tiros lá fora, próximos.
945. D. Antonio se precipita para a porta. ~~Rxxx~~ As empregadas, Leonor Vaz, Martina e Leda Miranda, e duas das outras mulheres, com três crianças, entram correndo na sala e se encolhem num canto. Peri olha para o chão.
946. Isabel limpa, mecânicamente, o rosto de Álvaro.
947. Peri olha para o sofá.
948. D. Lauriana tenta inutilmente fazer despertar Cecília.
949. Peri, pende a cabeça, triste, desanimado, vira-se para sair. Isabel agarra-o pelo braço:
- Me faz um favor.
- Peri olha para ela, sério, mudo.
- Ela está febril, alheia à batalha, apesar do choro das mulheres. Isabel:
- Traga o corpo de Álvaro.
950. Peri olha para ela profundamente.
951. Peri openha o corpo de Álvaro do chão,



961. Ana Dias chora, cobrindo o rosto com as mãos. Aires chega diante dela e abraça.
962. ~~Ex~~ Mestre Nunes pela porta entreaberta ainda dispara alguns tiros, ao lado dos dois maninhos. A fumaça se adensa.
963. Parado a um canto escuro Peri olha tudo, impassível, pensando.

SEQUENCIA 116 - INT DIA

964. Álvaro deitado na cama, ~~XXXXX~~ pálido. Isabel entra em campo e se deita ao lado dele, ~~XXX~~ A fumaça envolve tudo numa névoa branca. Isabel beija o rosto de Álvaro, os olhos, o nariz, as faces, a testa, os lábios. A fumaça se adensa. Álvaro, subitamente, respira fundo, convulsivamente. Isabel se assusta, agarra-se a ele. Ele entreabre os olhos, sorri e sussurra:

- Isabel...

Isabel chora, ri, fecha os olhos e beija-o nos lábios, suavemente. Eles se beijam no meio da fumaça. A CAM recua do close num lento TRAV. A fumaça cada vez mais densa encobre os seus corpos nus, na cama.

SEQUENCIA 117 - EXT DIA

965. Os índios, em incrível número enchem a praça, gritando, agitados. Flechas de fogo cruzam o céu. O telhado da casa está em chamas muito altas soltando fumaça negra.
966. Os pilares de pedra que sustentam a casa por baixo da balaustrada da varanda. Há grossas cordas amarradas em cada um deles. Dois índios terminam de amarrar a corda num deles e se afastam ao longo da corda. A CAM PAN com o movimento deles, revelando que ~~em~~ cada uma das cordas está sendo puxada por hordas de almorás.

SEQUENCIA 118 - INT DIA

967. D. Antonio e D. Lauriana avançam até o centro da sala, abraçados. D. Antonio:

- Mestre Nunes, abra as portas e as janelas. Vamos morrer olhando o céu.

968. O velho obedeca, imitado pelos dois jovens: eles abrem a porta e as cinco grandes janelas para o céu azul e claro, ansolarado, manchado apenas pelas ~~ruínas~~ flechas de fogo.
969. Ana Dias enxuga os olhos. Aires Gomes passa o braço por seu ombro. Ela pergunta, ainda embargada, *mas conformada*:
- E os meninos, Crispim, Silvestre?...
- Airas olhando à frente:
- Vamos encontrar com elas.
- A fumaça se adensa, do teto caem gotas de fogo.
970. Contra as janelas D. Antonio e D. Lauriana de costas, olhando para fora. D. Lauriana se volta para ver Cecília.
971. O sofá está vazio.
- ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

SEQUENCIA 119 - ~~rock~~ EXT DIA

972. Ranta à parede da casa Peri corre, com Cecília nos braços.
973. Amarrado ao poste, Loredano se agita, tentando se libertar das cordas. Peri passa à sua frente correndo com Cecília no colo.
974. Loredano pára, fulminado pela visão do índio fugindo com Cecília.
975. Peri desaparece atrás do barracão.
976. Loredano ~~desesperado~~ reage. Sacode-se frenético, tentando soltar as cordas, gritando loucamente:
- Cecília, Cecília...
- De repente, uma flecha de fogo cruza à sua frente.
- Ele se imobiliza, instantaneamente.
977. A flecha cai entre os gravetos aos pés de Loredano, o fogo começa.
978. Loredano se sacode, desesperado, fora de si, urrando, gritando, A CAM desce para close do seu peito, o mapa se solta. A cada movimento de Loredano o mapa se desloca mais. Finalmente cai.
979. Loredano fica paralizado, olhando para as chamas.
980. O mapa sobre os gravetos se queima lentamente a começar pelas ~~ruínas~~ bordas.
981. Loredano amarrado ao poste. Ele vê, completa-

menta desvairado, diabólico.

As chamas crescem e o cobre inintencionalmente.

SEQUENCIA 120 - EXT DIA

982. O telhado da casa em chamas. Os índios, na praça, aos gritos, puxam as cordas.

A parede frontal desaba.

983. No centro da sala, contra uma parede de fogo, um grupo extático, como uma monumento: D. Antonio e D. Lauriana abraçados, Aires Gomes e Ana Dias abraçados ao lado e atrás deles Mestre Nunes, os dois jovens, Leonor Vaz, de pé. No chão a um canto, Martina, Leda Miranda e as outras mulheres e crianças.

A CAM recua numa zoom mais e mais rápida, até mostrar toda a casa ao fundo da praça, o rio em primeiro plano.

Subitamente toda a construção explode, ~~XXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ lançando chamas e fumaça para todos os lados.

SEQUENCIA 121 - EXT DIA

984. Sobre a selva, silenciosamente ao som dos pássaros, anoitece vermelho, dourado. A CAM ~~XXXXXX~~ desce para mostrar o rio. Um barquinho avança lentamente, com uma figura remando até chegar em primeiro plano: Peri rema Cecília dorme, deitada no fundo do estreito barco indígena. Eles passam saindo de quadro.

SEQUENCIA 122 : EXT NOITE

985. A lua brilha no céu. A CAM desce para mostrar o rio. Peri rema rapidamente, Cecília dormindo. A CAM acompanha-o numa PAN.

SEQUENCIA 123 - EXT DIA

986. Novamente amanhece.

987. No rio ainda escuro, pelo centro da corrente Peri rema entre ~~XX~~ plantas aquáticas. Ele agarra uma haste de dentro d'água. A canoa pára de correr. Ele amarra a canoa.

988. Peri na curva sobre Cecília. Ela está pálida, quase morta, desacordada.

989. Peri parece extremamente preocupado. Levanta-se e entra na água, silenciosamente, mergulha e desaparece. Cecília fica dormindo na canoa que oscila de leve.
990. Cecilia dorme. O ritmo de sua respiração se altera. Ela se mexe. Súbitamente ela abre os olhos, assustada, retornando de muito longe, senta-se de repente balançando perigosamente o barco. Agarra-se nas bordas, olha em volta a selva ainda escura e grita histéricamente, uma, duas vezes e começa a chorar convulsivamente, sacudindo a canoa.
991. Isolada no meio do rio ela chora e balança o barquinho. Por fim se cansa e tomba na borda, ~~xx~~ o rosto próximo da água, a mão mergulhando no rio.
992. Peri surge da água, segura na borda da canoa e joga pincas de frutas para dentro. Alça o corpo, soba e se senta.
993. Cecilia olha para ele, olhos vermelhos, inchados, ainda chorando. ~~xxxxxxxxxx~~
994. Muito sério Peri estende uma fruta para ela.
995. Ela olha a fruta, olha Peri, ~~xxxx~~ dá um tapa na fruta, atirando longe e chora ~~xxxxxxxxxx~~ com força, encarando Peri.
996. Peri olha para ela, apanha outra fruta e estende novamente. ~~z~~
997. Ela chora ~~xxxxxxxxxx~~, grita com raiva, atira a fruta longe novamente e salta sobre Peri. ~~xxxxxxxx~~ Bate nela, chorando, gritando. Peri a agarra pelos pulsos e faz que ela se sente novamente em seu lugar, enérgico. Agarra as frutas e atira na água.
998. Cecilia se sobressalta, olha as frutas, olha Peri, com medo.
999. Rapidamente Peri desamarra a canoa e começa a remar.
1000. Cecilia, com o tranco do barco, se agarra na ~~xxxxxx~~ <sup>borda</sup>, olhando o índio, assustada.
1001. Elas passam, cortando mansamente a água do rio entre as margens de selva fechada. O sol brilha forte. Peri rema sem parar e Cecilia deixada no proa do barco, desanimada e alheia.



## SEQUENCIA 124 - EXT NOITE

1002. Na ~~xxx~~ água escura o barco desliza suavemente entrando em campo e parando. Cecília dorme e novamente Peri amarra o barco entre as plantas floridas. Peri se deita e dorme instantaneamente, cansado.

## SEQUENCIA 125 - EXT DIA

1003. Por entre as folhagens das árvores brilham os primeiros raios de sol, formando resplendores no vapor que sobe do rio.
1004. Cecília dorme tranquilamente.
1005. Peri dorme.
1006. A linha de sombra ~~xxxx~~ desliza pelo corpo de Cecília e finalmente o sol amarelo da manhã bate em seu rosto. Ela desperta, protege os olhos com a mão, senta-se e olha o rio.
1007. O rio solene, lindíssimo, com nuvens de vapor muito fino subindo para o ar.
1008. Cecília molha a mão na água, passa pelo rosto. Está mais calma, olha em volta.
1009. A corrente colocou o barco quase na margem do rio, encalhado entre plantas aquáticas. Cecília olha em volta.
1010. Cecília olha para Peri e se aproxima dele.
1011. Peri dorme. A CAM subjetiva examina o Índio adormecido: ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ as pernas, o peito ainda ferido no ombro, o rosto repousado, dormindo profundamente à sombra da árvore.
1012. Cecília, séria, suspira profundamente e sorri. Senta-se novamente, olha para os lados ao mesmo tempo livre e prisioneira. Ele olha para as plantas em torno do barco.
1013. Sua mão entra em campo e apanha uma flor branca da vegetação aquática.



1029. Peri faz que sim com a cabeça.

1030. Cecilia sorri, se recuperando:

- E vai ficar lá comigo?

1031. Peri:

- Peri, goitacá. Não pode viver na  
taba dos brancos.

1032. Cecilia, fazendo charme:

- Porque?

1033. Peri:

- Peri, aqui, rei. Na taba dos brancos  
Peri escravo. ~~Ceci~~<sup>Ceci</sup> vai, Peri fica.

1034. Cecilia sorri novamente.

Peri se volta e sai para dentro do mato.

SEQUENCIA 126 - EXT DIA

1035. O céu negro de nuvens pesadas.

Um trovão soa muito forte e a chuva  
começa a cair violentamente.

1036. Peri e Ceci correm pelo meio do mato.

Cecília cai, Peri a carrega e conti-  
nua correndo.

1037. Debaixo de uma pedra que forma uma  
espécie de cobertura os dois chegam  
correndo e se sentam, ~~xxxxxxxxxx~~  
muito molhados.

Cecília torce ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

~~xxxxx~~ os cabelos, ajalta-os em cima  
da cabeça. Torce a barra do vestido, *rasgado, sujo,*  
tirando a água. Espirra.

1038. Peri olha para ela.

1039. Ela olha para Peri, sorri, com alguma  
malícia, põe-se de pé, desabotoa o  
vestido e tira-o.

1040. Peri olha para ela, contente. Diante  
dêla, ~~xxx~~ de camisola branca ela esten-  
de o vestido sobre uma pedra e espirra  
de novo. Peri junta uns gravetos secos  
que estão em volta e bate duas pedras  
fazendo fogo. Cecilia se senta ao lado  
dêle, riu diante do fogo que cresce.

~~xx~~

A CAM recua, sai para a chuva que cai  
pesadamente. Como dois seres primiti-  
vos eles se aquecem ao fogo, juntinhos.

SEQUENCIA 127 - EXT ~~NOITE~~ NOITE

1041. A tempestade, ainda mais forte, agita a água do rio, sacode as árvores e palmeiras. Um raio cruza o céu iluminando tudo.
1042. Debaixo da pedra o fogo ainda queima. Peri está dormindo. Cecília, sentada ao lado dela olha o fogo e pensa. Vira-se, olha para Peri dormindo. Perde o olhar no fogo e morde a fruta que tem na mão, pensando.

## SEQUENCIA 128 - EXT DIA

1043. O fogo apagado solta ainda um pouco de fumaça. A CAM recua para enquadrar Peri e Ceci que dormem, lado a lado. Um rumor violento de água que corre, mais forte que a chuva. Peri desperta subitamente e se senta olhando assustado para fora. A zoom abre rapidamente. Eles estão praticamente cercados da água do rio que subiu incrivelmente durante a noite. Chove ainda, com menos intensidade.
1044. Peri se levanta, sai depressa de baixo da pedra, entra na água, sobe para cima da pedra, trepa numa palmeira. A CAM o acompanha em plano médio.
1045. No alto da palmeira Peri de pé, olha em torno, protegendo os olhos da chuva com as mãos em chapéu.
1046. O mato em volta: o rio subiu muito, transbordando das margens inundando tudo.
1047. Cecília dorme debaixo da pedra. A água penetra agora até ela. Ela se mexe, margulha o pé na água e acorda assustada, senta-se e olha, perplexa, para a água. Peri vem andando por dentro da água, senta-se ao lado dela:
1048. Peri:

- Água-água cresceu. Muito. Canoa foi embora. Mas Peri promete que Iara ~~xxx~~ encontra Diogo. Ven.

Ela se levanta segurando o braço dela.

Ela se levanta, coloca a mão em seu peito,

detendo-o:

- Não. Peri. Eu vou ficar com você.

1049. Peri olha para ela.

1050. Ela olha para ele.

1051. Peri ri, examina o corpo ~~xxxxxx~~  
dela com o olhar:

- Ceci fraca.

1052. Cecília ri, mas finge indignação:

- Não, eu sou forte. Eu também cresci no mato. Como Peri.

Num gesto súbito ela arranca a camisola.

1053. A camisola cai na água que continua a subir em ondas rápidas e chega nos pés dos dois.

1054. Os dois olham para baixo, assustados pela água que chegou até eles. Peri agarra a menina pela mão e saem de quadro.

1055. Os dois entram na água até a cintura, nus, para conseguir subir pelo lado da pedra e chegar até a palmeira. ~~xx~~  
~~ixxx~~

1056. Ao lado do tronco os dois: Peri olha para os lados, leva Ceci até uma árvore e ajuda-a a subir. Sobe atrás dela. A chuva aumenta.

1057. A ~~xxxxxx~~ copa da palmeira ao primeiro plano. Peri sobe pelo galho de uma árvore vizinha e chega até a palmeira. Sobe nela sem largar o galho da árvore e puxa. A palmeira se inclina até tocar a ponta do galho. Cecília sobe pelo galho e trepa na copa da palmeira. Peri solta o galho e a palmeira oscila retornando a sua posição original.

1058. Plano próximo: os dois no alto da palmeira. Cecília agarrada ~~xxx~~ às folhas, com mão. Peri se senta ao lado dela, os dois acomodam os corpos juntos. De repente a palmeira se sacode. Cecília agarra Peri:

- Peri.

1059. A base da palmeira: a água, subindo sempre começa a escavar a terra em torno da raiz, fazendo redemoinhos.
1060. Caci e Peri abraçados em cima da palmeira.
1061. O tronco da palmeira: em ondas sucessivas a água sobe.
1062. Caci e Peri abraçados sobre a copa da palmeira são sacudidos violentamente, se agarram às fôlhas.
1063. O tronco da palmeira. A água o sacode, de um lado a outro.
1064. A palmeira. De repente ~~ela~~ a copa começa a se inclinar e o tronco, solto de sua base, surge à tona. Peri e Caci agarrados às fôlhas, *flutuam*.
1065. O céu escuro, nuvens agitadas.  
A voz de Peri, off, em guarani:

- Foi longe dos tempos de agora. As águas caíram e começaram a cobrir tôda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes. Um só ficou na várzea com sua espôsa.

- Era Tamandaré, forte entre os fortes, sabia mais que todos. ~~XXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~

Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subiu com ela ao ôlho da palmeira. Aí ~~espera~~ esperou que a água viesse. A palmeira dava frutos que os alimentava. A água veio, subiu e cresceu. A terra desapareceu, a água tocou o céu.

O céu se abre, mostrando o azul entre as nuvens que correm, rápidas. O sol surge.

1066. Sobre a palmeira, Peri e Caci abraçados, sorrindo, aliviados, olham o céu, o sol
1067. A palmeira desliza numa transição de água e céu, em direção ao horizonte. A voz de Peri prossegue, off, em guarani:

- Todos morreram. A água tocou o céu três sóis e três luas. Depois baixou

